

TREM FANTASMA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Expresso do interior

OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE: PATRIMÔNIO
CULTURAL DA CIDADE DE PONTA GROSSA

EDVANDERSON RAMALHO DOS SANTOS

PONTA GROSSA
2010

EDVANDERSON RAMALHO DOS SANTOS

**OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE: PATRIMÔNIO
CULTURAL DA CIDADE DE PONTA GROSSA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a aprovação na disciplina de OTCC da Universidade Estadual de Ponta Grossa, curso de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Professor Dr. Leonel Brizolla Monastirsky

PONTA GROSSA

2010

NOTA

**Seja honesto e respeite as propriedades intelectuais deste trabalho.
A reprodução parcial ou integral deste trabalho é permitida desde que se cite o mesmo:**

SANTOS, Edvanderson Ramalho dos. **Operário Ferroviário Esporte Clube: Patrimônio cultural da cidade de Ponta Grossa**. 2010, 141 p. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa-PR, 2010. Disponível em <*Link donde se baixou o arquivo*>. Acesso em: <*Data de acesso ao arquivo*>.

Para qualquer dúvida, crítica ou sugestão ao trabalho, entre em contato com o autor pelo e-mail:

eddieuepg@hotmail.com

SAUDAÇÕES FANTASMAS A TODOS!

Atenciosamente, Edvanderson Ramalho dos Santos, o Eddie.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO**

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu, **Edvander Ramalho dos Santos**, RA: 071031302, RG: 9.279.308/7, asseguro que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e a propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes, devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na LEI 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 03 de Dezembro de 2010

Assinatura do Acadêmico

DEDICO ESTE TRABALHO:

À minha família (Arnaldo, Joceli e Aline);

Á toda fanática e apaixonada torcida operariana;

À todos que fazem parte do “movimento” (e que esta chama jamais se apague...)

À todos que acreditam que um outro mundo é possível...

E à Zaratustra, o poeta bailarino

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Leonel que acreditou e incentivou nesta idéia e orientou-me com muito carinho e alegria para a realização deste trabalho.

Ao professor Doutor Ademir José Rosso por ter me guiado nos meus primeiros passos no mundo da pesquisa e incentivado a seguir nesta “jornada acadêmica”...

A todos os colegas da faculdade que tornaram prazerosa a minha passagem pelo curso de Geografia, em especial a Adriano, Bruno Mazzardo, Bruno Cidão, Carla, Cécily, Dieniffer, Douglas, Drikinha (S2), Elaine, Emerson, Kanh, Lary, Marcia, Mayã, Michell, Ruan, Tafael, William, aos camaradas *TRASHS* e tantos outros!

A memória de José Cação Ribeiro Júnior – “Pessoa é aquela que conta sua história!”

A todos que cederam entrevista ou responderam ao questionário e ajudaram na compilação dos dados para esta pesquisa.

A torcida operariana por ter me motivado a realizar esta pesquisa, devido a sua paixão peculiar– “a maior do interior...”

A minha família, por sempre ter incentivado meus estudos e proporcionar as melhores condições para esta missão...

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

É UMA PARTIDA DE FUTEBOL

*Bola na trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?*

*A bandeira no estádio é um estandarte
A flâmula pendurada na parede do quarto
O distintivo na camisa do uniforme
Que coisa linda é uma partida de futebol*

*Posso morrer pelo meu time
Se ele perder, que dor, imenso crime
Posso chorar, se ele não ganhar
Mas se ele ganha, não adianta
Não há garganta que não pare de berrar*

*A chuteira veste o pé descalço
O tapete da realeza é verde
Olhando para bola eu vejo o sol
Está rolando agora, é uma partida de futebol*

*O meio-campo é lugar dos craques
Que vão levando o time todo pro ataque
O centroavante, o mais importante
Que emocionante, é uma partida de futebol*

*O meu goleiro é um homem de elástico
Os dois zagueiros tem a chave do cadeado
Os laterais fecham a defesa
Mas que beleza é uma partida de futebol*

*Bola na trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?*

*O meio-campo é lugar dos craques
Que vão levando o time todo pro ataque
O centroavante, o mais importante,
Que emocionante é uma partida de futebol !*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar se o Operário Ferroviário Esporte Clube possui elementos que possam caracterizá-lo como patrimônio cultural da cidade de Ponta Grossa-PR. O trabalho embasa-se na nova abordagem cultural em Geografia que procura analisar o espaço a partir da dimensão cultural e as espacialidades geradas por tal dimensão. As premissas teóricas que alertam a importância de se defender o clube de futebol como patrimônio cultural são: 1) O patrimônio cultural é de fundamental importância para a sociedade; 2) A ferrovia é um patrimônio cultural do Brasil e dos Campos Gerais e possui nela, inúmeros patrimônios culturais, entre eles o Operário, objeto de pesquisa deste trabalho; 3) O futebol é um elemento central da cultura brasileira, transcendendo sua qualidade esportiva e tornando-se um elemento sociocultural espacial. Para investigar se o Operário é um patrimônio cultural, foram utilizados diversos instrumentos de coletas de dados: Entrevista semi-estruturada aplicada a grupo focal; Aplicação de questionário a torcedores e simpatizantes do Operário; Coleta de depoimentos e opiniões em sites de relacionamentos sociais e web sites em geral; Pesquisa bibliográfica. A pesquisa constatou que o Operário não é apenas um clube de futebol, pois possui características peculiares, sendo emerso num simbolismo profundo e mistificador. Portanto, o Operário é um patrimônio cultural por quatro motivos básicos: a) O Operário é uma construção histórica e simbólica, estando presente no cotidiano do cidadão pontagrossense por quase cem anos. Com isso, ele acumulou representatividade perante distintos grupos sociais; b) O Operário é um patrimônio cultural por ser uma herança das ferrovias de Ponta Grossa, e por possuir diversos elementos que lembram o trabalhador ferroviário e as ferrovias em geral; c) O Operário é um patrimônio cultural por possuir diversas manifestações culturais, que podem ser denominadas patrimônios culturais do próprio Operário. São torcedores folclóricos, músicas características cantadas nos estádios, lendas, narrativas peculiares, etc.; d) Atualmente esse clube de futebol é de fundamental importância para o cidadão pontagrossense, que se sente representado por ele no Brasil. Desta maneira, o Operário gera uma espacialidade própria, o espaço de representação do Operário, local onde as pessoas buscam se transformar em “pessoas totais”. Estes motivos atestam à importância de se valorizar o Operário como um patrimônio cultural em vários sentidos. Assim, o Operário merece ser valorizado, preservado e incentivado por sua continuidade, proporcionando qualidade de vida e possibilitando a identidade do cidadão com a cidade de Ponta Grossa. Devemos superar a visão de que o futebol é o ópio de povo, e atentar para ações e políticas públicas que invistam no esporte e na cultura, dimensões essenciais da existência humana.

Palavras-chaves:

Geografia Cultural, Patrimônio Cultural Intangível, Futebol, Memória, Cidade.

ABSTRACT

This research has as objective to investigate if the Operário Ferroviário Esporte Clube has elements that might characterize it as a cultural heritage of Ponta Grossa City. The work supports on a new cultural approach in geography that seeks to analyze the space from the cultural dimension and the spatiality generated by this dimension. The theoretical premises that alerts the importance of defending the soccer club as cultural heritage are: 1) Cultural heritage has a fundamental importance to society, 2) The railroad it's a cultural heritage of Brazil and Campos Gerais and has in it, innumerous cultural heritage, including the Operário, the research object of this work, 3) Soccer it's a central element of Brazilian's culture, transcending its quality sports and becoming a sociocultural spatial element. To investigate if the Operário it's a cultural heritage, it was used various instruments of data collection: A semi-structured interview with a focus group; a questionnaire for crowds and fans of the Operário; Collection of declarations, opinions in social and general web sites; Bibliographic research. The research finds that the Operário isn't just a soccer club, because it has peculiar characteristics, being emerged in the deep symbolism and mystifying. Therefore, the Operário it's a cultural heritage for four basic reasons: a) The Operário it's a symbolic and historical building, being present in citizen's daily for almost one hundred years. With that, he gathered representativeness with different social groups, b) The Operário it's a cultural heritage because it's a legacy of the railroads in Ponta Grossa, and it has several elements that resemble the railroad workers and the railroads in general, c) The Operário it's a cultural heritage for having many cultural manifestations that might be called the Operário's cultural heritage. They are folk crowds, features songs sung in stadiums, legends, peculiar narratives, etc... d) Actuality this soccer club has fundamental importance for the Pontagrossense citizen, who feels represented by him in Brazil. Thus, the Operário generates a spatiality of the representational space of the worker, where people seek to become "total people." These motifs attest the importance of valorize the Operário as cultural heritage for many reasons. Although, Operário deserves to be valued, preserved and encouraged four your continuation, providing quality of life, and enabling the identity of the citizen with Ponta Grossa city. We must overcome the perception that soccer it's the opium of the people, and pay attention to actions and public polities that invest in sport and culture, essential dimensions of human existence.

Key-Words:

Cultural Geography, Intangible Cultural Heritage, Soccer, Memory, City.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	A dialética do espaço.....	24
Figura 02	Estação Ponta Grossa – Ponta Grossa-PR.....	28
Figura 03	Estádio de futebol Germano Krüger do Operário Ferroviário Esporte Clube, Ponta Grossa-PR.....	29
Figura 04	Estrutura ferroviária no bairro Oficinas em Ponta Grossa-PR.....	29
Figura 05	Comemoração da torcida brasileira na Boca Maldita em Curitiba-PR.....	33
Figura 06	Equipe do Operário em 1916.....	41
Figura 07	Montagem de “operários ferroviários”.....	43
Figura 08	Os escudos do Operário desde 1914 a 1982.....	44
Figura 09	Últimos escudos do Operário Ferroviário Esporte Clube (2009 e 2010)...	44
Figura 10	Os uniformes do clube alvi-negro usados de 1913 a 1982.....	45
Figura 11	Últimos uniformes utilizados pelo Operário Ferroviário (2009 e 2010)...	45
Figura 12	Esquadra do Operário em 1922, antes da vitória de 7 a 2 contra o União Campo Alegre (UCA).....	47
Figura 13	Mascote do Operário Ferroviário: O fantasma.....	49
Figura 14	O fantasma voltou.....	49
Figura 15	Torcedor fantasiado de fantasma.....	50
Figura 16	“Fantasma” acompanha entrada do Operário em campo.....	50
Figura 17	Jogo do Operário em 1910.....	53
Figura 18	Jogadores do fantasma pousam para foto junto ao Placar do antigo campo em Vila Oficinas.....	53
Figura 19	Vista aérea do Estádio Germano Krüger e das estruturas do clube social do Operário Ferroviário Esporte Clube.....	54
Figura 20	Equipe do Operário Ferroviário, campeão Pontagrossense de 1940, pousa para foto na sala de troféus do clube.....	54
Figura 21	O Fantasma quebra a flecha bugrina.....	55
Figura 22	Um dos inesquecíveis clássicos “Ope-Guá” realizado em 07/02/1932.....	57
Figura 23	Imagem da disputa de bola num clássico entre o time dos graxeiros (Operário) e a equipe da torcida “pó de arroz” (Guarani).....	57
Figura 24	Torcedores lotam o Estádio Paula Xavier para acompanhar o Ope-Guá...	59
Figura 25	Esquadrão fantasma responsável pelo maior título da história do	

	Operário Ferroviário: Campeão Paranaense da Zona Sul (1961).....	63
Figura 26	Desfile do troféu pela cidade de Ponta Grossa.....	63
Figura 27	Equipe do Operário Ferroviário pousa para a foto de campeão da 1 ^o Divisão Paranaense da Zona Sul de 1969.....	65
Figura 28	Equipe do Operário que disputou o campeonato nacional de 1979.....	68
Figura 29	Lance da partida do campeonato nacional no qual o Operário Ferroviário derrotou o Colatina (ES) por 1 a 0, em 14/10/79.....	69
Figura 30	Equipe do Operário pousa para foto junto a Taça de Vila Velha.....	69
Figura 31	Operário Ferroviário 1 x 4 Flamengo (RJ) em 17 de agosto de 1988.....	71
Figura 32	Uma das mais fortes esquadras do fantasma nas últimas décadas, pousando para foto no jogo que venceu o Coritiba por 1 a 0 em 1990.....	72
Figura 33	Carro alegórico “trem fantasma”.....	77
Figura 34	O Folclórico trem fantasma por outro ângulo.....	77
Figura 35	Torcida organizada Trem Fantasma (TTF) (2010).....	79
Figura 36	Torcidas organizadas fazem a festa durante entrada em campo do OFEC	79
Figura 37	Brasão da Torcida Trem Fantasma.....	80
Figura 38	<i>Print Screen</i> da página inicial do <i>website</i> da torcida organizada Trem Fantasma (2010).....	80
Figura 39	Um típico “trem fantasma”.....	81
Figura 40	O Paraná vai tremer com o trem fantasma.....	81
Figura 41	Bexigas, fumaça, sinalizadores e muito barulho no Germano Krüger.....	83
Figura 42	Montagem produzida por torcedores do Operário sobre a festa da torcida no estádio Germano Krüger.....	83
Figura 43	Ganhar do Atlético-PR não tem preço.....	84
Figura 44	Extintor de pó de talco sendo disparado durante entrada do time de Vila Oficinas.....	87
Figura 45	A torcida Fúria Jovem Operariana.....	88
Figura 46	O Michael Jackson Operariano.....	88
Figura 47	Nasceu preto, morreu branco, virou fantasma, Michael Jackson Operariano.....	89
Figura 48	Domingo Paulão, Paulão estava lá!.....	91
Figura 49	Torcedor Folclórico da Fúria Jovem vai fantasiado ao estádio.....	91
Figura 50	Torcedor fantasiado de fantasma com características medonhas e	

	aterrorizantes.....	92
Figura 51	O “Stallone operariano”.....	92
Figura 52	A saga do fantasma de 2004 a 2005.....	95
Figura 53	Torcedora do Operário Ferroviário vai às lágrimas após 4º derrota consecutiva do fantasma.....	95
Figura 54	O Jogo decisivo entre Operário e Portuguesa Londrinense em 2009.....	97
Figura 55	Torcedor invade o campo na comemoração do acesso.....	97
Figura 56	Torcedor atravessa o campo de joelhos.....	98
Figura 57	Comemoração do acesso na Avenida Vicente Machado.....	98
Figura 58	“Heróis do acesso” desfilam no carro do Corpo de bombeiros.....	99
Figura 59	Torcedor faz montagem das várias fotos que marcaram o dia 27 de julho de 2009.....	99
Figura 60	<i>Print Screen</i> do <i>website</i> da Churrascaria Lugano de Ponta Grossa-PR.....	101
Figura 61	Fachada do bar “Botequim Original” em Ponta Grossa-PR.....	101
Figura 62	O lateral direito Lisa comemora junto a torcida.....	103
Figura 63	Equipe operariana de 2005, comandada pelo técnico Ricardo Pinto.....	103
Figura 64	Cristo Redentor Operariano.....	106
Figura 65	Torcedores operarianos vão ao delírio após gol da vitória do Operário Ferroviário contra o Atlético Paranaense na Arena da Baixada por 2 a 1 em 20/01/2010.....	106

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	IX
INTRODUÇÃO	13
1 MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE	16
1.1 A nova abordagem cultural em Geografia e o Patrimônio Cultural	16
1.2 Ferrovia: Patrimônio Cultural do Brasil e dos Campos Gerais	25
1.3 A importância do futebol para a sociedade	30
2 OPERÁRIO FERROVIÁRIO: PATRIMÔNIO CULTURAL	38
2.1 Operário: Patrimônio Cultural por sua história	40
2.2 Operário: Patrimônio Cultural Ferroviário	74
2.3 Os Patrimônios Culturais do Operário Ferroviário	82
2.4 Importância Atual do Operário Para Ponta Grossa	94
2.5 O que se fazer com a herança cultural do Operário Ferroviário?	107
CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS	116
ANEXO I – Roteiro da entrevista semi-estruturada	116
ANEXO II – Modelo questionário	116
ANEXO III – Links dos websites	116
ANEXO IV – Conquistas do Operário Ferroviário	116
ANEXO V – Amistoso das origens	135
ANEXO VI – Lista de clubes ferroviários	137
ANEXO VII – Operário desde criança	141

INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural, tanto o material quanto o imaterial, é de fundamental importância para a vida social (CLAVAL, 2002; MONASTIRSKY, 2006). De acordo com Reis (2009), o patrimônio cultural é um dos alicerces para o desenvolvimento da sociedade, pois expressa a cultura e a identidade de um povo. Nesse sentido, Claval (2002) argumenta que a vida social necessita que os indivíduos se sintam pertencentes a um mesmo conjunto cultural, através da história, de uma base territorial e da representatividade de seu patrimônio cultural e histórico. Sendo assim, o patrimônio aguça o sentimento de pertencimento, merecendo ser legitimado, valorizado, preservado e promovido para fins educacionais, promovendo a identidade cultural e a qualidade de vida dos cidadãos.

A preocupação com o patrimônio cultural motivou Monastirsky (2006) a estudar e promover o (re) conhecimento da ferrovia como patrimônio cultural do Brasil e dos Campos Gerais. O autor mostrou que a ferrovia é um patrimônio cultural por uma série de fatores, pois gerou um amplo legado, ao ter um grande impacto econômico, social e cultural. O autor conclui que a ferrovia é um Patrimônio Cultural da sociedade, assim como possui intrínseca a ela, outros patrimônios culturais, tanto materiais como imateriais. Entre os patrimônios materiais da ferrovia observam-se obras arquitetônicas peculiares como estações e hospitais, além de Maria Fumaças. Já compondo os patrimônios culturais imateriais da ferrovia encontram-se desde o som das locomotivas, ao cheiro da graxa, a memória dos ferroviários e até a formação de equipes de futebol, como é o caso do Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC) na cidade de Ponta Grossa, objeto de estudo desta pesquisa.

O Operário Ferroviário é uma tradicional equipe de futebol de Ponta Grossa. Oficialmente fundado em 1912, o clube é mergulhado num simbolismo historicamente construído ao longo de décadas, aonde vem atraindo ao seu estádio, o Germano Krüger, milhares de torcedores que fazem desta espacialidade um lugar especial. Conhecido carinhosamente como “fantasma da vila”, possui uma representatividade tão significativa para Ponta Grossa que até quem não gosta muito de futebol, sente sua presença no cotidiano, pois seu simbolismo esta presente por toda a sociedade pontagrossense.

Ao se ter um clube de futebol como pano de fundo da pesquisa, é importante destacar a relevância social do futebol. Campos (2006) salienta que o futebol é um elemento central da cultura brasileira, que acabou ajudando na construção de uma identidade nacional, além de estar presente na vida cotidiana de milhares de habitantes. Desta maneira, o futebol transcende

sua qualidade esportiva, tornando-se um importante elemento sociocultural espacial, que “é possível e necessário que seja estudado pela ciência geográfica” (CAMPOS, 2006, p. 36).

O quadro pintado acima evocou algumas questões de pesquisa: O Operário é um Patrimônio Cultural da cidade de Ponta Grossa? Qual a representatividade histórica e mnemônica que ele possui? E finalmente, qual a importância desta espacialidade para a sociedade pontagrossense?

Desta maneira, o objetivo desta pesquisa centrou-se na investigação se o Operário Ferroviário Esporte Clube possui elementos que possam caracterizá-lo como Patrimônio Cultural da cidade de Ponta Grossa. Este objetivo central se desdobrou em quatro objetivos específicos: a) Analisar qual a representatividade histórica e/ou mnemônica que o Operário acumulou ao longo da sua história; b) Investigar a relação do Operário com o patrimônio ferroviário na cidade de Ponta Grossa, procurando analisar quais as heranças e traços da ferrovia que este possui; c) Avaliar se o Operário possui características culturais peculiares que podem ser considerados como patrimônios culturais do Operário; d) Analisar a importância atual que o clube possui para a cidade de Ponta Grossa.

Os instrumentos de coleta de dados para esta pesquisa compõem: Pesquisa bibliográfica, realização de entrevistas semi-estruturadas com grupo focal, aplicação de questionário via *web* e pessoalmente a torcedores e simpatizantes do Operário Ferroviário e finalmente, coleta de depoimentos e opiniões de torcedores ou críticos em geral sobre o clube em jornais, *websites* e sites de relacionamento pessoal.

Parte-se da proposição que o fantasma da vila pode ser sugerido como Patrimônio Cultural por quatro hipóteses básicas: a) Por estar emerso num simbolismo construindo historicamente por quase cem anos; b) Por ser uma herança da ferrovia; c) Por possuir intrínseco a ele, inúmeras manifestações culturais peculiares; d) Por ser o clube de futebol representante da cidade perante o Paraná e o Brasil.

Para melhor organizar o trabalho, este está dividido em dois capítulos. No primeiro apresentam-se as bases teórico-metodológicas que embasarão a análise do Operário como PC, sendo dividido em três seções: a) Na primeira, ancorado pela nova abordagem cultural em Geografia (CLAVAL, 2002), discute-se os conceitos de espaço, memória e patrimônio cultural que guiarão a presente pesquisa; b) Já na segunda seção, discute-se a representatividade da ferrovia no Brasil e nos Campos Gerais; c) Por fim, a terceira seção argumenta sobre a relevância social do futebol e sua relação com as ferrovias.

Por sua vez, o segundo capítulo se propõe a comprovar as quatro hipóteses mencionadas anteriormente que sugerem o Operário Ferroviário como PC. Esta comprovação

se dá através da discussão e análise das informações coletadas. Por fim, são feitas algumas considerações sobre o que se pode fazer com a herança cultural do OFEC.

A relevância deste trabalho se afirma por completar e acrescentar as linhas de pesquisa sobre ferrovia e patrimônio cultural, além de propor uma maior valorização a manifestações culturais populares, como vem sendo o caso do Operário na cidade de Ponta Grossa, defendendo não apenas a preservação do patrimônio cultural da elite.

É importante salientar que esta pesquisa não pretende defender a especificidade da cidade de Ponta Grossa de ter um time de futebol que a represente e seja recheado de simbolismos. Têm-se vários exemplos de clubes de futebol que representam povos ou até nações e o Operário não é exceção nesse quadro. Porém, visa-se com a análise da presente pesquisa atentar para uma dimensão muitas vezes ignorada quando se efetuam análises sobre a realidade urbana, social e cultural das cidades. Assim, através da análise local espera-se contribuir com uma discussão mais global sobre a questão, evidenciando a força que uma equipe de futebol pode ocasionar em determinados territórios e espacialidades urbanas, contribuindo para dar sentido a estas.

Enfim, acredita-se que este trabalho possa ajudar na promoção do Operário como um patrimônio cultural da cidade de Ponta Grossa, contribuindo para efetivar a identidade cultural dos cidadãos pontagrossenses, ao possibilitar que estes se sintam pertencentes a um mesmo conjunto cultural, através da história e da representatividade que este patrimônio cultural, o Operário Ferroviário, pode proporcionar.

1 MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE

A fim de possibilitar o estudo do objeto de pesquisa deste trabalho, este capítulo está dividido em três seções. Na primeira, mostra-se o referencial teórico e conceitual que embasará a análise do Operário como um patrimônio cultural e gerador de espaços e lugares de memória na organização do espaço da cidade de Ponta Grossa, a partir da nova abordagem cultural em Geografia (CLAVAL, 2002). Na segunda seção, ir-se-á retomar a discussão efetuada por Monastirsky (2006) sobre a ferrovia ser um Patrimônio Cultural dos Campos Gerais e do Brasil, e destacar os patrimônios culturais desta, que entre eles está o objeto de estudo desta pesquisa, o Operário. Finalmente, a terceira seção disserta sobre a relevância social do futebol e sua relação com as ferrovias.

1.1 A nova abordagem cultural em Geografia e o Patrimônio Cultural

Torná-lo inteligível (o espaço geográfico) é, para nós geógrafos, uma tarefa inicial. Decifrando-o, (...) revelamos as práticas sociais dos diferentes grupos que nele produzem, circulam, consomem, lutam, sonham, enfim, vivem e fazem à vida caminhar... (CORRÊA, 1995a, p. 45)

Para conhecer o Operário, como um Patrimônio Cultural e objeto de grandes festas e manifestações populares no espaço urbano da cidade de Ponta Grossa, esse estudo fundamenta-se em uma das mais importantes correntes da Geografia humana: A nova abordagem cultural em Geografia (CLAVAL, 2002). Esta procura compreender o espaço a partir da dimensão cultural e as espacialidades geradas por esta dimensão (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003).

A nova abordagem cultural em Geografia tenta superar o positivismo das abordagens da Geografia Cultural tradicional, como a da escola de Berkeley sob a égide do geógrafo Carl Sauer, que a impedia de estudar as idéias e representações, destacando apenas os aspectos materiais da cultura (CLAVAL, 1999). Assim, esta nova abordagem cultural abre novas perspectivas de análise sobre o papel das técnicas e para leitura do espaço geográfico tanto do ponto de vista da materialidade quanto de seus elementos intangíveis, procurando

compreender o sentido que as pessoas dão a sua existência e aos seus espaços de vivência em diferentes partes do planeta. (CLAVAL, 2002).

Isto permite, por exemplo, a análise de manifestações e festas populares (CORRÊA, 1995b). Este é o caso do Operário Ferroviário, local onde torcedores se reúnem e fazem da materialidade do Estádio Germano Krüger um espaço especial, lugar de rituais, cerimônias, paixões, raivas e outros sentimentos que ali emergem, e que acabam influenciando na organização do espaço geográfico. A espacialidade do estádio de futebol ainda metaforiza embates por territórios, pois o campo de futebol é um território, sendo a partir de seu controle e domínio que uma equipe impõe seu prestígio, superioridade e poder sobre a outra. Mas os espectadores não assistem de maneira passiva essa disputa territorial, se envolvem com ela na metaforização do controle territorial e a teatralização de guerra e recriam “arenas de combate” nas arquibancadas (GOMES, 2002).

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não possui ateus mostra suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. (GALEANO, 2004, p.14)

As bandeiras desenroladas, os gritos de guerra, as músicas, os fogos e os deslocamentos de grupos seguem assim um comando, uma estratégia, ou, para empregar uma terminologia mais próxima da geografia, uma territorialidade. A torcida promove o seu próprio espetáculo e reinventa os conflitos. (GOMES, 2002, p. 239).

O estádio de futebol é um local que apresenta uma diversidade social e cultural enorme. Para mim, particularmente, é o local onde eu encontro amigos para jogar uma conversa fora antes dos jogos, e também é o local onde fiz muitos amigos. Sem falar que, trata-se de um local que remete para muitas pessoas boas lembranças, inclusive a mim, pois é um local que frequento com meu pai e meu avô desde a infância, o que cria um laço afetivo muito forte. (Marcus Vinicius, Resposta ao questionário, maio de 2010).

Desta maneira, o Operário Ferroviário é um símbolo que forma espacialidades e territorialidades, como citado acima. Bonnemaïson (2003) refere-se a estes símbolos como formadores de marcas identitárias que individualizam certa porção do espaço ou a um grupo. Assim, Corrêa (2007, p.11) salienta que tais símbolos “constituem importantes elementos no processo de criação e manutenção da identidade, seja étnica, racial, social, religiosa ou nacional, seja ainda a identidade de um lugar”.

Para realizar esta nova abordagem cultural em Geografia, o conceito de cultura é redefinido, tornando-se mais dinâmico e complexo, adicionando elementos subjetivos aos aspectos materiais. CHAUI (2006) destaca que a cultura é inerente a todos os indivíduos, tendo o mesmo valor a cultura de uma pessoa que gosta de futebol e outra que possa gostar de balé. Ainda segundo a filósofa brasileira, a cultura surge das relações sociais e da experiência das pessoas com o espaço e o tempo. Por sua vez, Claval (2002, p. 63) afirma que a cultura é “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas” e também pelo “conjunto dos grupos de que fazem parte”.

É pertinente neste momento clarificar o conceito de espaço que norteia este trabalho. Corrêa (1995a) salienta que o espaço geográfico, a morada do homem, é multidimensional. Assim, o espaço além de ser reflexo e condição social, é ainda “vivenciado de diversos modos, rico em simbolismos e campos de lutas” (CORRÊA, 1995a, p. 45). Moraes (2002) ainda acrescenta que o espaço possui a dimensão de ser uma construção histórica e um lugar de memória. Desta maneira, o espaço geográfico não é composto apenas por bens materiais, mas os sentimentos, idéias e memórias também o compõem.

Na Geografia Cultural, o espaço também é sinônimo de espaço vivido. Holzer (1992, p. 440) afirma que “o espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço vivido (...) que se refere ao afetivo, mágico e ao imaginário”. O espaço vivido ainda é rico em simbolismos que revelam as aspirações, crenças e o íntimo de uma cultura (ISNARD, 1982). Assim, o sujeito que frequenta e vivência as espacialidades geradas pelo Operário, faz desse espaço uma vivência única e peculiar. Portanto, essa espacialidade não pode ser descrita nem quantificada, apenas compreendida.

É importante se frisar ainda sobre a relatividade do sagrado e do profano, como destaca Eliade (1992). Enquanto para alguns o Operário e o futebol pode ser algo sagrado e cheio de representatividades, para outras é algo profano e sem sentido. Assim, Gil Filho (2008) afirma que o sagrado não está no objeto, e sim no sujeito que o dota destas características.

A discussão teórica e conceitual desta seção percorrerá dois caminhos distintos, mas que se completam. No primeiro, que visa investigar o Operário como um patrimônio cultural pela sua história, representatividade mnemônica e ligação com o patrimônio ferroviário, se embasará conceitualmente na visão do espaço como um local de memória, além de investigar a importância dos patrimônios culturais para a sociedade. Já no segundo caminho, quando se

analisa a importância atual do time do Operário para a cidade de Ponta Grossa, utilizara-se do conceito de espaço de representação do futebol (CAMPOS, 2008).

1.1.1. Espaço de memória e Patrimônio Cultural.

O espaço é multidimensional (CORRÊA, 1995a), podendo ser inclusive um local de memória, sendo assim formado por elementos do passado, possibilitando a análise do patrimônio cultural na abordagem em Geografia Cultural. Sendo o espaço algo herdado, o mesmo é constantemente (re)interpretado pelo presente. Por isso, Monastirsky comenta que:

O espaço social é praticamente todo formado por elementos do passado, que é modificado constantemente pela sociedade presente em função dos mecanismos sociais/culturais do presente, ou seja, é a concepção do passado a partir do presente num processo constante. A própria relação dialética do espaço com a sociedade, passando pela memória, torna-se um traço a ser considerado. Há, portanto, uma história/memória de um espaço, por sua genealogia, e o resultado da história dessas relações desse espaço com a sociedade. (MONASTIRSKY, 2006, p. 17)

De tal modo, a cidade é formada por fragmentos herdados dissonantes, o que Lepetit (2001) chama de “traços” e Nora (1993, p.25) denomina de “restos”. (MONASTIRSKY, 2006). Assim, o presente das cidades seria o resultado de uma contínua reinterpretação destes traços ou restos, ou seja, dos lugares de memória. Outra contribuição importante a se destacar é a de Duncan (1990), onde o autor defende que a cidade se assemelha a um texto, e que cada parte ou lugar desta cidade é lido de maneira diferente pelos diversos sujeitos que nela residem, dependendo das experiências espaços-temporais que estas pessoas vivenciaram. Desta maneira, o mesmo lugar de uma cidade pode ser lido de maneiras diferentes por sujeitos em diferentes contextos, já que cada ser é diferente, multicultural, complexo e único (CAPRA, 2001).

Com isso, nota-se que as cidades não têm apenas a função de reproduzir as condições materiais e econômicas do dia a dia, mas também de servir como um referencial a identidade cultural e a qualidade de vida, promovendo a cidadania e o direito à cidade dos sujeitos que dela fazem parte. Desta maneira, torna-se de fundamental importância políticas públicas que organizem este espaço levando em consideração variáveis importantes como a memória das pessoas, o respeito aos lugares onde estas memórias emergem, a preservação de patrimônios culturais, a arborização urbana e outros elementos que possam fazer da cidade um lugar agradável para se viver.

Nora (1993, p. 25) complementa esta discussão sobre cidade ao frisar que “a memória perdura-se em lugares, como a história em acontecimentos”, sendo a cidade tão repleta de lugares de memória quanto à diversidade de memórias permitirem. Desta maneira, certos lugares de memória podem possuir um significado especial para dados sujeitos e serem lidos de maneira sagrada e representativa, por terem sido palco de acontecimentos importantes e simbólicos. Portanto, sendo a memória algo subjetiva e indispensável ao sujeito, ela necessita de objetos concretos para sua sustentação. Assim o indivíduo acaba por guardar fotografias, escrever e registrar momentos, sensações e fatos para possibilitar a percepção de identidade.

Mas às vezes certos locais de memória são representativos e especiais não apenas para uma ou outra pessoa, mas sim para uma grande parcela da população, guardando elementos importantes da memória de certo povo ou sociedade, permeando a memória coletiva desta, tornando-se assim um patrimônio cultural da sociedade. Por conseguinte, este merece ser legitimado, valorizado, preservado e promovido para fins educacionais, servindo a identidade cultural e qualidade de vida dos cidadãos.

A palavra patrimônio deriva do latim *pater*, que pode significar pai ou pátria. Desta maneira, etimologicamente falando, o patrimônio representa um legado, aquilo que herdamos de alguém e é nosso por direito. Quando a abordagem ao tema se dá sob o prisma cultural, patrimônio sintetiza o conjunto material e imaterial de bens que traduzem os modos de viver e fazer de um povo e o ambiente que o acolhe, em toda a extensão desses conceitos (MARQUES, 2004; FONSECA, 2003). Reis (2009) salienta a importância que o patrimônio cultural pode representar para a sociedade:

A importância do Patrimônio como expressão de cultura e de identidade. O conhecimento e a valorização dos bens culturais contribuem com o despertar da cidadania e com a noção de que expressam a história e a tradição local e regional, (...) O Patrimônio aguça o sentimento de pertencimento. Sua revitalização é uma alternativa para o desenvolvimento que viabiliza a inserção social da comunidade. Representa, ainda, um caminho para a dinamização do turismo. (...) Patrimônio assim é um dos alicerces do desenvolvimento da sociedade. (REIS, 2009, p.1)

Monastirsky (2006, p. 18) ainda salienta que o “reconhecimento do patrimônio cultural se estabelece pela distinção dos seus significados”, sendo o valor atribuído a estes objetos “decorrentes da importância atribuída pela memória coletiva de uma sociedade”. Portanto, o mesmo autor conclui que para se considerar um patrimônio cultural deve se levar em conta não apenas as informações históricas, “mas também, e principalmente, a memória (associada ou diferenciada da história)” (MONASTIRSKY, 2006, p. 19, grifo do autor).

Desta maneira, a memória sendo algo inato do ser humano e de fundamental importância para a vida, tornar-se-ia um método de análise. Mesmo que algumas vezes a memória possa parecer possivelmente exagerada, desvirtuada ou mentirosa em relação à história, ela pode contribuir para ampliar a apreensão sobre o patrimônio cultural, já que revela a representatividade que o mesmo possui no presente.

Preservar o patrimônio cultural de dada sociedade tem por função o papel de realizar a continuidade cultural, sendo o elo entre o passado e o presente e que permite conhecer a tradição, a cultura e até mesmo quem somos e de onde viemos (REIS, 2009). Para completar o raciocínio, Fenelon *et. al.* (2004) destacam que um indivíduo sem memória é um ser vazio e sem significado, o que possibilita parafrasear a declaração poética de Bob Marley: “Um indivíduo que não conhece sua história é como uma árvore sem raiz.”

Por fim, Sant’ana (2000) declara que a construção do direito à cidade e a luta pela sua melhoria se dá quando o cidadão se identifica com a mesma. E essa identificação segundo Fenelon *et. al.* (2004) ocorre quando a memória individual de dado cidadão se reconhece na memória coletiva de sua cidade, o que causa a sensação de aceitação e participação social, incentivando o exercício da cidadania.

Apesar de toda a importância do patrimônio cultural citado acima, nos países periféricos e de evolução industrial tardia há um conflito entre o que se deve preservar e o que deve dar lugar ao novo (FUNARI, 2001). No entanto, no caso brasileiro, a preservação do patrimônio cultural e conseqüentemente da memória, pode contribuir para a consolidação de uma identidade nacional. Mas para isso, deve se preservar e valorizar não apenas os patrimônios culturais materiais da elite e relacionados ao poder estatal (FONSECA, 2003; OLIVEIRA, 2007), mas também, e principalmente, as manifestações culturais e os patrimônios culturais populares (patrimônios intangíveis), como pode ser o caso no cenário brasileiro do futebol (PAZ, 2006) e na região de Ponta Grossa do Operário Ferroviário.

Logo é importante a ação conjunta dos cidadãos junto ao Estado, para que se consiga da maneira mais democrática possível se escolher e posteriormente oficializar o que realmente é Patrimônio de dada sociedade, não preservando apenas patrimônios culturais materiais da elite que possam passar uma visão única e “verdadeira” do passado, atendendo a interesses econômicos e/ou ideológicos. Assim torna-se imprescindível valorizar também os patrimônios culturais intangíveis como às formas de manifestações culturais populares, lingüísticas, de trabalho com a terra, festas coletivas, tipificadas da culinária, passos de danças, entre outros (FONSECA, 2003). Estes patrimônios imateriais demonstram a riqueza da cultura e diversidade brasileira, colaborando para uma identidade cultural, possibilitando a sujeitos

locais descobrir-se se tornando diferentes dos comportamentos globais e homogenizadores (REIS, 2009).

Aguinaga (2006, p.5) salienta que os patrimônios culturais imateriais representam à porção intangível da produção cultural dos povos, encontradas nas “tradições, nos saberes, no folclore, nas línguas, nas festas, e em outras tantas manifestações que são transmitidas de uma geração a outra”. Sant’ana (2000, p.52) ainda declara que “os bens de natureza imaterial são dotados de uma dinâmica de desenvolvimento e transformação”, onde não basta apenas tombá-los, conservar, restaurar ou intervir, sendo mais importante nestes casos o registro, a documentação e a valorização para se dar apoio a sua continuidade.

Mas nem sempre o patrimônio intangível foi valorizado e reconhecido. Isso evidencia-se principalmente no caso brasileiro, onde observou-se que ao longo da história nacional a noção de patrimônio cultural estava relacionada apenas a obras monumentais, obras de artes consagradas e propriedades de luxo associadas às classes dominantes (Barreto, 2000).

Um exemplo de caso disso tudo, pode ser o da ação do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (COMPAC) na cidade de Ponta Grossa. Este conselho tem como objetivo a escolha e a preservação do PC de Ponta Grossa. Porém, na prática o COMPAC se mostrou pouco operacional e conflituoso, pois entre seus conselheiros se encontravam agentes imobiliários e rentistas, que detinham intenciosos interesses imobiliários e especulativos. Com base nisso, ao longo dos seus anos de funcionamento o COMPAC tombou edifícios e bens para atender aos interesses da elite e do Poder Público. (PARACETTA FILHO, MONASTIRSKY, 2008).

Nota-se assim, que ainda existe uma lacuna entre o que se deve tomar em Ponta Grossa, pois o conselho designado para decidir o que é patrimônio desta sociedade, ignora e não valoriza os patrimônios culturais imateriais e populares, como por exemplo, o objeto de pesquisa deste trabalho o Operário Ferroviário, que podem e deviam ser valorizados como patrimônio da sociedade pontagrossense. Isso contribuiria para a identidade cultural de seus cidadãos pontagrossenses que sentiriam pertencentes a um mesmo conjunto cultural, através da história e da representatividade que este patrimônio cultural faz emergir.

1.1.2. Operário formador de espacialidades: Espaço de representação do futebol

Além de ser um espaço de vivência único, o Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC) gera espacialidades (CAMPOS, 2008), territórios e disputas territoriais nas cidades (GOMES, 2002).

Nos dias de jogos de futebol, as cidades passam por uma verdadeira re-territorialização promovida pelos torcedores. Assim, o espaço urbano torna-se objeto de apropriação pelas torcidas. Unidos em grupos, os torcedores tendem a não respeitar as ordens vigentes ocasionando na disputa territorial pelo espaço urbano, principalmente quando na cidade se tem dois clubes rivais (como aconteceu com a cidade de Ponta Grossa até a década de 1970, quando as torcidas do Operário Ferroviário e do Guarani criavam disputas territoriais). Assim, por conta do futebol, a cidade passa a participar do circuito simbólico do futebol, sobreposta pela geopolítica das rivalidades e do futebol. (GOMES, 2002).

Por sua vez, Campos (2008) analisa o futebol sobre o viés espacial, ao analisar como os clubes de futebol originam uma espacialidade própria, mas altamente articulada com outras instâncias da realidade, que o autor chama de espaço de representação do futebol.

Campos (2006 e 2008) se fundamenta para a preposição de seu conceito nas leituras de Gil Filho (2005) sobre o conceito de espaço de representação e sua importância para a abordagem cultural em Geografia. Este conceito foi formulado inicialmente por Lefévre (1991), em sua obra *The production of space* (1991), onde o autor argumenta que o espaço é formado e produzido por três instâncias, coexistentes e interdependentes, o que Soja¹ (citado por CAMPOS, 2006, p. 27) denomina de tríade do espaço. Essa tríade é formada por três instâncias da espacialidade, são elas: Prática espacial, representação do espaço e o espaço de representação.

A prática espacial é a instância da espacialidade referente às relações materiais de produção e reprodução de certos territórios, de caráter cotidiano. Já a representação do espaço se refere às relações de produção e as conseqüências que estas implicam no espaço, sendo calcada por relações de poder. (LEFEBVRE, 1991). Finalmente, o espaço de representação para Lefévre corresponde à instância simbólica da espacialidade, onde o ser humano se auto-apresenta a fim de buscar seu prazer e autenticidade, sendo ligado às artes e manifestações culturais. (FIGURA 01)

¹ SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

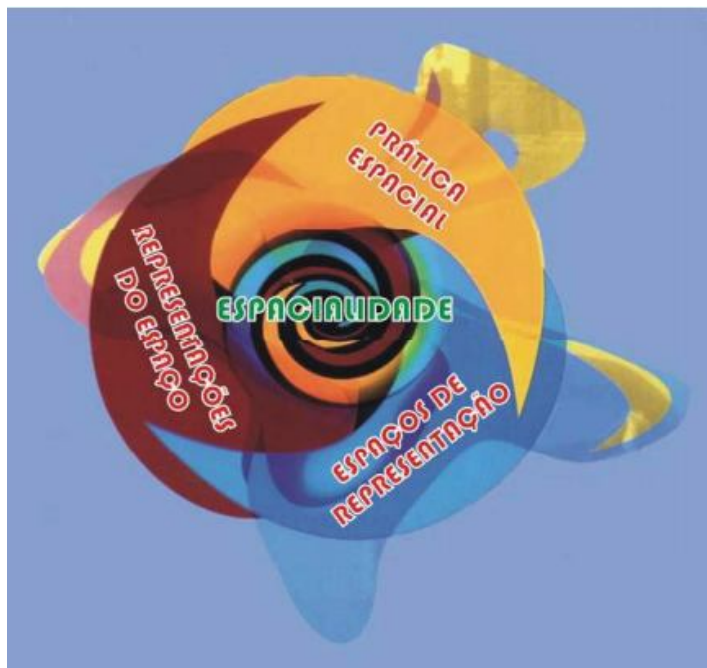


FIGURA 01: A tríade do espaço. Organização do autor, adaptado de Gil Filho (2005).

Shields² (Citado por Campos, 2008, p. 253) declara que é através do espaço de representação que se dão as experiências plenas do espaço vivido e que o ser humano se realiza como “pessoa total”. Desta maneira, o espaço de representação é o local aonde as pessoas vão para “fugir” da rotina e da cotidianidade. É o lugar que vão por puro e simples prazer, para desestressar e se divertir. Portanto o estádio Germano Krüger em dias de jogos do Operário pode ser um exemplo de espaço de representação.

Eu vou ao estádio ver a festa da torcida, tira o stress (Alexandre, questionário, junho de 2010).

Particularmente eu gosto do ambiente de um estádio de futebol. O barulho da torcida, o cheiro da comida. É algo único. (Márcia Saab, questionário, junho de 2010).

A partir destas reflexões, Campos (2008) desenvolveu o conceito de espaço de representação do futebol, correspondendo a espacialidade gerada direta ou indiretamente pelo futebol, como é caso do OFEC na cidade de Ponta Grossa.

² SHIELDS, R. *Lefébvre, love & struggle: spatial dialectics*. Londres: Routledge, 1999.

1.2 Ferrovia: Patrimônio Cultural do Brasil e dos Campos Gerais

*Ói, ói o trem, vem surgindo de trás das montanhas azuis, olha o trem
 Ói, ói o trem, vem trazendo de longe as cinzas do velho éon
 Ói, já é vem, fumegando, apitando, chamando os que sabem do trem
 Ói, é o trem, não precisa passagem nem mesmo bagagem no trem
 Quem vai chorar, quem vai sorrir?
 Quem vai ficar, quem vai partir?
 Pois o trem está chegando, tá chegando na estação
 É o trem das sete horas, é o último do sertão, do sertão...(…)
 (Raul Seixas, trecho da música “Trem das sete”)*

A participação da ferrovia no âmbito do capitalismo mundial e brasileiro e na organização espacial nacional foi decisiva e de fundamental importância (LACERDA *et. al.*, 2002). Isto possibilitou a Monastirsky (2006) afirmar que a ferrovia é um patrimônio cultural do Brasil e dos Campos Gerais³ ao analisá-la sobre o viés de sua importância econômica, social, cultural, de sua participação na integração territorial, na organização do espaço urbano, de sua representatividade simbólica e mitificação perante o imaginário social e por ela estar presente de maneira significativa na memória de muitos indivíduos que viveram os anos “áureos” da ferrovia.

As primeiras linhas férreas foram implantadas no Brasil ao longo do século XIX, incentivadas pelo governo imperial, com o intuito de alavancar o desenvolvimento do país (GHIRARDELLO, 2002). O contexto histórico da época remete a um país que possuía dimensões continentais e um incipiente sistema de comunicação e transporte entre as diversas “partes” de seu território. Assim, este território se parecia, como salienta Milton Santos (2005, p.29), com um “arquipélago formado por subespaços”, onde cada espaço funcionava como uma “bacia de exportação”. Desta maneira, as primeiras ferrovias surgiram da necessidade econômica de suprir esta lacuna do transporte de mercadorias, sendo implantadas normalmente, de uma cidade do interior até a região portuária, facilitando as exportações de matéria-prima do Brasil.

Apesar destas primeiras ferrovias terem alavancado o crescimento econômico do país no século XIX sendo decisivas para a implantação do capitalismo no Brasil, deve-se frisar que

³ A delimitação da região dos Campos Gerais é definida segundo alguns critérios de acordo com Melo *et. al* (2007): a) Por apresentar uma identidade histórica e cultural, que remonta ao tropeirismo; b) Por ser uma zona fitogeográfica natural com campos limpos e capões isolados de Floresta Ombrófila Mista na borda do 2º planalto paranaense; c) Por ser a área de abrangência dos municípios da Associação dos Municípios dos Campos Gerais.

não foi a ferrovia que trouxe o desenvolvimento ao país, fugindo do raciocínio do determinismo tecnológico. A ferrovia não trouxe progresso automaticamente a lugar nenhum, ela apenas possibilitou e ajudou no desenvolvimento de locais onde já se existia um potencial ao desenvolvimento (MONASTIRSKY, 2006).

As construções das primeiras ferrovias foram uma grande aventura e desafio para a engenharia da época. Isto ficou evidente na construção da ferrovia que ligou o litoral ao planalto do Paraná, ou seja, Paranaguá a Ponta Grossa, inaugurada em 1885. Sua construção em meio a serra do mar foi tão complicada, que engenheiros europeus deram como impossível tal realização. Mas coube ao engenheiro Teixeira Soares a coragem de executar tal obra, que causou um grande impacto e admiração em toda sociedade paranaense e curitibana (HABITZREUTER, 2000), sendo um dos fatores que acabaram ajudando na mitificação da ferrovia (MONASTIRSKY, 2006).

A mitificação da ferrovia foi um processo que acabou dotando esta de símbolos e signos de desenvolvimento e status perante o imaginário social. Essa mitificação ocorreu por diversos fatores: a) Pela ferrovia ter sido implementada ao mesmo tempo que nos países europeus, causando a idéia que a ferrovia traria desenvolvimento econômico e modernidade aos locais; b) Pelo tamanho gigante das instalações ferroviárias ocasionaram nos centros urbanos, como enormes locais de manobra e trens que carregavam diversos vagões; c) Pela ousadia das construções quase impossíveis, como foi o caso da transposição da serra do mar em São Paulo e no Paraná; d) Por ter criado uma nova classe de trabalhadores, os ferroviários, que tinham direitos trabalhistas exclusivos para a época e eram dotados de forte status social; e) Entre outros (MONASTIRSKY, 2006). Essa mitificação da ferrovia pode muito bem ser vista nos escritos de Arnaldo Monteiro Bach:

Tudo convergia para a ferrovia. Sem ela não havia progresso. (...) Desafiando a geografia de regiões serranas, pantaneiras e montanhosas e inóspitas, a ferrovia permitiu o desenvolvimento e a instalação humana nessas regiões. Projetos até então considerados irrealizáveis surpreenderam o mundo, graças a inteligência e a determinação de homens como Teixeira Soares, orgulho da engenharia nacional. (BACH, 2009, p. 17)

Como salientado anteriormente, a ferrovia teve além de um importante papel econômico, um papel fulminante na organização do espaço urbano e uma função social decisivas nas cidades que estavam conectadas a ela, por possibilitar um verdadeiro “cosmopolitismo urbano”. Desta maneira, estar conectado a rede ferroviária no início do século passado era imprescindível, pois aumentava às movimentações financeiras, o número

de empregos gerados, a efervescência social e cultural e a representatividade da cidade diante seus moradores e na hierarquia urbana regional. Assim as cidades que não estavam conectadas a esta rede se sentiam pertencentes a um mundo inferior. (MONASTIRSKY, 2006; PAULA, 2004). Novamente, Arnaldo Bach descreve essa importância social ao salientar que:

Durante décadas o trem esteve presente na vida da população brasileira. Resfolegando pelas paralelas de aço, chegava aos pontos mais longínquos do país com passageiros e cargas. Povoados e grandes cidades nasceram ao redor das estações instaladas (...) No trem de ferro viajavam o povo, personalidades e até chefes de estado⁴. (...) Com o passar do tempo o trem parou. Tudo ficou triste. Nas estações, o silêncio. Na via permanente, o abandono. No coração do povo brasileiro, a saudade dos tempos áureos do trem no transporte de passageiros. Fascínio que continua latente para quem teve o privilégio de viajar no trem de ferro (BACH, 2009, p. 17).

Em Ponta Grossa a ferrovia potencializou a chegada de inúmeras atividades culturais, transformando a cidade numa das referências urbanas do sul do país. Chaves (2001, p. 96-99) salienta que “a ferrovia possibilitava que passassem pela cidade espetáculos que iam desde circos dos horrores, com suas atrações bizarras, até músicos de renome internacional”.

Desta maneira, por todo legado cultural que a ferrovia deixou de herança a sociedade brasileira e dos Campos Gerais, Monastirsky (2006) conclui que a ferrovia é um patrimônio cultural da sociedade, assim como possui intrínseca a ela, outros patrimônios culturais, tanto materiais como imateriais. Entre os patrimônios materiais da ferrovia encontram-se obras arquitetônicas peculiares como a estação Ponta Grossa (FIGURA 02), hospitais, colégios ferroviários, trilhos, vilas ferroviárias, vagões de trem, fotografias, documentos, apitos, peças de vagões, locomotivas como a Maria Fumaça, entre outros, que ajudaram a configurar o espaço urbano de Ponta Grossa.

Já compondo os Patrimônios imateriais da ferrovia encontram-se desde o som das locomotivas, o cheiro da graxa, a memória dos ferroviários, narrativas peculiares e até a formação de equipes de futebol, como é o caso do Operário Ferroviário Esporte Clube, objeto de estudo desta pesquisa, que guarda importantes traços e heranças da ferrovia (Seção 2.2). O Operário Ferroviário ainda possui nas proximidades das oficinas de vagões da antiga Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) o Estádio Germano Krüger (em terreno que foi doado pela

⁴ Vale lembrar que Ponta Grossa recebeu a visita durante a década de 1930 de Getúlio Vargas, que desceu do trem na Estação Ponta Grossa e depois desfilou pelas principais avenidas de Ponta Grossa.

RFFSA), conhecido carinhosamente por sua torcida como “o templo fantasma” ou o “Gigante de Vila Oficinas” (FIGURAS 03 e 04).

Porém, a partir da década de 50, observa-se a decadência e o dismantelamento do sistema ferroviário, provocado em partes pela escolha ideológica do governo brasileiro⁵ em priorizar os transportes rodoviários (que se tornaram sinônimo de modernidade) em detrimento do ferroviário (que passou a ser vista como arcaico e ultrapassado) (PAULA, 2004). Após a privatização do patrimônio ferroviário durante a década de 90, observa-se o grande descaso que este vem sofrendo, com a depredação de vários edifícios e equipamentos ferroviários centenários, sendo sua perda irremediável.



FIGURA 02: Estação Ponta Grossa – Ponta Grossa-PR. Fonte: DETUR – SMCT – Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 2009.

⁵ O governo em tela se refere ao de Juscelino Kubitschek (1956-1961).



FIGURA 03. Estádio de futebol Germano Krüger do Operário Ferroviário Esporte Clube, Ponta Grossa-PR. Fonte: Arquivo do Autor (2010)



FIGURA 04: Estrutura ferroviária no bairro Oficinas em Ponta Grossa-PR. A Imagem Aérea mostra a localização do Estádio Germano Krüger ao lado das oficinas da rede ferroviária. Fonte: Site Estações Ferroviárias do Brasil. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/parana.html>>.

1.3 A importância do futebol para a sociedade

Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais. (Eduardo Galeano, 2004, p.40)

Acima do futebol está a lenda. Uma estranha magia se impõe ao esporte. E o jogo se transforma em saga, desperta paixões, cria mitos, heróis, glórias e tragédias. Exaltado pelas multidões, criou em seu lado sombrio um mundo à parte onde envolve poderosíssimos interesses políticos e financeiros. (Eduardo Galeano, 2004, p. 50)

Uma equipe de onze *homo sapiens sapiens* correndo num retângulo delimitado por quatro linhas chamado de campo, e mais um multidão acompanhando essa correria e a disputa dos jogadores para chutar com os pés um objeto redondo denominado de bola, objetivando coloca-lá dentro das redes adversárias para gritarem e pularem de emoção. Assim poderia ser descrito o futebol, que segundo Campos (2006) e o site Museu dos Esportes (2009) é o esporte coletivo mais praticado e assistido no planeta, bem como responsável por uma das maiores movimentações de massa do mundo contemporâneo.

Apesar de tudo isso, Eduardo Galeano (2004) lembra que por muito tempo o futebol foi visto como o ópio do povo. Os intelectuais de esquerda do começo do século XX, segundo o escritor Uruguiaio, desqualificavam o futebol por castrar as massas e desviar sua energia revolucionária, atrofiando a consciência dos operários fazendo estes se deixarem levar como um rebanho por seus inimigos de classe.

Mas o futebol é muito mais do que isso, sendo de fundamental importância para a vida social, como destacam Campos (2006 e 2008), Mascarenhas (1999), Giulianotti (2002), o geógrafo Paulo César da Costa Gomes (2002), Toledo (2000) e o escritor latino americano Eduardo Galeano (2004). Já no começo do século XX, o intelectual Antonio Gramsci (citado por GALEANO, 2004, p.42) celebrava o futebol como o “reino da lealdade humana exercida ao ar livre”, que talvez inspirou Lycio Ribas (2009) a salientar de maneira poética que o futebol é a linguagem universal dos povos.

Por sua vez, Campos (2006) destaca a relevância social do futebol ao salientar que este é um elemento central da cultura brasileira, que acabou ajudando na construção de uma identidade nacional, além de estar presente na vida cotidiana de milhares de habitantes. Desta maneira, o autor afirma que o futebol transcende sua qualidade esportiva, tornando-se um importante elemento sociocultural espacial nos países em que é um elemento central na cultura, como é o caso brasileiro.

Já para o geógrafo Paulo César da Costa Gomes (2002) o futebol consiste num espetáculo que metaforiza os embates por territórios. Utilizando-se de um vocabulário bélico para se analisar as jogadas e qualificarem muito de suas dinâmicas: Tiro, bomba, míssil, canhão, contra-ataques, artilheiro, capitão, matador, esquadra, armada, formação, táticas, armadores, pontas-de-lança, centroavantes, etc. Assim, uma partida de futebol instala a dinâmica de grupo, na qual são seguidas estratégias de combate, porém, respeitando-se as regras estabelecidas e a violência podendo e devendo ser controlada. Nesse sentido, para Gomes, o futebol metaforiza os combates territoriais que ocorrem no mundo. (GOMES, 2002).

Desta maneira, para Gomes o futebol deve ser visto como uma arte, na medida em que produz uma estetização correspondente a uma atitude comum a várias dinâmicas sociais: a disputa territorial (GOMES, 2002). Na mesma linha, o historiador Eric Hobsbawn destaca o papel do futebol no início do século XX, no enfrentamento, disputa territorial e nas rivalidades entre as potências:

O espaço entre as esferas privada e pública também foi preenchido pelos esportes. Entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massas foi transformado numa sucessão infindável de contendas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações [...] como rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais. (HOBBSAWM, 1990, p. 171).

Por conseguinte, pelo fato do futebol ser uma arte, este faz emergir uma importância política e simbólica profunda, podendo contribuir crucialmente para ações sociais, filosofias práticas e identidades culturais de muitos povos. (GIULIANOTTI, 2002).

Mascarenhas (1999) destaca que o futebol foi crucial para a implantação e sucesso da nascente sociedade industrial, ao passo que acabou servindo de base para a burguesia utilizá-lo como um instrumento pedagógico para as emergentes classes trabalhadoras, ao proporcionar a estas a noção de coletividade, trabalho em equipe, divisão de tarefas e a valorização do trabalho e do esforço individual, características que são apreciadas no esporte em tela. O mesmo autor ainda salienta que na emergência da industrialização, as cidades eram dotadas de desordem e supressão as classes populares, e o futebol foi o meio encontrado pelas classes populares para se divertir e ascender socialmente, criando territórios, espaço e cultura nacional. Estas características acabaram sendo cruciais para a consolidação da idéia de Estado-nação em várias partes do mundo.

Pelo futebol ser um campo rico em simbolismos, paixões, afetividades e emoções, muitas vezes o mesmo se tornou um terreno fértil para ser um instrumento político e ideológico de legitimação não apenas de nações, mas também de regimes ditatoriais: Este foi o caso: a) De Mussoline na Itália nas Copas do Mundo de 1934 e 1938; b) dos nazistas durante a invasão alemã na Ucrânia em 1942; c) De Franco na Espanha, como forma de efetivar a dominação de Castela ao restante do país, através do clube de futebol Real Madrid⁶; e) E de muitos dos governadores Brasileiros (Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, os militares Costa e Silva e Médici, entre outros). (FOER, 2005).

Por outro lado, o futebol também serve como bandeira de resistência dos dominados perante os dominadores. Este foi e ainda é o caso na Espanha, onde duas equipes peregrinas são os símbolos da resistência de sua cultura e pátria, da Catalunha e do País Basco, representados respectivamente pelos clubes de futebol Barcelona e Athletic de Bilbao⁷. Os exemplos de movimentos de resistência de povos se utilizando do futebol são inúmeros, emergindo desde o Irã, a Irlanda, Argélia, entre outros, como bem destaca Foer (2005). Por fim, o esporte em tela ainda foi um importante estandarte de luta e resistência étnica dos negros no Brasil ao longo do século XX, como identificou Anjos:

Os estudos sócio-históricos permitiram identificar resistências e a formação de grupos étnicos se organizando e estruturando socialmente, tendo o futebol como instrumento para manutenção de valores e práticas antropológicas, que, na nova sociedade, não eram toleradas pelo Estado. Assim, surgem as “associações de futebol” no Sul, no início do século XX, que, conforme o estudo evidenciou, foi palco de resistência e luta para a continuidade do campo simbólico de grupos pertencentes às comunidades de bolsões negros de Porto Alegre (...), a organização se torna fator de sobrevivência, abrindo um campo de relações sociais. (ANJOS, 2007, p. 14).

No Brasil, o futebol também teve e tem um papel determinante, ao passo que faz parte do cotidiano e das relações sociais dos brasileiros. Sendo assim, Bellos (2003, p. 9) afirma que o futebol “é o símbolo mais forte da identidade brasileira” e o meio mais eficiente de se integrar a esta sociedade. Isto fica evidente em épocas de Copa do Mundo, quando as ruas e as pessoas conhecem uma verdadeira onda do verde e amarelo, de bandeiras do Brasil e de discursos que exaltam a identidade nacional (FIGURA 05). É comum ainda se ouvir

⁶ Isto ficou claro quando um dos chefes do regime franquista, José Solis, pronunciou um discurso de gratidão diante dos jogadores do Real Madrid, onde dizia: “Porque gente que antes nos odiava, agora nos compreende graças a vocês”. (GALEANO, 2004).

⁷ Isto ficou evidente na final da Copa do Rei da Espanha, disputada por Barcelona e Athletic Bilbao. Durante a execução do hino nacional da Espanha, ambas torcidas se uniram numa vaia de repúdio e protesto por todo processo histórico de dominação espanhola no País Basco e na Catalunha. A empresa responsável pela transmissão do jogo, que era da capital Madri, cortou o áudio da transmissão e colocou outro de montagem no fundo, tentando calar o grito de liberdade de ambos os povos. (Data da partida: 13 de Maio de 2009).

representações sociais de que o brasileiro só é patriota em época de Copa de Mundo. Mas e se não fosse estes eventos mundiais, qual seria o grau de patriotismo brasileiro?



FIGURA 05: Comemoração da torcida brasileira na Boca Maldita em Curitiba-PR. Nesta imagem vê-se todo o nacionalismo e patriotismo aflorando na população em geral durante a Copa do Mundo e a onda do verde e amarelo entrar na moda. Inclusive, através desta imagem, observa-se uma extrapolação da espacialidade. Fonte: Gazeta do Povo (2010).

Portanto, o futebol é um importante elemento simbólico que ajudou na criação e estruturação identitária brasileira, pois “reuniu sob a mesma égide a elite e o povo, os símbolos nacionais e os valores populares” (CAMPOS, 2008, p.254). Toledo (2000) completa esta discussão ao salientar ainda que o futebol é uma peculiar manifestação cultural brasileira, pois revela o jeito desta nação no seu estilo de jogo, conhecido como “futebol-arte”: a malícia, a ginga e a alegria.

Isto tudo possibilitou a PAZ (2006) afirmar que o futebol é um patrimônio cultural do Brasil, por estar de maneira efetiva no folclore, cultura e memória do povo brasileiro. O autor ainda defende o “tombamento” deste tesouro nacional, indicando uma série de medidas para proteger este bem e usá-lo como ferramenta para o turismo e o lazer, colaborando para o desenvolvimento do país e da qualidade de vida e espírito de cidadania dos cidadãos em geral.

Tomamos por exemplo Ponta Grossa, que é considerada simbolicamente como berço do futebol no estado do Paraná, pois ali se realizou a primeira partida de futebol oficial do estado, no ano de 1909. Porém este fato é desconhecido por boa parte da população pontagrossense. Essa partida foi organizada pelos ingleses do Club de Football Tiro

Pontagrossense⁸ que convidaram alguns rapazes de Curitiba. Esta partida acabou com a vitória dos ferroviários pontagrossenses por 1 a 0. Na volta desta viagem, os curitibanos definitivamente se empolgaram e fundaram a primeira instituição futebolística da época no Paraná, o Corytibano Foot Ball Club, que atualmente é chamado de Coritiba Football Club (CAMPOS, 2006). Em 2009, esta equipe comemorou seu centenário reativando a memória de sua fundação, e numa parceria com o Operário Ferroviário, organizou uma excursão de trem junto com sua torcida, onde refez o caminho feito há 100 anos e disputou um amistoso com a equipe dos Campos Gerais. (No Anexo V pode se conferir a reportagem sobre o assunto).

Em Ponta Grossa também não demorou muito para surgirem várias equipes de futebol na cidade, com destaque para o Operário, Guarani Esporte Clube e o União Campo Alegre (UCA). Assim, durante mais de 100 anos o futebol esteve presente no cotidiano dos habitantes da princesa dos Campos Gerais, trazendo emoções, paixões, sentimentos, raivas, alegrias, tristezas; gerando amizades e especialidades; contribuindo na gênese de relações sociais e em folclores inesquecíveis.

O futebol em Ponta Grossa exerceu influência determinante ao possibilitar que a cidade vivesse um clima urbano mais agitado e ganhasse características de cidade “moderna”. Os rapazes pontagrossense do início do século virão no futebol a excelente oportunidade de manter o estilo de vida “*sportsmen*” estadunidense. Mas não demorou muito e o futebol deixou de ser uma atração apenas para a elite e ganhou o coração da maioria dos pontagrossenses, desde os trabalhadores ferroviários e imigrantes recém chegados que virão no futebol uma nova paixão e fundaram clubes para representá-los. (CHAVES, 2001).

Desde as arquibancadas do Germano Krüger até os campinhos de terra e saibro da periferia de Ponta Grossa; ao futebol jogado entre as firmas e entre colegas de empresas; as “peladas”⁹ praticadas nas escolas e muitas vezes descompromissada de resultado, onde se busca o prazer e a diversão, este esporte esteve presente se cravando na memória coletiva desta sociedade, sendo elemento central da cultura e do espaço pontagrossense.

⁸ Esta equipe era formada por engenheiros ingleses e demais trabalhadores ferroviários que participavam em Ponta Grossa da construção da ferrovia que ligaria São Paulo e o Rio Grande do Sul.

⁹ Pelada é o nome dado no Brasil a uma partida recreativa de futebol com regras livres, onde as regras do jogo são definidas em consenso entre os próprios jogadores.

1.1.1 Origem, evolução e difusão espacial do futebol: Uma relação com a ferrovia.

O costume de chutar uma bola é bastante remoto. Galeano (2004) comenta que há cinco mil anos malabaristas chineses faziam dançar a bola com os pés. Este hábito também era cultivado por Japoneses, indígenas americanos, egípcios e romanos, que se divertiam chutando uma bola. Desta maneira, vemos que o lúdico sempre permeou o cotidiano das mais diversas sociedades, sendo “uma dimensão própria da existência humana que nos acompanha desde tempos imemoriais” (HUIZINGA, 1996, p.20).

Mas coube aos ingleses ao longo do século XIX, sistematizarem e oficializarem uma série de regras que definiriam o modo de jogar deste novo esporte moderno. Em 1904 ainda foi criado a FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) que ficou responsável de governar as relações relativas ao futebol no mundo inteiro.

Durante toda a viagem pela história do futebol, este passou por inúmeras modificações no jeito de jogar, nos seus objetivos e valores que são passados, como bem expõem Galeano:

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. (...) Hoje, o jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos expectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo. (...) A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia. Porém, muito de vez em quando, ainda aparece nos campos um atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade (GALEANO, 2004, p. 10).

Desta maneira, é possível falar da dicotomia entre o futebol romântico e o moderno. Se antes o futebol era praticado por prazer, amor ao clube e amiúde algum amadorismo, hoje ele é uma poderosa indústria do entretenimento, capaz de mobilizar grande volume de capitais privados e estatais e gerar intensos fluxos na escala planetária, sendo apropriado pela mídia e se tornando uma das principais culturas de massa da atualidade. (MASCARENHAS, 1999). Essa nostalgia pelo futebol romântico pode ser vista nas falas abaixo dos entrevistados:

Antigamente o futebol era menos marcação, não se exigia tanto da marcação. (...) era um esquema de jogo ofensivo, preocupava-se em fazer gols. Já hoje o futebol é pegado, quem não marca, não ganha. (...) você joga para não tomar gols, para daí você pensar em fazer gol, e nisso o jogo fica mais “feio”. (Diomar Guimarães, entrevista, junho de 2010).

A principal diferença é que naquela época o jogador jogava por amor ao clube, por paixão a camisa. A maioria iniciava no clube e encerrava a carreira ali. E o que vinha de fora muitas vezes vinha, mas ficava ali até o final da carreira às vezes. Já atualmente o jogador chega a jogar em até 3 clubes diferentes no mesmo ano! E ele só quer saber de ganhar mais dinheiro! (Mauro Ferreira, entrevista, julho de 2010).

Mas porque o futebol é tão assistido e prestigiado? Segundo Andrew Blake¹⁰ (Citado por MASCARENHAS, 1999, p.2), este fascínio pelo futebol decorre de sua imprevisibilidade, o que o difere dos demais esportes, fazendo do futebol uma “caixinha de surpresas”. Quase nada é comparado ao grau de imponderabilidade de uma partida de futebol, que inspirou Paulo Coelho a declarar que o futebol é como um romance, pois assim como nos bons livros, o seu final é sempre inesperado.

Os jogadores atuam, com as pernas, numa representação destinada a um público de milhares ou milhões de fervorosos que assistem, das arquibancadas ou de suas casas, com o coração nas mãos. Quem escreve a peça? O técnico? A obra zomba do autor. Seu desenrolar segue o rumo do humor e da habilidade dos atores e, no final depende da sorte, que sopra, como o vento, para onde quiser. Por isso, o desenlace é sempre um mistério, para os expectadores e também para os protagonistas. (GALEANO, 2004, p.20)

Coisa de filme,né!?!?!? e depois um grito: GOOOOOOLLLLLL CLÊNIOOOOO! Parece que o tempo parou....E daí foi aquela loucura...huahua um jogo épico sem dúvida (Emeson Luís, frase transcrita da comunidade do Operário no orkut após a vitória do Operário sobre o Serrano no último minuto por 2 a 1 em 14/03/2010).

Mas para ganhar os quatro cantos do planeta o futebol cumpriu uma complexa difusão espacial. E para a essa propagação, as ferrovias tiveram papel crucial. Junto com os engenheiros, ferroviários e outros trabalhadores ingleses que vieram ao Brasil ajudar na construção de linhas férreas, estes traziam consigo vários elementos de sua cultura, como o futebol, estilos arquitetônicos, entre outros.

Desta maneira, estes estrangeiros foram os primeiros a formar equipes locais e praticar o novo esporte, que era visto muitas vezes pela população mais tradicional como um “um jogo de loucos” (GALEANO, 2004, p.35). Mas não demorou muito e o contágio não se fez esperar, principalmente nas cidades onde já se vivia um ambiente mais cosmopolita. O futebol acabou por cair no gosto popular e ganhou traços e contribuições únicas da cultura peculiar brasileira, que acabou por se firmar como o país do futebol, décadas depois. A influência

¹⁰ BLAKE, Andrew. **The Body Language**: The meaning of Modern Sport. London: Lawrence & Wishart, 1996.

inglesa no futebol brasileiro, ainda é vista no vasto vocabulário que cerca este espetáculo esportivo¹¹.

Mas as ferrovias não se limitaram apenas a realizar a difusão espacial do futebol. No Brasil, as estradas de ferro, o futebol e o trem sempre andaram juntos. Desta maneira, foi bastante comum à criação de equipes de futebol por ferroviários, seja para realizar confraternizações em finais de semana ou quando se tornou um compromisso profissional. Bach (2009) complementa:

Foram dezenas de Clubes Ferroviários Esporte Clube ou Futebol Clube criados ao longo da existência das estradas de ferro. O dinheiro vinha das contribuições financeiras da Rede (RFFSA) e das mensalidades dos funcionários, organizados em associações e que eram descontadas em folha de pagamento. A rede entrava também com o terreno onde eram construídas as sedes, muitas vezes com piscinas, sauna, quadras esportivas e até estádios (BACH, 2009, p.249).

Fortalecidos pelo espírito da família ferroviária, estas equipes construíram enormes estádios, conquistaram vários títulos e traduziam a mitificação que a ferrovia possuía na época. Arnaldo Bach cita 80 clubes de futebol criados por ferroviários (Anexo VI), mostrando como era comum a união destas duas paixões para o trabalhador ferroviário: o trabalho suado durante a semana e o divertimento nos domingos assistindo ou jogando uma “pelada”.

¹¹ Eis algumas palavras de origem inglesa que permeiam a prática do futebol: *Field* (campo), *back* (zagueiro), *penalty* (pênalti), *goal* (gol), *cornei* (escanteio), entre outras.

2 OPERÁRIO FERROVIÁRIO: PATRIMÔNIO CULTURAL

No primeiro capítulo tornou-se claro a relevância e a representatividade da ferrovia e do futebol no imaginário social da sociedade brasileira, o que permitiu tanto a Monastirsky (2006) declarar a ferrovia Patrimônio Cultural do Brasil, como a Paz (2006) a legitimação do futebol como patrimônio brasileiro.

E na cidade de Ponta Grossa, isto se estabelece com o Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC), que é um dos maiores legados da ferrovia a sociedade pontagrossense e que representa a cidade de Ponta Grossa no futebol por quase um século. Desta maneira, isto tudo permite sugerir o Operário como patrimônio cultural por quatro hipóteses básicas:

a) O Operário é um patrimônio cultural por ser uma construção histórica e simbólica. Como um símbolo que resistiu ao tempo por quase 100 anos, o Operário foi acumulando representatividades perante distintos grupos sociais que fazem dele um patrimônio com diversas peculiaridades. Além disso, ao longo de todo este tempo o clube foi formando lugares de memória e multiplicando e criando espacialidades.

b) O Operário é um patrimônio cultural por ser uma herança da ferrovia. O clube em tela possui vários traços que remetem à ferrovia e pode contribuir para a preservação da memória ferroviária.

c) O Operário possui intrínseco a ele inúmeros manifestações culturais peculiares: mitos, narrativas de torcedores, ações folclóricas, lendas, músicas, sua torcida e performances que podemos denominar de patrimônios culturais do Operário.

d) O Operário é um patrimônio cultural por ser o clube de futebol representante da cidade perante o Paraná e o Brasil. Como já salientado sobre a relevância e magnitude do futebol na atual sociedade do entreterimento, isto acaba por deixar uma carência no cidadão pontagrossense para que em sua cidade também tenha um clube de futebol como nos grandes centros urbanos brasileiros ou mundiais.

Desta maneira, este capítulo objetiva comprovar as hipóteses acima mencionadas através de análise histórica e mnemônica relacionado ao Operário Ferroviário. Para isso, realizaram-se diferentes métodos de coleta de dados para a consecução dos objetivos desta pesquisa.

No primeiro, utilizaram-se entrevistas semi-estruturadas qualitativas com grupo focal (SELLTIZ *et. al.*, 1987) para obtenção de informações, narrativas e história oral (CASSAB, 2005) relacionadas a história e representatividade do Operário Ferroviário Esporte Clube.

Para a escolha do grupo focal vários foram os critérios: a) Indicações de pessoas variadas sobre torcedores ou jogadores operarianos que tiveram uma forte ligação com o Operário; b) Divulgação em sites de relacionamento social procurando pessoas que tiveram uma relação peculiar com o clube em tela; c) Representatividade perante os torcedores em geral. No total, foram entrevistadas seis (6) pessoas e no Anexo I encontra-se o roteiro com as perguntas destas entrevistas semi-estruturadas.

Completando o método anterior, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas a um público mais amplo de torcedores e cidadãos de Ponta Grossa. O contato com os entrevistados seguiu duas formas: Uma foi através da *web* pelo programa *Google Docs*¹² e a outra maneira foi aplicando individualmente o questionário a algumas pessoas escolhidas aleatoriamente no estádio Germano Krüger ou nos arredores do mesmo em dia de jogo do Operário Ferroviário. No total obteve-se 88 respostas ao questionário (o modelo do questionário pode ser visto no Anexo II).

Ainda coletou-se junto ao site de relacionamento sociais “orkut”¹³, ao *web site* não oficial do Operário¹⁴ e junto a algumas páginas da internet de jornais locais e estaduais¹⁵, opiniões e declarações de torcedores em geral ou a de pessoas ligadas ao clube que revelam discursos sobre a importância, peculiaridades, narrativas, *etc.* do clube pontagrossense (no Anexo III podem ser conferido os *links* donde foi coletado estas declarações). Outro meio de obtenção de dados foi o documentário “Ope-Guá – um estado de espírito” (2005), produzido numa parceria entre a Universidade Livre dos Campos Gerais e o Departamento de História da UEPG, que conta alguns fatos pitorescos e a grande representatividade do clássico entre o Operário Ferroviário e o Guarani. Alguns depoimentos deste documentário foram transcritas para esta pesquisa.

Finalmente, completando a obtenção de dados, foram utilizadas pesquisas bibliográficas sobre a história do futebol pontagrossense em geral e do OFEC em especial. É importante salientar que esta pesquisa não pretende ser uma compilação histórica completa das informações históricas sobre o Operário, pois para isso já existem dois livros escritos por Ribeiro Júnior: Operário o fantasma da vila (2002) e Futebol Pontagrossense (2004).

¹² O Google Docs é um serviço da empresa Google que permite a estruturação e aplicação de questionários via web. Disponível em <<http://docs.google.com/?pli=1>>

¹³ Site de relacionamento sociais *Orkut*. Disponível em: <www.orkut.com> .

¹⁴ O Web site operario.com é uma página **não oficial**, mantida e administrada por torcedores do clube. Disponível em: <www.operario.com>

¹⁵ Os jornais escolhidos foram: **Diário dos Campos**, disponível em <www.diariodoscamos.com.br>; **NetEsporteClube**, disponível em: < www.netesportecolube.com.br> ; e **Gazeta do povo**, disponível em: <www.gazetadopovo.com.br>

Portanto, esta pesquisa pretende analisar uma outra vertente do objeto deste trabalho. Assim, pretende-se através de uma análise sobre o prisma cultural, compreender a representatividade, as memórias, as narrativas e a força socioespacial que o Operário acumulou ao longo de sua história e influenciou na organização do espaço urbano da cidade de Ponta Grossa.

2.1 Operário: Patrimônio Cultural por sua história

2.1.1 Operário: Um símbolo que resiste ao tempo...

O Operário é um símbolo que se espacializou e resistiu ao tempo por quase cem anos, permeando o cotidiano dos cidadãos pontagrossenses. Assim, esta seção vai apresentar uma breve historiografia da equipe, mostrando como este símbolo foi sendo construído, os títulos que ganhou, algumas “lendas” sobre a equipe ferroviária em geral, seus principais rivais e alguns acontecimentos peculiares na cidade de Ponta Grossa oriundas de partidas do Operário Ferroviário.

Entre os historiadores existem várias versões sobre a origem do clube em tela. Para Cardoso (1978), o Operário Sport Club (como era chamado na época) originou-se de outra equipe esportiva, o Tiro de Guerra Ponta Grossense. Já para João Alves Pereira (citado por RIBEIRO JÚNIOR, 2002) o Operário proveio do Riachuelo Sport Club. Mas a versão mais aceita hoje é de Ribeiro Júnior, que após pesquisar em jornais da época e entrevistar pessoas que vivenciaram o início do século XX, concluiu que o clube surgiu de um grupo de operários ferroviários que “trabalhavam nos escritórios e oficinas da Rede Viação Paraná - Santa Catarina, em Vila Oficinas, não havendo ligação alguma com o Riachuelo e o Tiro de Guerra Pontagrossense” (RIBEIRO JÚNIOR, 2002, p. 13) (FIGURA 06).

Entre os ferroviários, o futebol era visto como um hobby dos finais de semana e um meio de desintoxicação dos músculos. Abel Ricci (citado por RIBEIRO JÚNIOR, 2002) foi um dos fundadores do Operário e lembra alguns fatos da sua fundação. Abel era ferroviário da Rede Viação Paraná - Santa Catarina e conta que em 1911 o futebol era também o modismo da época. Então, junto a seus companheiros eles resolveram fazer uma “vaquinha” e compraram uma bola importada (já que não havia produção nacional) para “batê-la” após o serviço e aos domingos. Capinaram um pequeno terreno onde se desenvolveu as primeiras “peladas” e com o tempo surgiu à vontade de formaram um autêntico clube de futebol e escolheram o nome, as cores, diretoria, etc.



FIGURA 06: Equipe do Operário em 1916. Esta é uma das primeiras escalções da equipe dos ferroviários, o Operário Sport Club, em 10/09/1916 antes de vencer o duelo contra o Guarani e faturar a segunda divisão da Associação Paranaense de Sports Athléticos. Em pé: Alfredo Hoffmann, Miguel Faraht, João Hoffmann, Alexandre Bach, Alberto Meister, João Souza Silvio Palermo (com a bandeira). No centro agachados: Piva li, João Simonettí e Freshe. Sentados: Pedro Azevedo, Ewaldo Meister, Tito Piva, Paulistinha e Leão. Fonte: Ribeiro Júnior (2002).

Ribeiro Júnior (2002) salienta que apesar dos dados históricos apontarem que o clube foi fundado em 7 de abril de 1913, o mesmo existia de maneira informal entre os trabalhadores ferroviários desde os meados de 1912 ou 1911 e consequentemente, foi escolhido de maneira simbólica em seu estatuto a data de 1º de maio de 1912 como o dia de fundação da equipe. Essa data foi escolhida por ser a “Data Universal do Operário”. Assim, tradicionalmente o aniversário do Operário se comemora no dia 1º de maio, com promoções, amistosos e festas em geral para atrair mais torcedores.

Corrêa (2007) destaca que nomear um dado local ou objeto é uma oportunidade de se apropriar do mesmo, impregnando-o de significados e de poder, processo que o autor chama de toponímia. Assim a toponímia é um processo que pode valorizar ou estigmatizar o objeto, sendo uma combinação entre linguagem, política territorial e identidade. Desta maneira, o grupo de ferroviários que fundou o Operário foi bem intencionado na hora de escolher o

nome, a data de fundação, as cores, o uniforme e o escudo do clube, visando atribuir significados para valorizar este.

Desta maneira, o nome e a data da fundação marcaram o clube para ser uma bandeira dos operários (FIGURA 07). Já a escolha das cores do clube (preto e o branco) foi uma homenagem tanto à população negra quanto a branca e se deu para tentar mostrar que o Operário estava acima de políticas racistas da época, sendo uma equipe desprovida de preconceitos. Na época, apenas o Vasco da Gama (RJ) permitia jogadores humildes e de pele negra em seus plantéis.

Abel Ricci (citado por Ribeiro Júnior, 2002, p. 262) lembra que os primeiros jogadores humildes e ferroviários da época “suavam para escrever seus nomes, mas dentro do campo sabiam tudo de futebol, simplesmente uns verdadeiros virtuosos com as bolas nos pés”. Outros times demoraram para quebrar o preconceito então vigente naquele tempo, como o Grêmio (RS), Fluminense (RJ) e o próprio Guarani de Ponta Grossa, onde o primeiro negro a vestir a camisa rubro negra foi apenas no final da década de 1950.

Na época, ele tinha um diferencial. O torcedor do Operário era o Graxeiro. Já o do Guarani era só rico e branco. Negro eles não tinha. Primeiro jogador de cor que jogou no Guarani foi o Dimas, só em 1959 mais ou menos. Já o Operário era a torcida do povão. (Mauro Ferreira, entrevista, julho de 2010).

Já o escudo escolhido para representar a equipe era redondo e todo branco, com as letras O.F.C. escritas em preto (que inclusive foram confeccionadas erradas pela costureira, já que o certo seria O.S.C.). Porém, vieram com o passar dos anos inúmeros outros escudos até se chegar ao atual (FIGURA 08 e 09). Já o uniforme usado pelo Operário sofreu inúmeras transformações desde a sua fundação (FIGURA 10 e 11), mas sempre mantendo as cores pretas e brancas (alvinegro). O torcedor operariano é bastante identificado com cores, mascote, escudo e a tradição da equipe, sendo conservador a mudanças radicais:

Eu acho que não devia mudar o escudo nem as cores! É a tradição pessoal! O Operário é conhecido pelo seu mascote e escudo. Não deviam mudar nada! (Tiago Gregório, frase transcrita do orkut, Setembro de 2009).

Mudar o escudo ou as cores é tirar a raiz de um clube e desconsiderar sua história. O símbolo e as cores são mais do que um simples desenho ou enfeites na camiseta! (Jackson, frase transcrita do orkut, setembro de 2009).

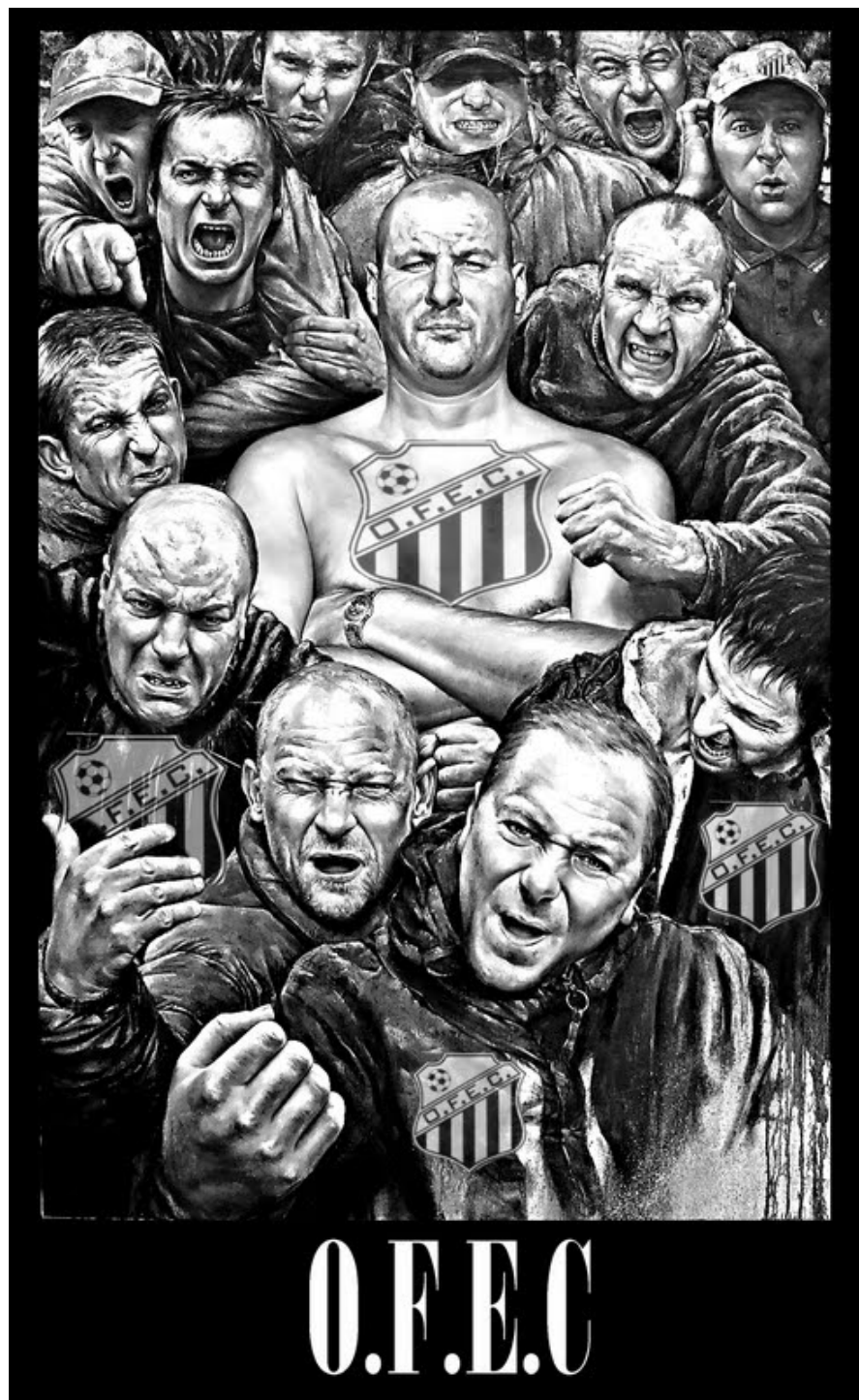


FIGURA 07: Montagem “de operários ferroviários”. Feita por torcedores do Operário Ferroviário em homenagem a classe operária, a montagem faz alusão a torcedores tipicamente “graxeiros” e proletários. Fonte: Montagem produzida pelo torcedor Ricardo Loreno. (2010).

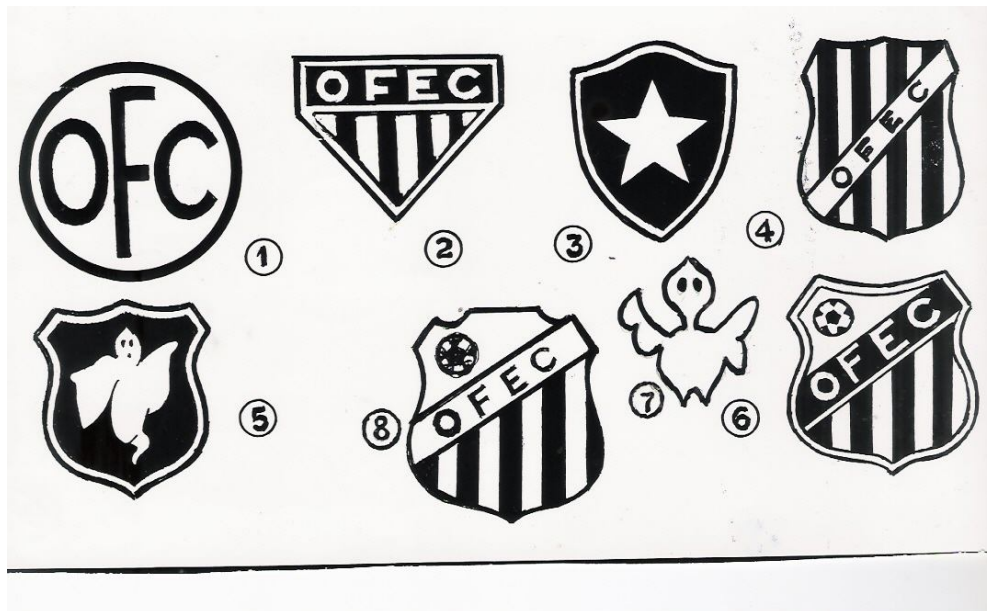


FIGURA 08: Os escudos do Operário desde 1914 a 1982. Inclusive, o primeiro escudo n° (1) foi confeccionado de maneira errônea (OFC). O certo seria “OSC”, já que o nome do clube na época era Operário Sport Clube. Nota-se que estes escudos foram inspirados com base em outros times: O n° (2) foi inspirado no São Paulo (SP); O n° (3) no Botafogo de Regatas (RJ). Originais, só o n° (5) e o n° (6) que ostentavam fantasmas no escudo, já que o n° (4), (6) e (8) são em homenagem aos Santos Futebol Clube (SP). Fonte: Ribeiro Júnior (2002).



FIGURA 09: Últimos escudos do Operário Ferroviário Esporte Clube (2009 e 2010). O escudo da esquerda era o oficial até 2009 e mantinha a mesma base do escudo n°8 da Figura 07 acrescido da frase “Fundado em 1912”. Já o escudo da direita é o atual do clube (2010). Após o acesso do Operário para a elite do futebol paranaense o texto foi modificado para “Uma paixão desde 1912”, como forma de comemorar o acesso. Foi acrescido ainda o nome Operário acima do escudo. Fonte: Fantasma Torcedor (<http://www.fantasmatorcedor.com.br>) (2010).

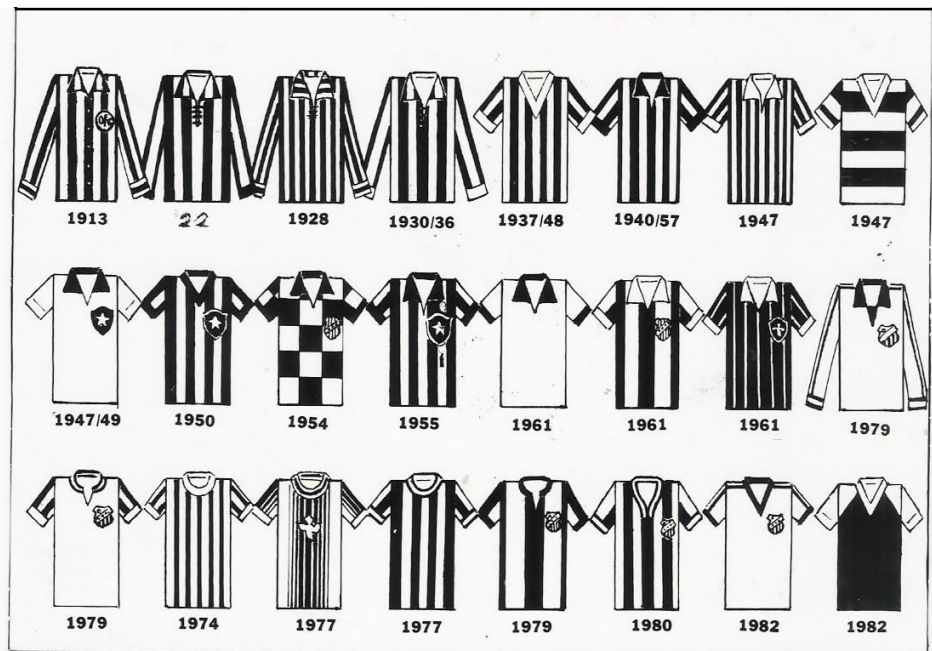


FIGURA 10: Os uniformes do clube alvi-negro usados de 1913 a 1982. Nota-se que em geral, todos os uniformes mantêm a tradição de mesclar as cores pretas e brancas. Os calções sempre foram, ou totalmente preto ou totalmente branco. O Uniforme número 02 do Operário Ferroviário vem sendo camisa branca. Fonte: Ribeiro Júnior (2002).



FIGURA 11: Últimos uniformes utilizados pelo Operário Ferroviário (2009 e 2010). O n° 1 foi usado na campanha da promoção à primeira divisão do campeonato paranaense de 2009. Destaque para o fantasma nas costas da camiseta. Já n° 2 é o uniforme referente ao ano de 2010. Fonte: Operario.com.

Uma peculiaridade que pode ser vista a partir do olhar do presente sobre os primeiros anos de história do Operário, era o ritual que acontecia nos dias de jogos. A cidade parava e várias atrações culturais se intercalavam fazendo destes dias únicos e especiais, ocasionando uma verdadeira extrapolação da espacialidade.

Normalmente, quando uma equipe de fora vinha jogar em Ponta Grossa, esta era recebida na estação de trem, e de lá, quase em marcha militar seguia para a Vila Oficinas, acompanhada de bandas musicais (com destaque para a banda Lyra dos Campos) aonde se realizaria o jogo. Após este, independente do resultado, ambas as equipes voltavam de trem até o centro da cidade cantando juntos e se preparando para uma “cervejada” oferecida por algum diretor ou jogador do fantasma, onde torcedores, jogadores adversários e os anfitriões se confraternizavam. E muitas vezes, essa festa se prolongava através de bailes animados por alguma banda (como por exemplo, o quarteto Smart Cinema) madrugada adentro ou acabava com a ida ao cinema Renascença onde assistiam a algum filme. (RIBEIRO JÚNIOR, 2002 e 2004). Estes acontecimentos mostram toda a força cultural e conseqüentes modificações sociais, espaciais e culturais que o Operário gerou já no início do século na cidade de Ponta Grossa.

Os jogadores (...) iam perfilados do hotel até o campo, (...), com banda de música e tudo, e a banda Lyra dos Campos ia tocando e vinha acompanhando, marchando e desfilando junto com as duas equipes, era interessante viu! E daí depois... às vezes eles iam de trem, eles pegavam o trem aqui e desciam lá nas oficinas (...). O futebol era animado naquela época viu! (Ribeiro Júnior, entrevista, junho de 2010).

O período entre a fundação da equipe até 1930 foi marcado pela superioridade absoluta do Operário no futebol pré-profissional pontagrossense, onde a equipe faturou diversas torneios pontagrossenses sobre vários rivais da cidade como o União Campo Alegre (UCA), o Guarani, o Olinda, o Savóia, o Aymoré, o Corinthians, o Americano, o Germânia, o Castelo Branco, o Bloco Sportivo Pontagrossense, o Nova Rússia, o América Pontagrossense, o Vasco da Gama, entre outros. (RIBEIRO JÚNIOR, 2004). As principais conquistas do Operário durante toda sua história podem ser conferidas no anexo IV (GIEBILUKA, 2010).

Mas a fama do Operário não ficou restrita apenas a região dos Campos Gerais, sendo forte a sua presença no cenário estadual, tanto que foi apelidado pela imprensa curitibana de “fantasma”, pois aterrorizava os times da capital em campo, sendo apontado como uma das melhores esquadras do estado durante a década de 1920 (FIGURA 12). O medo do fantasma era tamanha, que de acordo com as fontes históricas pesquisadas por Ribeiro Júnior (2002), há a suspeita que o Operário foi impedido de disputar o campeonato da capital em 1922, porque

os times da capital tinham um medo contingente do Operário e acharam melhor evitar o confronto com a esquadra fantasma. Essas histórias fazem parte do folclore da cidade e dão origem a inúmeras narrativas:

Em 1922, O Operário tentou participar do Campeonato da Capital, por possuir uma boa equipe, poderosa, e objetivava até o galardão que certamente poderia alcançar. Os clubes da capital, entretanto, acharam melhor não arriscar e o clube princesino não teve vez. O alvi-negro naquele ano tinha um “senhor time” de futebol. Os clubes que evitaram sua inclusão foram: - O Coritiba F.C., Palestra Itália, Savóia (atual Paraná Clube) e o Internacional (atual Atlético Paranaense). O medo ao “fantasma” era contagiante, e, por essa razão evitaram-no o mais que podiam num confronto direto. (RIBEIRO JUNIOR, 2002, p. 19).

Ficou o apelido de fantasma porque ele assustava os times grandes, sempre endurecendo contra eles. E que eu me lembre aqui em Ponta Grossa, nos velhos tempos, o Atlético era um time que nunca ganhava do Operário. Até lá mesmo, em Curitiba, o Operário sempre endurecia (Jorge Carneiro, entrevista, junho de 2010)

O apelido de fantasma foi dado pela crônica da capital, porque os times de lá vinham jogar em Ponta Grossa certos que sairiam vencedores e eram sempre derrotados. Assim começaram a alegar que aquilo só poderia ser obra de fantasmas, não era possível, eles achavam que o time deles venceria tranquilamente, mas chegavam aqui e levavam um show de bola do Operário! (Ribeiro Júnior, entrevista, junho de 2010)



FIGURA 12: Esquadra do Operário em 1922, antes da vitória de 7 a 2 contra o União Campo Alegre (UCA). Neste ano o clube dos ferroviários venceu o “Torneio Centenário”. Foi ainda Campeão do Interior e vice campeão Estadual. Estes feitos ajudaram na mitificação do Operário como “fantasma” que aterroriza os clubes da capital. Em pé: Não identificado, Chicharrão, Ewaldmeister, Lulu Marins, Jorge Fabri, Alvinmeister, Elísio e Kamaradt. Agachados: Paraílo Borba, Romano, Enrique Piva e Arnoldmeister. Fonte: Ribeiro Júnior (2002).

E o símbolo do fantasma (FIGURAS 13 e 14) é uma das mais fortes identidades que o torcedor operariano se orgulha. Tanto que esses torcedores, a imprensa e a população da cidade por vezes, se referem ao Operário simplesmente como “fantasma”. Inclusive, uma de suas torcidas organizadas se chama “Trem Fantasma” e o mascote aparece ainda em diversas músicas que a torcida canta no estádio. É comum ainda em dias de jogos do Operário Ferroviário observar inúmeros torcedores que vão fantasiados como fantasmas (FIGURA 15). Durante o campeonato de 2009 e 2010 era costume entrar junto com a equipe no gramado uma mulher vestida de fantasminha (FIGURA 16).

Esse mito do fantasma que apavora os times grandes da capital foi ampliado e resgatado para as novas gerações de torcedores, durante o campeonato paranaense da primeira divisão de 2010, onde o Operário realizou boas apresentações contra as equipes da capital. No dia 11/04/2010 após o jogo entre Coritiba x Operário, o programa Fantástico da rede Globo de televisão¹⁶ enfatizou na maior parte da reportagem sobre este jogo o fato de o Operário e sua torcida serem conhecidos como fantasmas. São poucos os clubes de futebol que possuem como mascote um fantasma, logo os torcedores operarianos super valorizam essa identidade.

Todos, sem exceção deram o sangue para mostrar que o Interior ainda é forte, ainda pode engrossar o caldo dos times da capital. Agora o sentido da palavra **fantasma** mais do que nunca faz sentido prá mim e prá muitos Operarianos. O time jogou muito, confesso que me emocionei ao ver o 2º gol do nosso Glorioso Alvinegro... (...) Vendo a arrogância de torcedores da capital, que apostavam em goleada hoje, mais do que nunca, torço prá que esses times da capital morram na praia, caiam prá série B! Sempre desvalorizaram os times do Interior! Engrossamos o caldo deles (Willian Uczak, declaração no orkut após o jogo entre Operário e Atlético-PR válido pelo campeonato paranaense de 2010, abril de 2010. Grito nosso).

De todos os amores que eu tive, és o mais antigo / **Fantasma** é minha vida, minha história, o meu primeiro amigo/ Quem não te conhece me pergunta por que eu te segui/ Eu levo a Operário no meu peito desde que eu nasci/ E eu não páro ... Não páro, não!/ É Operário ... Meu coração!/ **Fantasma** ... Minha paixão! /É operário... Religião! (Música da torcida organizada “Trem Fantasma” que a mesma canta no estádio. Mostra o uso da identidade fantasma nas músicas. Retirado da comunidade da torcida no orkut, abril de 2010, Grito nosso).

O Operário deveria se aproveitar mais do marketing de seu mascote. São poucos os times no Brasil que tem o fantasma como mascote; assim de cabeça só me lembro do ASA de Arapiraca-AL. Geralmente é leão e tigre. Sei lá, uma iniciativa seria dar um apelido para o Germano. Algo que dê uma ideia de mal-assombrado pra chamar atenção. (Leandro, comentário retirado do orkut, junho de 2010).

¹⁶ Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0.,MUL1565628-15605.00.html>>



FIGURA 13: Mascote do Operário Ferroviário: O fantasma. Criação do chargista Ireno José Guimarães, o fantasma aparece nesse desenho simpático, alegre e sorridente, empunhando a bandeira do Operário Ferroviário. O jornalista Osni Gomes (2010) argumenta que este desenho é um patrimônio de Ponta Grossa e do Operário, e como tal, precisa ser preservado e valorizado. Este argumento se baseia na premissa que este símbolo marcou época desde a década de 1950 e por ter causado grande orgulho aos pontagrossenses desta época. Fonte: Osni Gomes (2010).



FIGURA 14: O fantasma voltou. Mascote do Operário representado como um fantasma “do mal e assustador”, mostrando uma mutação do fantasma camarada da Figura 05. Alguns torcedores da nova geração gostam de representar o fantasma desta maneira como uma forma de intimidar e horrorizar adversários. Fonte: Futebol Paranaense.net (2010).



FIGURA 15: Torcedor fantasiado de fantasma. Ver torcedores de fantasmas é uma cena comum no estádio Germano Krüger. Nesta foto, o fantasma faz a festa e vibra na curva do diabo, como é chamada a parte sudeste do estádio. Fonte: Thiago Moro (2009).



FIGURA 16: “Fantasma” acompanha entrada do Operário em campo. Nos últimos anos (2008-2010), tem se tornado tradição entrar em campo junto com o time do Operário um “fantasma” (o sexto da esquerda para direita no centro). A torcida completa o cenário ao disparar os extintores de pó, que tentam simular um aspecto de assombração no estádio Germano Krüger. Fonte: Thiago Moro (2009)

Finalmente, é deste período ainda que a torcida operariana reclama o título de campeão paranaense estadual de 1926 que foi dado de maneira injusta ao Palestra Itália de Curitiba, apenas por este ser da capital como conta Ribeiro Júnior (2004), após o Palestra ter se recusado a jogar a final contra o Operário Ferroviário. Isso revolta até hoje certos torcedores operarianos que querem que seja reconhecido que o campeão daquele ano foi o Fantasma da Vila, como declarou Leandro Wagner: “Talvez demore o reconhecimento, mas o Operário merece” (em depoimento no orkut, 30 de abril de 2010).¹⁷

Já entre os principais jogadores lendários que vestiram a camisa operariana nessa época pré-profissional de futebol em Ponta Grossa de 1914 a 1950, destacam-se: Ernesto, o polaco polivalente (um dos recordistas nacionais no quesito de mais gols marcados numa mesma partida, onde o atacante fez nada menos que 10 gols na vitória do Operário sobre o Olinda de 13 a 3¹⁸); O goleiro Romano (um dos maiores goleiros do estado); Bach (descrito como o zagueiro inesquecível, devido a seu elevado nível técnico); Paraflío (descrito por Ribeiro Júnior (2004, p. 56) como o “Garrincha Pontagrossense” (devido a sua ginga de corpo e a agilidade dos pés com a bola); Amazonas (um dos melhores centroavantes pontagrossenses devido a sua inteligência e capacidade de drible); Gigi (de dribles curtos e estonteantes). Mas um dos que mais marcaram época para Ribeiro Júnior foi o extraordinário goleiro Tuffy Nejen, que ficou conhecido como o “Satanás”, devido a suas malandragens em campo e defesas ágeis e impossíveis.

Era um fenômeno no gol e isso ele demonstrou nas vitórias colhidas frente aos clubes da capital (...) em que o Operário saiu ileso e triunfante. Na capital do estado, o arqueiro chegou a gozar de seus adversários. Tuffy rolou uma bola para o adversário Pica-Pau chutar, desafiando-o para que marcasse o gol. O atacante se desesperou com o régio presente, teve tempo para “encher o pé” com vontade, cara a cara com Tuffy. Este, com a agilidade que Deus lhe deu, foi lá em cima, no ângulo, buscar a pelota, conseguindo mandá-la para escanteio, numa ponte extraordinária. Era, por essa razão que o chamavam de Satanás (...) o goleiro imbatível. (RIBEIRO JÚNIOR, 2002, p. 262)

Em 1931, como forma de homenagear a classe que o fundou e sempre esteve de maneira indissociável ligada ao clube, o então Operário Sport Clube passou-se a chamar Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC) após uma suposta fusão com o Ferroviário (clube

¹⁷ A prática de recorrer a títulos do passado é comum, como pode ser vista nos exemplos do Pelotas no Rio Grande do Sul, do Botafogo no Rio de Janeiro, entre outros.

¹⁸ Ao lado do centroavante operariano Ernesto se encontram: Tará (Náutico-PE), Caio Mário (CSA-AL) e Dada Maravilha (Sport-PE). Os 4 jogadores acima citados marcaram 10 gols cada em uma mesma partida, sendo o jogador operariano o primeiro a alcançar tal feito.

formado por trabalhadores ferroviários da RFFSA de Ponta Grossa que nunca entrou em atividade) em 15 de maio de 1933. Assim, após esta homenagem, que além de ter sido uma estratégia de toponímia para estigmatizar e valorizar o clube perante os ferroviários, também foi uma manobra administrativa, já que todos os trabalhadores da RFFSA teriam a obrigatoriedade de se associar ao Operário Ferroviário, que acabou por ficar com uma renda mensal superior a 3 mil contos de réis (muito dinheiro para a época) se tornando uma das maiores agremiações esportivas do sul do país.

Assim o OFEC passaria de forma direta a representar os ferroviários, se transformando em um ponto de encontro dos associados, sendo prometido após a associação destes a construção de piscinas, quadras de tênis e outros esportes, a remodelação de sua sede social e a construção de um majestoso estádio (análise mais aprofundada na seção 2.2).

Apesar das promessas, a conclusão do novo estádio acabou se estendendo. Com muitas dificuldades o estádio, que foi batizado de Germano Krüger (homenagem a um ferroviário que era muito admirado por todos da rede), substituiu o antigo campo onde o Operário disputava seus jogos na época (FIGURAS 17 e 18). Assim, o Germano Krüger foi inaugurado oficialmente em 12 de outubro de 1941 com a vitória do Operário sobre o União Campo Alegre por 6 a 1. Porém, a construção das piscinas, das arquibancadas definitivas de concreto e os campos de futebol suíço só foram concluídos no começo da década de 1980. (FIGURA 19).

A união com a rede ferroviária tornou o Operário quase imbatível durante as décadas de 1930, 1940 e 1950 na cidade de Ponta Grossa (FIGURA 20). Ganhou seguidos campeonatos pontagrossenses e sempre trazia fortes jogadores para atuar em sua esquadra, já que podia oferecer emprego, moradia e algumas regalias que as outras equipes da época não podiam.

O Operário era um time que era muito forte porque a rede era um meio de trabalho para tanta gente na época. Então eles podiam trazer jogadores bons e de fora que vinham ganhar bem na rede e com isso o time sempre era bom. É (...) e os jogadores melhores eles mandavam vim (...) já ficava com emprego e tudo, casa tudo..., diante disso era sempre campeão quase... houve apenas algumas interrupções da série de títulos do Operário em Ponta Grossa. (...)! Assim o Operário contratou jogadores de diversos lugares e virou um papa título. (José Cação Ribeiro Júnior, entrevista junho de 2010).



FIGURA 17: Jogo do Operário na década de 1910. Disputado no antigo campo do Operário em Vila Oficinas, em terreno da rede ferroviária. Fonte: Foto: Bianchi / Acervo: Casa da memória Paraná.



FIGURA 18: Jogadores do fantasma posam para foto junto ao Placar do antigo campo em Vila Oficinas. O Operário venceu por 7 a 0 o Olinda. Esse campo ficava ao lado da caixa d'água em Vila Oficinas, em terreno doado pela rede ferroviária. Fonte: Ribeiro Júnior (2002).



FIGURA 19: Vista aérea do Estádio Germano Krüger e das estruturas do clube social do Operário Ferroviário. Além do estádio, o Operário possui como patrimônio Campos de suíço, quadras de society, piscinas, churrasqueiras, lanchonetes, etc. Fonte: Sede social do Operário Ferroviário. Cortesia da foto de Helio Pereira de Almeida (2004).



FIGURA 20: Equipe do Operário Ferroviário, campeão Pontagrossense de 1940, pausa para foto na sala de troféus do clube. Nota-se através dos inúmeros troféus e taças conquistadas pelo Operário Ferroviário, o domínio quase absoluto do fantasma na meia metade do século XX. Em pé: Malabrega, Gigi, Tio Chico, Gotardelo, Flávio, Amazonas e Candinho. Sentados: Orestes Gatinho, Manteiga, Quito, Tarquínio Stumbo (técnico), Ales, Dario e Floriano. Fonte: Ribeiro Júnior (2004).

2.1.2 O Clássico OPE-GUÁ: Mais que uma rivalidade, um estado de espírito!

Mas o que mais marcou a história do futebol de Ponta Grossa e ainda está presente de maneira mais efetiva na memória de quem viveu na cidade ao longo do século XX, são os clássicos entre Operário e Guarani, cujos mascotes eram respectivamente o fantasma e um índio bugre (FIGURA 21). Nos dias de jogos entre as duas agremiações havia quase um clima de guerra na cidade, que se transformava em uma “arena de combate” (GOMES, 2002), especialmente porque as equipes e suas torcidas representavam e teatralizavam uma “luta de classes” em Ponta Grossa. Pode se dizer que este clássico é um dos eventos culturais mais representativos da história da cidade.



FIGURA 21: O Fantasma quebra a flecha bugrina. Charge feita em homenagem ao título de Campeão Pontagrossense conquistado pelo Operário em 1952, que mostra o fantasma quebrando a flecha do mascote do Guarani, o índio bugre. Fonte: Autor desconhecido. Acervo: Casa da memória do Paraná.

Isso tudo porque desde o princípio as duas equipes foram estereotipadas: o Operário Ferroviário representava o trabalhador ferroviário, o operário em geral e tinha a simpatia das classes mais simples, sendo sua torcida chamada de “graxeiros” (em alusão ao trabalho pesado que os trabalhadores ferroviários e alguns jogadores do time realizavam nas oficinas da ferrovia); Já o Guarani era o clube da aristocracia de Ponta Grossa e tinha a preferência da elite e dos comerciantes locais, sendo sua torcida conhecida como “pó de arroz”, em função do caráter elitista e branco que a equipe possuía. (CHAVES, 2001).

E o pessoal sempre disse que o Guarani era o time do pó de arroz das classes mais ricas, as famílias tradicionais da época (...). Já o Operário era o time da gente que trabalha na rede (RFFSA) que era mais humilde... (Jorge Carneiro, torcedor do Operário, entrevista junho de 2010).

Tinha a parte do Guarani e a parte do Operário no estádio. A torcida do Guarani era elite (Risos). Só o pessoal da cidade... Até os jogadores a maioria era rico que jogava no Guarani (Risos). Chamavam quem era Guarani de pó de arroz... (Risos) porque era só de gente fina... (Risos) e o Operário era o fantasma (Appôlonia, torcedora do Guarani, entrevista junho de 2010).

Você não torcia para o Operário ou para o Guarani, você *era* Operário ou *era* Guarani! Era um estado de espírito, e não mero gosto de time... A Pessoa já nascia premeditada a ter este espírito, você era induzido pela família desde pequeno a ser torcedor desse ou daquele time, era um sentimento muito forte, muito enraizado em termos de futebol... (Daniel Tavares, torcedor do Guarani, transcrição do documentário “Ope-Guá”, 2005).

O Operário demonstra a luta da classe minoritária, pois sabendo um pouco sobre a história do clube, é uma resposta ao modelo dominante, que se expressava pelo time do Guarani, assim o Operário representa todos os trabalhadores ferroviários que deram seu suor pela cidade! (Adriano Ferreira, questionário, jul. de 2010).

O clássico entre as duas equipes que ficou conhecida como “Ope-Guá”, começou já em 1914 quando houve um forte debate entre jornais sobre o jogo realizado no dia anterior em que o Operário levou a melhor. Os debates escritos continuaram durante grande parte do século XX, além de diversas brigas extra campo entre as duas diretorias, o falatório geral na cidade e as grandes festas que ocorriam antes do encontro dos bugres com os fantasminhas.

A rivalidade OPE-GUÁ não ficou restrito apenas na teoria e aos discursos, refletindo-se também dentro de campo com inúmeros clássicos inesquecíveis (FIGURAS 22 e 23), recheados de lances e fatos polêmicos e situações inusitadas no estádio, seja no do Guarani (Estádio Paula Xavier) ou no do Operário Ferroviário (o Germano Krüger). Exemplos dessa luta de classes dentro das quatro linhas podem ser vistas num clássico “Ope-Guá” no ano de 1934, quando após uma confusão entre dois jogadores de ambas as equipes iniciou-se uma briga geral. Ribeiro Júnior lembra bem:

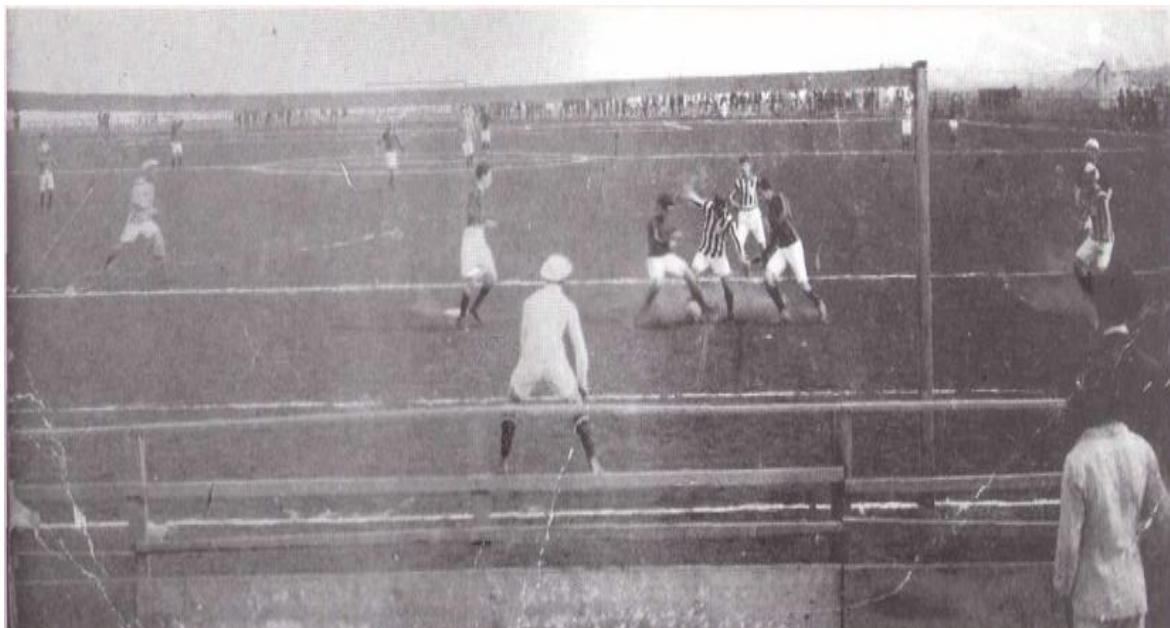


FIGURA 22: Um dos inesquecíveis clássicos “Ope-Guá” realizado em 07/02/1932. Este duelo entre bugrinos e fantasmas acabou com o empate em 1 a 1. Neste lance, observamos o atacante alvinegro Amazonas disputar a bola com a defesa do Guarani, formada por Jango, Túlio e Naumann. Fonte: Ribeiro Júnior (2004).



FIGURA 23: Imagem da disputa de bola num clássico entre o time dos graxeiros (Operário) e a equipe da torcida “pó de arroz” (Guarani). Década de 1950. Fonte: Documentário Ope-Guá (2004).

Flori entrou de sola num desvio de Durval que investiu contra o atacante bugrino dando-lhe um pontapé. Flori levantou-se e, então, iniciou-se vergonhosa cena. A torcida invadiu o campo, entrando também diretores, soldados, etc. (Ribeiro Júnior, 2002, p.66).

Nos dias que antecediavam o encontro entre os “graxeiros” versus os “Pó de arroz” a cidade parava e só se respirava e se falava sobre o Ope-Guá. Inclusive, até as instituições econômicas e comerciais por vezes paravam para ver o referido clássico (FIGURA 24). É nítido ver a emoção e a saudade nas falas abaixo que expressam a representatividade e importância que teve este clássico para a identidade da cidade de Ponta Grossa:

Nossa rapaz, a cidade parava. Lotava! Quando tinha jogo ali no Guarani ou quando era mando do campo do Operário... Lotava... lotava demais!. Como naquele dia que choveu no domingo e transferiram o jogo para quarta feira e nisso quase todas as firmas cancelaram e dispensaram os funcionários para virem assistir ao jogo. Eu tinha uns 15 anos e trabalhava na loja do Cozarte, e a firma dispensei todo mundo para verem o jogo. Vim de lá da firma na caçamba de uma caminhonete ver o clássico. A cidade inteira parou, todo mundo: O comércio, as lojas, as firmas... tudo pra ver o jogo do Ope-Guá! Tudo isso porque a briga e a rivalidade Ope-Guá era muito grande! (Jorge Carneiro, entrevista, junho de 2010).

Quando tinha o jogo do Operário, e principalmente quando era contra o Guarani, desde o sábado já tinha carreatas pelas ruas preparando o clima para o jogo. Já no domingo de manhã era uma correria para tudo quanto é lado de bandeiras e tudo mais. Nossa Senhora! Até a hora do jogo ficavam correndo pela cidade e os carros buzinando e aquela coisa assim. (...), até à Cavalhada tinha pessoal com bandeira (...) fazendo a festa. Era muito mais festa do que agora! Mas muito, muito mais do que agora! (...) Meu Deus do céu! E aquele barulheiro na cidade! Não lembrava fazia tempo mais dessas coisas assim sabe, dos tempos de solteira; parece que a gente tá vivendo aquilo sabe... Incrível! (Appôlonia, torcedora do Guarani, entrevista junho de 2010).

E a cidade parava. Eram 15 dias onde só se falavam em “Ope-Guá, OpeGuá”... A rua XV de um lado era Guarani e do outro lado era Operário. E ficava aquela falação geral lá e na cidade em geral... (Joel, ex jogador do Guarani, transcrição do documentário “Ope-Guá”, 2005).

O inusitado encontro entre os bugrinos e os fantasmilhas produziu infinitas narrativas peculiares, engraçadas e que marcaram época daqueles que cresciam na efervescente sociedade pontagrossense da metade do século XX:

E daí quando tinha o jogo do Operário e do Guarani, nós íamos lá e torcia pelo Guarani! Inclusive por causa disso uma vez eu levei uma subrinhada na cabeça! (Risos). Eu levei da mãe de um jogador que era do Operário, nossa, mas ela me deu com a sombrinha lá sabe? (Risos) Porque ela era muito conhecida da minha amiga e viu nós torcendo pros Guarani lá e não se conformou e daí nossa... só vi a subrinhada na cabeça... mas levei na cabeça.. (...). a gente ia e se divertia lá naquele movimento... (Appôlonia, torcedora do Guarani, entrevista junho de 2010).

Outra história marcante foi quando o seu Petrônio quis concentrar o time do Guarani na sua mansão, na Paula Xavier. Entramos para retiro no sábado de manhã e na hora do almoço serviram aquela feijoada! E para surpresa nossa, na noite veio uma diarreia geral! (Risos) Uma desintéria muito forte em todo plantel! E daí foi aquela loucura! Médico correndo, e aquele corre-corre em nossos corredores. Não existia banheiro para dar conta daquilo! (Risos). E foi uma preocupação muito grande, porque o jogo no domingo a tarde era decisivo e de muita importância para nossa classificação no campeonato paranaense contra o nosso maior rival, o Operário. E todo mundo estava enfraquecido e com aquela diarreia! Quando foi no almoço de domingo, não sabiam o que fazer pra trancar o estomago! E daí sei que fizeram uma canja e tal. Esse fato eu nunca me esqueço... E eu não sei se a gente tava mais leve ou sei lá o que aconteceu, sei que a gente foi em Vila Oficinas e deslanchamos e fizemos uma bela partida e ganhamos de 3 a 1 do Operário! Isso me marcou na minha vida! (Rosinha, ex jogador do Operário e do Guarani, transcrição do documentário “Ope-Guá”, 2005).



FIGURA 24: Torcedores lotam o Estádio Paula Xavier para acompanhar o Ope-Guá. Nos dias que antecediam o clássico, a cidade parava. Ou seja, o clássico formava uma pré-especialidade. Fonte: Documentário Ope-Guá (2004).

Por fim, ainda destacamos o poder do clássico para a cidade de Ponta Grossa, pois este modificou e criou inúmeras espacialidades e territórios no espaço urbano da cidade. Assim os espaços de representações criados pelo clássico Ope-Guá dividiam ruas, vagões de trem e produzia inúmeras relações sociais caracterizadas, ocasionando em seus agentes à sensação de realização como pessoas totais (SHIELDS, 1999 citado por CAMPOS, 2008).

Depois que terminava o jogo, tanto a torcida do Guarani quanto a torcida do Operário subiam alí pela Rua Amazonas e o que ganhava ia comemorar! E alí na Rua XV de Novembro tinha dois bares, um era do Guarani e o outro do Operário. Quando o Operário ganhava era aquela folia! E o gozado era que os bares eram um na frente do outro...mas tudo mundo se respeitava... (...) e nunca acabou nem vai acabar a rivalidade! Se bem que hoje se tornou mais uma amizade, um comentário, não como antigamente, que era um entusiasmo, aquela festa. (Hélio Dias, ex-jogador do Operário, transcrição do documentário “Ope-Guá, 2005).

Na Rua XV de Novembro, a artéria principal de nossa cidade, estava o reduto de ambas as torcidas. Do lado direito, onde hoje é a imobiliária do Tavarnaro, ficava o bar e restaurante King, onde se concentrava a torcida do Operário, a “torcida fantasmilha”. E do lado esquerdo, onde hoje é o banco Bandeirante, existia o bar e restaurante Maracanã, propriedade do Jamilã, figura folclórica, que era o reduto da torcida bugrina. E era um na frente da outra os bares, mas as torcidas não se misturavam! Uma não podia atravessar a rua porque aquilo seria motivo de ofensa e atrito. E Aquilo era um ponto folclórico, aonde marcou muito a existência da nossa cidade naquela época. (Rosinha, ex-jogador do Operário e do Guarani, transcrição do documentário “Ope-Guá”, 2005).

Existem relatos que em jogos no Germano Krüger, que para a época era em um local distante, a RFFSA disponibilizava vagões para o transporte dos torcedores da estação central para o estádio, sendo esses vagões divididos entre as torcidas do Guarani e do Operário. Essas torcidas embarcavam e voltavam juntas, em vagões distintos. (Marcus Vinicius, questionário, maio de 2010).

Porém, durante a década de 1970 o Guarani devido a diversos problemas internos e financeiros, acabou abandonando o futebol profissional e dando um fim temporário nos Ope-Guá. Mas aqueles que vivenciaram o clássico sonham para que o mesmo volte, e com ele toda a magia e alegria que cercavam o encontro entre estas duas agremiações. É unanimidade nas falas o sentimento de perda cultural que deixou o fim do “Ope-Guá”:

Enquanto durou estes dois times o futebol aqui na cidade foi fervoroso! Era uma alegria! Uma torcida doida rapaz... brigavam, festavam... era uma coisa doida... doida.... depois o Guarani se afastou e o futebol decaiu aqui... (Ribeiro Júnior, entrevista junho de 2010).

Eu queria que voltasse o Guarani, mas eu acho que é difícil. Nem tanto para torcer pelo time, mas só pra ver o movimento de novo se ia ter, de rivalidade, de falação na cidade em geral. Ia animar bem mais a cidade novamente. Porque o Ope-Guá divertia a cidade... A que movimento que era, o assunto na cidade era só aquilo! (Appôlonia, torcedora do Guarani, entrevista junho de 2010).

Inclusive a maior frustração minha enquanto desportista e como amante do futebol, foi não ter visto um Ope-Guá. Porque a rivalidade entre o Operário e Guarani superava a rivalidade “Atletiba”(...) era incrível! E até hoje tem torcedor que era do Guarani que torce contra o Operário! (...). Meu pai por exemplo, nunca torceu paro o Operário! Ele nunca foi ao estádio depois do Guarani parar, se manteve Guarani até morrer. (...) A com certeza que eu gostaria que esse clássico voltasse! Pois fortaleceria o futebol de Ponta Grossa. (...), um iria puxar o outro para ficar mais forte (...). O futebol e a torcida daqui só teriam a ganhar. (Diomar Guimarães, torcedor do Operário, entrevista, junho de 2010).

Mas depois que o Guarani deixou o futebol, e veio aquela confusão na época com a Pontagrossense, caiu bastante as torcidas. Veio uma decadência.... O Operário ficou

bastante tempo sem investir no clube (...) só pensavam em fazer dinheiro e tudo mais, e o futebol foi deixado de lado...(...) Operário faz parte da cultura. Pela história e por tudo que ele já conseguiu. Tanto o Operário quanto o Guarani, que faz falta. Se tivesse o Guarani ia ser diferente o futebol, ia ter mais emoção. Porque uma rivalidade tudo mundo ia ta comentando, um espera o momento de jogar com o outro, e um não quer perde pro outro, um não quer ficar por baixo do outro e quem sai ganhando com isso é o torcedor e o futebol leva vantagem nisso. Atualmente, só os 3 da capital que fazem alguma rivalidade com o Operário, os outros times não. (Mauro Ferreira, ex-jogador e torcedor do Operário, entrevista, julho de 2010).

Depois do Ope-Guá apagou muito a cidade... deixou um vazio muito grande...(Luiz Nicolau Correia, ex diretor e ex jogador do Guarani, transcrição do documentário “Ope-Guá, 2005).

Apesar de toda a simbologia e história marcante que o clássico Ope-Guá ocasionou a Ponta Grossa, muitos dos entrevistados do questionário não se recordam muito sobre ele e não reconhecem a sua representatividade, devido a sua jovem idade e a falta de divulgação deste que foi um dos maiores eventos esportivos e culturais que Ponta Grossa já teve.

E foi graças à rivalidade Ope-Guá que ambas as equipes tiveram uma grande evolução técnica e começaram a figurar entre as principais esquadras do Paraná depois de 1955, quando tanto o Operário quanto o Guarani se profissionalizam deixando de participar dos campeonatos amadores de Ponta Grossa e passando a disputar a liga profissional de Curitiba, que passou a ser oficialmente chamado de Campeonato Paranaense.

2.1.3. *Operário Ferroviário: Sofrimento e glória andam juntos...*

Durante a década de 1950 até 1970 o Operário viveu uma das fases mais vitoriosas de sua história, tanto no cenário regional quanto estadual. Entre as principais conquistas que os torcedores citam estão o título do campeonato do centenário de 1953, do campeonato da Zona Sul de 1961 e da divisão de acesso de 1969; além da participação no torneio da legalidade em 1961 e também de diversas vitórias e partidas inesquecíveis contra os times da capital ou com algumas das principais equipes brasileiras da época.

O título de Campeão do Centenário de 1953 foi conseguido após a Liga Regional de Ponta Grossa realizar o primeiro e único¹⁹ campeonato profissional Pontagrossense. O

¹⁹ Só ocorreu 1 campeonato profissional pontagrossense (1953) (que incluía também os times de fora de Ponta Grossa como o Municipal de Prudentópolis, o Irati e o Caramuru de Castro), pois a Liga Regional de Ponta Grossa foi considerada amadora pela Confederação de Desportos Brasileira (CDB – Atual CBF). Assim, Operário e Guarani ingressaram na Liga Profissional de Curitiba e passaram a disputar campeonatos profissionais por esta, e os demais times pontagrossenses passaram a disputar o campeonato amador de Ponta Grossa, que perdeu força após a saída da dupla Ope-Guá (RIBEIRO JÚNIOR, 2004).

Operário Ferroviário não perdeu esta oportunidade e após formar uma forte equipe profissional foi campeão após uma vitória de 6 a 0 na final contra o UCA. Ribeiro Júnior (2002, p. 164) salienta que “após a conquista, a torcida operariana organizou um verdadeiro carnaval com cartazes e dísticos simbolizando a gloriosa conquista, saindo às ruas da parte central da cidade”.

Mas a conquista mais significativa da história do clube em tela foi o título de campeão da Zona Sul de 1961. Naquela época o campeonato paranaense era dividido em Zona Sul (que envolviam os times mais competitivos e fortes da capital, do litoral e dos Campos Gerais) e da Zona Norte (resto do estado). Após brilhante campanha, o time de Vila Oficinas perdeu na final da Zona sul para o Curitiba, porém este jogou com um jogador irregular. Sendo assim, de acordo com regulamento da época, o Operário Ferroviário foi declarado campeão da Zona Sul (FIGURAS 25 e 26). A cidade viveu um verdadeiro carnaval fora de época graças a essa conquista, que para muitos, foi a maior da história do Operário:

A cidade pegou fogo, assumindo características carnavalescas. A população (...) invadiu as ruas enfrentando o cortante frio da noite, tomando as ruas centrais (...). De um instante para outro a população fez com que o trânsito central congestionasse. Bandeiras alvinegras tremulavam e espocavam fogos por todos os lados, ante o ensurdecedor barulho das buzinas dos carros. O povo dava vivas ao “fantasma” (...). Os abraços se confundiam naquele ambiente de festa e alegria, entre sorrisos e lágrimas. Faixas foram improvisadas e entre fogos e businas de automóveis, a festa, apesar do frio intenso, atravessou toda à noite. Quase todas as janelas abriram-se para exaltar a imensa legião de torcedores que festejavam pelas ruas a conquista do título inédito. (RIBEIRO JÚNIOR, 2002, p. 214).

Lembro muito bem da campanha de 1961 (...).o Operário jogou com o Caramuru de Castro, eliminou o Britânia e disputou com o Irati a vaga na final. Lembro que teve um trem que saiu daqui de Ponta Grossa cheio de torcedores, acho que tinha uns 10 a 12 vagões tudo lotado, mas a torcida foi em peso lá de trem e o Operário ganhou o jogo lá de 1 a 0. (...) e o Operário classificou para a final com o Curitiba, mas perdeu porque a federação não deixava time do interior ganhar, mas como o Curitiba tava com jogador irregular o Operário ganhou no tapetão, daí foi só festa. (Jorge Carneiro, entrevista, junho de 2010).

Como salientado na fala anterior de Jorge Carneiro, foi dessa época que surgiu a famosa lenda do **trem fantasma**, apelido que foi dado à locomotiva que carregava dezenas de vagões apenas com torcedores operarianos (análise mais completa na seção 2.2). Esse título de campeão da Zona Sul permitiu ao Operário disputar a final do campeonato paranaense contra o Comercial de Cornélio Procópio, campeão da Zona Norte, que acabou se sagrando campeão estadual daquele ano. Entretanto, a conquista da Zona Sul abriu as portas para o



FIGURA 25: Esquadrão fantasma responsável pelo maior título da história do Operário Ferroviário: Campeão Paranaense da Zona Sul (1961). Em pé: Darci (massagista), Roberto, Daniel Chibinski, Ribamar, Arlindo, Laércio, Hélio Silvestre. Agachados: Jairo, Fiúza, Silvio Cosmoski, Leocádio e Otavinho. Fonte: Ribeiro Júnior (2002).



FIGURA 26: Desfile do troféu pela cidade de Ponta Grossa. Após a decisão da justiça, a euforia tomou conta da cidade de Ponta Grossa. Nesta foto vemos Aroldo Vaz desfilando pela cidade de Ponta Grossa com o troféu do campeonato paranaense da Zona Sul em 1961. Fonte: Ribeiro Júnior (2002).

Operário disputar com os maiores times do sul o “torneio da legalidade”²⁰, que teve a participação e grandes clássicos entre o Operário e o Internacional-RS, Grêmio-RS, Coritiba²¹, Marcílio Dias-SC e Metrópole-SC.

Os clássicos com as grandes equipes brasileiras não ficaram restritas apenas a este torneio, e durante os anos 1950 e 1960 o Operário recebeu no Germano Krüger fortes equipes brasileiras e não fez feio nos jogos contra o Corinthians Paulista, Olaria-RJ, São Paulo (onde colheu um resultado esplêndido ao empatar em 1 tento), Santos-SP, Botafogo de Ribeirão Preto-SP, Flamengo-RJ e entre outros, em jogos amistosos ou comemorativos realizados na data de seu aniversário.

Penso que entre as conquistas mais marcantes do Operário estão à participação no torneio da legalidade, porque, foi bastante orgulho na época ver o Operário representar o estado. E teve jogos assim que o Operário se apresentou muito bem, como contra o Santos em 1958, o Pelé não veio, mas a maioria do time titular do Santos veio, o São Paulo também jogou aqui e veio com vários jogadores da seleção brasileira, e o Operário ainda empatou em 1 a 1. Teve o jogo contra o Flamengo que ganhou de 5 a 0 do Guarani na Vila Estrela, mas já contra o Operário o jogo já foi bem mais sofrido para eles...(Mauro Ferreira, entrevista, julho de 2010).

E graças a estas conquistas e as boas exibições do “fantasma” frente aos times da capital e de outras regiões (como várias vitórias e até goleadas contra o Atlético Paranaense, Coritiba, Ferroviário, Britânia, C.A.M.A., etc) a paixão do torcedor pontagrossense pelo futebol aumentou de forma exponencial, com o Operário registrando excelentes níveis de bilheteria, seja na primeira ou segunda divisão estadual.

Porém nem tudo são flores na história do fantasma. Muitas vezes problemas e dívidas financeiras atrapalharam o clube, como em 1965 que o mesmo acabou rebaixado de divisão e a volta a elite do futebol paranaense só seu deu com o título de campeão da 2º divisão de 1969 (que também ficou conhecido como Troféu Casa Tango) contra o Comercial de Cascavel (FIGURA 27). Este foi o último grande título profissional conquistado pelo Operário e também foi muito comemorado na época, marcando lembrança na memória de vários torcedores:

²⁰ Este foi um torneio patrocinado pela Federação Gaúcha de Futebol que deu o nome ao mesmo de “Sul Brasileiro”, a ser disputado pelas equipes campeãs e vice-campeãs dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Porém, a imprensa batizou de “Torneio da Legalidade” em virtude dos acontecimentos políticos quanto à legalidade ou não do governo da época (1962).

²¹ Alguns fatos desse torneio são pitorescos: Como no jogo entre Coritiba e Operário, onde o atacante Leocádio deu uma tijolada na cabeça do arbitro da partida, devido a este “estar atuando de maneira tendenciosa”. Outro fato curioso, foi quando em outra partida entre Coritiba e Operário, na qual o fantasma saiu derrotado, a diretoria alvinegra resolver “castigar” seus jogadores e abandonou os mesmos em Curitiba. Mas estes foram salvos pelo goleiro Arlindo, que junto com o atacante Silvio, pagou um lanche para seus companheiros na viagem de volta (RIBEIRO JÚNIOR, 2004).

O Famoso “Trem Fantasma” comandou o desfile matinal pelas principais ruas da capital (...) vários torcedores preferiram desfilar isoladamente conduzindo suas gigantescas bandeiras alvinegras. O desfile foi monumental, saindo da Vila Capanema (...) para terminar nas ruas de Ponta Grossa. Na “princesa dos campos” as ruas que dão acesso ao centro da cidade ficaram tomadas de torcedores, que desejavam ver seus ídolos passarem. Na Avenida Vicente Machado outra multidão aguardava o desfile da vitória, que se prolongou até as primeiras horas da madrugada (RIBEIRO JÚNIOR, 2002, p. 260).

Mas daí o Cascavel veio joga aqui em Ponta Grossa e perdeu e a decisão final foi lá onde é o estádio do Paraná Clube e eu fui lá de novo ver o jogo que o Operário acabou ganhando. A rua XV onde hoje é a rua das flores o pessoal fez aquele negocio e criaram o trem fantasma que tinha um caminhão e fumaça, invadiram a rua XV que era aberta pro povo lá, e fizeram a festa lá, tinha o jornal (...) e saiu na primeira página que o Operário tinha retornado para a primeira divisão com muita festa. (Jorge Carneiro, Entrevista, junho de 2010).



FIGURA 27: Equipe do Operário Ferroviário pausa para a foto de campeão da 1ª Divisão Paranaense da Zona Sul de 1969. Este título garantiu acesso à divisão principal do campeonato paranaense. Ao centro se observa o Troféu Casa Tango. Em pé: Nelsinho, Ferrinho, Nilo Gomes, Mourão, Roberto, Nilson, Osires Nadal (repórter). Agachados: Nilson Peres, Reinaldo, Sabino, Padreco e Gauchinho. Fonte: Ribeiro Junior (2002).

Entre os jogadores que mais brilharam com a camisa alvinegra de 1950 a 1970 e citado por torcedores estão João Cosmoski (o capitão da equipe que era um “leão na retaguarda”); Ribamar, o atacante que foi um dos responsáveis pelo maior título da história do OFEC ao lado de Jairo (o inteligente e rápido ponteiro), Neguinho Zéca, (um dos maiores centroavantes do Paraná na época), Hélio Silvestre, Alex (meia esquerda), Daniel Chibinski, João Cádio, entre outros.

Devido as constantes crises financeiras, tanto Operário quanto Guarani pediram licença junto a federação paranaense de futebol em prol de um novo clube montando na cidade, a Associação Pontagrossense de Desportos, que herdou a vaga do Operário na primeira divisão estadual em 1970. Os jogadores que estavam no Guarani e no Operário passaram a integrar esta equipe que pretendia representar Ponta Grossa no cenário esportivo nacional e estadual. Porém, mesmo com boas campanhas no estadual, nota-se que a equipe não caiu no gosto do torcedor pontagrossense e não tinha a identidade da cidade, pois esta queria ver mesmo o Operário a representando devido a sua tradição e peculiaridades.

Sabe, já eu na minha infância peguei um vácuo muito grande de time de futebol aqui na cidade, porque não tinha esse falatório de futebol na cidade (...). Teve uma época que teve aquela Pontagrossense, mas sinceramente eu não lembro de quase nada, não empolgou quase nada a cidade e a torcida, porque parecia que aquele time não tinha identidade! Ponta Grossa não comprou a ideia do time. Por isso acho que com esse vácuo muita gente perdeu esse vínculo com os times de nossa cidade e começou a só torcer pros times de fora. (Márcia Saab, entrevista, junho de 2010).

Não deu certo, não adianta, fazer Ponta Grossa, Pontagrossense, seja lê que outro time, não adianta! (Falas com convicção e orgulho), tem que ser Operário! (Jorge Carneiro, entrevista, junho de 2010).

O Operário é o menino de ouro desta cidade. Não tem como não gostar desse clube. Muita tradição e um grande potencial. Todo pontagrossense ama o Operário por ser um clube da massa. Desde sua origem, com os trabalhadores ferroviários, sempre foi o símbolo da luta (Marciel Rodrigues, questionário, jul. de 2010).

E após o fracasso da Pontagrossense intensificaram-se as campanhas para o Operário voltar ao profissional, pedidos que se concretizaram no campeonato paranaense de 1974. Porém, o tradicional rival do clube de Vila Oficinas, o Guarani não teve a mesma sorte e nem verba financeira suficiente, e não conseguiu reerguer seu departamento profissional. Assim, o clube bugrino acabou por perder sua vaga no campeonato estadual junto a Federação Paranaense de Futebol, acabando por abandonar definitivamente o futebol profissional. Diante disso, a partir desta data, o Operário passou a ser o único clube profissional representante de Ponta Grossa no cenário esportivo estadual e nacional.

O fantasma, que foi uma bandeira em seus primeiros dias de fundação da classe ferroviária, passando posteriormente a representar o bairro de Vila Oficinas e depois a todos os operários em gerais (em detrimento do clássico Ope-Guá: elite x classes populares), depois de 1974 até os dias atuais passou a ser a bandeira de toda uma cidade, que se une por suas cores e tradição, mesmo que alguns bugrinos fanáticos não o amem tanto...

A gente respeita ele só né (o Operário)... Quando ele joga com os times de fora a gente quer que ele ganhe pela cidade, mas não é assim aquela coisa de coração. (Appôlonia, Torcedora do Guarani, entrevista, junho de 2010).

A volta do Operário foi turbulenta e sucederam-se seguidas campanhas sofridas no campeonato estadual, até que em 1979 o clube recebeu um convite inusitado: participar do campeonato nacional ao lado dos grandes clubes brasileiros. Porém, para poder participar do nacional, o Operário precisou contar com a ajuda de empresários, torcedores e da prefeitura, que enxergava no Operário uma oportunidade para divulgar o nome da cidade no cenário estadual e ainda suprir a carência do cidadão pontagrossense de ver seu time disputando campeonatos nacionais importantes (discussão a ser realizada na seção 2.4 deste trabalho). A prefeitura via que, através da participação no campeonato nacional, o Operário Ferroviário iria divulgar o nome da cidade para o restante do país, servindo assim de propaganda para atrair turistas, investidores e empresas para a região.

E graças a ajudas dos governos locais, empresários e a população em geral, que unidos desejavam ver o Operário representar Ponta Grossa, o mesmo pode participar do gigantesco Campeonato Nacional de 1979 ao lado das mais tradicionais e fortes equipes do Brasil. Esse campeonato era visivelmente de uso político, pois o governo militar influenciava de maneira determinante a CBD (Confederação Brasileira de Desportos, organização responsável pela organização dos campeonatos profissionais de futebol no Brasil) para incluir times de cidades a pedido de políticos. Daí que também surgiu um bordão popular: "Onde a ARENA vai mal, mais um no nacional!" (NEOTTI, 1980, p. 15). Desta maneira, o campeonato brasileiro de 1979 teve o absurdo número de 96 participantes, onde o Operário foi um deles.

Neste campeonato o time de Vila Oficinas venceu 2 partidas, empatou 1 e perdeu 6, terminando na 88ª posição na classificação final (FIGURAS 28 e 29). A participação no nacional de 1979 e no nacional da série prata de 1980 fez o fantasma figurar nas principais manchetes de jornais esportivos nacionais, como na revista Placar de 1979 (FIGURA 30).

Outro fato importante que colocou o Operário Ferroviário na mídia nacional e causou grande orgulho em seus torcedores e na cidade em geral, foi durante o programa fantástico de

1981, exibido em horário nobre no domingo à noite. Neste dia, o programa elegeu como o goleiro da rodada e como autor do gol mais bonito do domingo do Brasil dois jogadores do Operário Ferroviário, após a vitória deste contra o Londrina:

Houve um jogo em Londrina, o qual o Operário ganhou de 1 a 0. E na época o programa Fantástico da rede Globo elegia o goleiro fantástico da semana e o gol fantástico da semana, que era o mais bonito da semana, e o Brasil inteiro ficava na expectativa esperando para ver quem era o goleiro e o gol fantástico que passava as 10 horas da noite. E naquele dia o goleiro do fantástico foi o Licardo do Operário e o gol mais bonito foi do Admilson, que era o ponteiro direito que fez o gol no Londrina. Essa foi uma história assim que proporcionou um orgulho muito grande a todos os pontagrossense, pois colocou o Operário Ferroviário e a cidade de Ponta Grossa na mídia nacional, no horário mais nobre da televisão na época, foi assim muito interessante e inesquecível. (Diomar Guimarães, entrevista, julho de 2010).



FIGURA 28: Equipe do Operário que disputou o campeonato nacional de 1979. Após ser convidado para disputar este campeonato, o Operário teve que construir arquibancadas provisórias (ao fundo), que a torcida lotou quase por completo. Foto tirada na vitória do Operário sobre a Chapecoense (SC) por 1 a 0. Em pé: Renatão, Mineiro, Osni, Miranda, Milton do Ó e Luiz Carlos. Agachados: Paulo Borges, Dagoberto, Silva, Raul Santos e Doquinha. Fonte: Ribeiro Junior (2004).



FIGURA 29: Lance da partida do campeonato nacional no qual o Operário Ferroviário derrotou o Colatina (ES) por 1 a 0, em 14/10/79. O fantasma realizou uma campanha razoável neste torneio, e ficou na 88ª posição. Neste lance, disputam a bola Raul Santos e Silva do Operário Ferroviário e Edvaldo, Osmar e Paulino do Colatina. Milton, ao longe, observa o lance. Fonte: Ribeiro Junior (2004).



FIGURA 30: Equipe do Operário pousa para foto junto a Taça de Vila Velha. Após a participação no nacional, o OFEC acabou por virar manchete em vários meios de comunicação nacionais. O cidadão pontagrossense sentiu-se muito orgulhado por ver sua cidade sendo representada pelo OFEC. Nesta reportagem, a revista Placar (10/07/1981) mostra a equipe do Operário Ferroviário pousando para foto na frente de outro símbolo da cidade de Ponta Grossa: A Taça de Vila Velha. Fonte: Revista Placar (1979).

Mas a década de 1980 foi muito assombrada para o Operário. Pode-se dizer que a assombração se virou contra o fantasma... Após duas campanhas razoáveis no estadual (em 1981 ficou em 6º e em 1982 em 5º lugar), no campeonato estadual de 1983 agravando problemas financeiros e estruturais, o time de Vila Oficinas computou o último lugar (12º) e não conseguiu evitar a queda para a segunda divisão estadual. A queda de divisão agravou os problemas financeiros da equipe, que se viu em uma de suas fases mais negras da história, quase fechando as portas. Após campanhas pífiás e vergonhosas na divisão de acesso do futebol paranaense (O Operário não conseguiu a ascensão nos campeonatos de 1984, 85, 86, 87 e 88), à volta a elite do fantasma só ocorreu no ano de 1989 quando este foi convidado para disputar a primeira divisão do paranaense.

Mas mesmo na desgraça de tempos difíceis, os torcedores operarianos lembram de situações cômicas e inusitadas que cercavam o cotidiano do fantasma. Como em 1986, que o Operário passava por uma grave crise financeira, quando apareceu um “messias” que dizia que iria pagar todas as dívidas do clube. Mas após eleito presidente do clube, o mesmo desapareceu do mapa. Houve uma frustração geral na cidade e os diretores do Operário, que segundo conta Ribeiro Júnior (2002, p.206), se sentiram “frustrados por terem sido infantilmente enganados”.

A dessa palhaçada eu participei (Risos) (...) apareceu um cidadão que queria ser presidente do Operário e não sei o que, que tinha ganho na loteria e ficou milionário e iria pagar todas as dívidas do clube (...)mas eu já desconfiei de cara sabe (...)E se deu início as eleições e encheu a sede do Operário e tal e tudo mais, e o cara ganhou e assumiu a presidência do Operário! Assumiu (Risos)! Foi marcado em ata e tudo mais né... com o Antonio Bueno dos Santos eleito presidente do Operário! Só que no dia seguinte ele desapareceu! Desapareceu... nunca mais apareceu! (Gargalhadas)...). Daí depois pegaram ele e prenderam o mesmo por estelionato... mas o cidadão era totalmente louco... essa história realmente é uma passagem hilária da época! (Risos) (Diomar Guimarães, entrevista, julho de 2010).

No entanto, mesmo cercado por uma história esportiva de sofrimento, este sentimento fez florescer ainda mais a paixão do torcedor operariano, virando inclusive uma identidade para o torcedor fantasma, como pode ser vista na seguinte fala:

Ser operariano é ser sofredor! Se o nosso time se chamasse “*Patrão Futebol Clube*” ou “*Engenheiro não sei o que*”, duvido que sofreríamos tanto, mas como é *Operário Ferroviário*, tudo é mais difícil pra nós, mas quando é mais difícil também é mais gostoso... (Diego, retirado do orkut, maio de 2010, Grifo nosso).

Mas no final da década de 1980 e início dos anos de 1990, o Operário voltou a dar jus a seu mito de “fantasma”, passando a figurar entre as principais esquadras nacionais e pleiteando boas campanhas tanto a nível estadual quanto a nível nacional. Os torcedores operarianos que não tiveram o prazer de ver a geração vencedora de 1961 ou os clássicos Ope-Guá, considera essa a época mais marcante, devido à alegria e orgulho que o Operário Ferroviário proporcionou a eles (em resposta ao questionário).

As boas campanhas retornaram em 1988, quando o Operário recebeu para amistosos as melhores equipes do futebol brasileiro da época, que jogaram com seus times quase completos, como o Flamengo-RJ (FIGURA 31), Palmeiras-SP e até a Seleção Argentina de juniores. Esta última, o Operário Ferroviário venceu por 2 a 1 no estádio Germano Krüger lotado que “se locupletou e a vibração da torcida alvinegra foi intensa (...) e os craques operarianos encheram-se de brio e escreveram uma linda página de glória na história do futebol princesino” (RIBEIRO JÚNIOR, 2002, p. 382-383).



FIGURA 31: Operário Ferroviário 1 X 4 Flamengo (RJ) em 17 de agosto de 1988. O clube carioca veio com seus principais jogadores (entre eles Zinho e Bebeto) e não fez feio. O estádio Germano Krüger se locupletou. O Fantasma estava de volta após uma década de sofrimento e assombrações. Em pé: Não identificado, João Carlos Strickert (fisicultor), Robson, Pompéia, Vitor, Hélio, Araújo, Chicão, José Amado Calazans (técnico) e Doutor Altevir. Agachados: Mica, Anderson, Brandão, Wagner, Muller, Macedo (Massagista) e os mascotinhos. Fonte: Ribeiro Junior (2002).

No ano seguinte, após ser convidado para participar do campeonato paranaense da primeira divisão de 1989 e do campeonato nacional da série B, o time de Vila Oficinas montou um forte plantel e não fez feio. Mas foi o ano de 1990 que proporcionou as maiores alegrias e é mais lembrado por torcedores e críticos em geral como o ano em que o Operário Ferroviário fez uma das mais brilhantes campanhas da sua história, ao ter chegado às semifinais do campeonato nacional da Série B, faltando apenas uma vitória para o time de Ponta Grossa integrar a elite do futebol brasileiro. No campeonato estadual, a equipe ocupou a terceira melhor posição da tabela, sendo o melhor do interior. (FIGURA 32).

Agora o melhor time que eu vi jogar do Operário, foi o de 1990, durante o campeonato brasileiro da Série B, quando o Operário orgulhou a todos ao ficar na 3^o posição, e não subiu para a elite do futebol brasileiro por apenas 1 ponto! (...) Subiu Sport-PE e Atlético-PR e o Operário por só 1 ponto não subiu! Então nesse ano era um timaço! No campeonato paranaense ficou em terceiro também! Chegou à semifinal e perdeu para o Atlético na vila Capanema. (Diomar Guimarães, entrevista, julho de 2010).



FIGURA 32: Uma das mais fortes esquadras do fantasma nas últimas décadas, posando para foto no jogo que venceu o Coritiba por 1 a 0 em 1990. Neste ano, o OFEC foi campeão do interior e 3^o colocado geral no campeonato paranaense. Já no nacional da série B, ficou a apenas 1 ponto da promoção a elite nacional, ficando na terceira posição também. Fonte: Ribeiro Junior (2004).

Nos anos subseqüentes, o Operário manteve o elevado nível técnico disputando os nacionais da série B de 1991 e 1992. Já no campeonato estadual do Paraná figurou entre os melhores times do estado, ficando na 4^o, 3^o e 4^o posições nos respectivos anos de 1990, 1991, 1992. Porém, a partir de 1993, novamente crises financeiras e a falta de infra-estrutura voltaram a rondar o fantasma, que no estadual de 1994 foi rebaixado de divisão. Atolado em dívidas financeiras e com a decepção da torcida com o rebaixamento, só restou pedir licença de três anos das atividades profissionais junto a Federação Paranaense de Futebol, para a tristeza da cidade de Ponta Grossa, que se viu sem representantes no cenário futebolístico estadual.

Já figurando entre os ídolos que passaram pelo clube da época de 1970 a 1994 um dos mais expressivos foi o centroavante Sapuca, considerado “talvez o maior de todos os ídolos que tivemos na nossa época, (...) que foi artilheiro aqui e deixou saudade e ele ainda está na memória dos torcedores da época” (Diomar, entrevista, Julho de 2010). Outros jogadores lembrados pelos torcedores estão Tião Quelé, Anderson Jacaré, Werner, Adilson, André Cajarana, Dicar, Admilson, Moçoró, Joceli, João Marcos, Catani, Ricardo, Tico, Niquinha, Celso Reis, Liminha, Heder, João Neves, entre outros.

A tentativa de reativar o futebol em Ponta Grossa se deu através da fundação do Ponta Grossa Esporte Clube por alguns empresários da região. Entretanto, como no caso do já citado fracasso da Pontagrossense, o novo clube também não caiu no gosto da torcida da cidade. Isso mostra que o torcedor e a população pontagrossense em geral não querem apenas um time de futebol profissional que a entreta nos finais de semana, mas também querem um clube com história e tradição, um símbolo com força cultural e mistificado que de força e representatividade a essa agremiação.

E o Operário Ferroviário possui essa mistificação cultural histórica e de tradição. Esta se expressa por suas narrativas peculiares, as histórias de lutas de classe no clássico Ope-Guá, a criação de territorialidades e espacialidades durante quase 100 anos, lembranças especiais, extrapolação da espacialidade, etc. Não tem como compreender a formação socioespacial de Ponta Grossa sem levarmos em consideração a influência e determinação do OFEC. Entretanto, além da lembrança do Operário conduzir a uma forte identidade, sua lembrança ainda evoca e remete a lembrança de outro importante patrimônio da sociedade brasileira e dos Campos Gerais discutidos no capítulo 1 deste trabalho: O patrimônio ferroviário.

2.2 Operário: Patrimônio Cultural Ferroviário

Na seção 1.2 mostrou-se a representatividade e importância da ferrovia para o Brasil e para a região dos Campos Gerais. Todavia, este patrimônio cultural é alvo de descaso do poder público de Ponta Grossa. Assim, muito desse patrimônio já foi perdido, como a retirada dos trilhos do centro da cidade, a falta de preservação de alguns monumentos, entre outras ações.

Mas o Operário Ferroviário, que é uma das heranças da ferrovia, continua vivo no seio das relações sociais de Ponta Grossa. Este carrega simbolismos para aqueles que viveram durante os anos “áureos” das estradas de ferro na região, necessitando ser preservado e valorizado:

A cidade de Ponta Grossa só cresceu por causa da ferrovia. (...) Daí você pega um time com esse nome, **Operário Ferroviário**, e a história que o clube tem, e ainda mais que já tiraram os trilhos da cidade e o prefeito queria até demolir as estações, imagina só que sacanagem seria! E se não cuida perde também essa que é uma das últimas coisas que ainda lembra a ferrovia, que é o nome do Operário Ferroviário, o nome de uma das torcidas que é trem fantasma e outras coisas que o Operário faz lembrar os trens, o próprio nome do bairro que é Oficinas. (...) Por isso acho que não pode mudar o nome. Tem que manter a identidade para os mais novos souberem da importância que tiveram os trens aqui na cidade... (Márcia Saab, Entrevista, junho de 2010).

Ao se perguntar através do questionário se o Operário lembra ferrovia, 80% das respostas declaravam que sim, seja pela história do clube, seu nome, o nome de uma de suas torcidas, sua localização (que é ao lado das oficinas da América Latina Logística - ALL) ou que quando vão ao Germano Krüger da para enxergar os vagões da ALL ao lado do estádio. Apenas 20 % não responderam ou falaram que o Operário hoje lembra muito pouco ou nada a ferrovia.

Lembra sim, pois é um time formado por ferroviários, com sua sede ao lado de uma estação da malha ferroviária, e que possui alusão no nome. Está diretamente ligada a tal instituição. (Willian Pedroso, questionário, junho de 2010)

Através da história de sua fundação, dentro da RFFSA, meu avô e seu pai que jogaram no Operário eram legítimos OPERÁRIOS FERROVIÁRIOS. (Jean Ditzel, questionário, junho de 2010).

Não tem como ir ao Germano e não olhar para o barracão ao lado e lembrar da história do clube, todos que vão assistir um jogo no Germano lembram da história ao olhar para o lado, é impossível não vir isso na cabeça. (Francisco Wellinton, questionário, junho de 2010).

Essa identidade com a ferrovia foi expressa pelos torcedores numa das questões da entrevista (Anexo I), onde se foi perguntado aos entrevistados se estes concordavam ou não

com a tentativa da retirada do “ferroviário” do nome do Operário Ferroviário, em 1978. Por unanimidade todos responderam que eram totalmente contra essa decisão e favoráveis a manter e valorizar a identidade do clube em tela perante a ferrovia:

Não se deve mudar mesmo o nome. Porque o Operário tem origem dos ferroviários, o nome do estádio do Operário é Germano Krüger, que foi um ferroviário da época, o campo foi doado pelos ferroviários. Então o ferroviário no nome é no mínimo uma homenagem à ferrovia e aos ferroviários. É uma memória que se deve preservar dos ferroviários da época que deram origem para o Operário. (Diomar Guimarães, entrevista, julho de 2010).

Um caso como este aconteceu também na comunidade do orkut do Operário, ciberespaço freqüentado em geral por torcedores mais jovens, que mesmo sem viverem a época gloriosa da ferrovia, se mostram muito fiel à tradição e história do Operário. Estes torcedores se revoltaram quando um torcedor dito “modinha”²², sugeriu a retirada do nome ferroviário do nome do clube²³.

Torcedor A diz: Porque Operário Ferroviário? Tipo, nem temos mais nada da ferrovia... porque não tira o nome ferroviário do nome... o que acham??

(...)Torcedor B diz: Você deve estar maluco cara ...Seria rasgar toda a história riquíssima do clube, de toda uma sociedade que foi constituída em Ponta Grossa entorno da Rede Ferroviária e em consequência entorno do OFEC. Devemos resgatar esse passado, e seus fragmentos, como forma de gratidão e reconhecimento a essa boa parte de pessoas que construiu e alavancou boa parte da cidade.

(...) Torcedor C diz: Eu não gosto do termo modinha, acho apelativo , pois é muito bom o time estar na "moda" , o clube só tem a ganhar com isso, mas...PQP, como essa comunidade vira num inferno com esses malditos. Criam 200 tópicos, um pra cada comentário, e ainda vem esse infeliz sugerir que o centenário Operário Ferroviário Esporte Clube mude de nome, porque ele não gosta do termo Ferroviário. Vai lava essa cara rapaz, vai torcer lá pro Corinthians fake²⁴, lá eles mudam de nome a cada 6 meses, de repente um deles deve ficar do seu agrado.

Desta maneira, pode-se argumentar que o Operário Ferroviário carrega junto a si inúmeros traços e lembranças relativas à ferrovia e aos trens. São narrativas, lembranças, lendas, folclores, sua localização geográfica (que é ao lado das oficinas da ALL), o nome de uma de suas torcidas (Trem Fantasma), gritos de guerra no estádio, imagens, símbolos, entre outras.

²² Torcedor modinha, de acordo com algumas representações sociais de outros torcedores, é aquele torcedor que só gosta e acompanha o time quando o mesmo ta ganhando e “ta na moda”, sem conhecer sua história.

²³ Por se tratar de assunto um pouco polêmico, resolveu-se preservar a identidade dos torcedores aqui citados.

²⁴ Alusão ao S. C. Corinthians Paranaense, antigo Malutron S.A, que mudou de nome e cores como forma de tentar atrair mais torcedores. Mas o que os dados de público da equipe indicam, este tiro saiu pela culatra.

Essa ligação entre o clube, seus torcedores e os trens acontecia desde o início da história do Operário. Como não haviam muitas opções de meio de transporte para a época, ir de trem ao estádio era como uma tradição, e hoje é lembrado com muita nostalgia e romantismo por quem fazia estas viagens:

E a maior emoção era pegar o trem, que vinha cheio de gente pra vim aqui pra ver o jogo em Oficinas, almoçava correndo meio dia e pouco, pegava o trem 1 hora da tarde pra vê o jogo que começava as 3 e 30, era um dia especial... (Jairo Carneiro, entrevista, junho de 2010).

As viagens de trem da torcida foram uma das marcas registradas durante a década de 1960. O famoso “trem fantasma” foi o apelido dado às excursões de trem que eram realizadas pela torcida do Operário, que em parceria com a rede locavam diversos vagões que levavam a torcida do Operário a assistir os jogos em outras cidades. O “trem fantasma” marcou época na imprensa paranaense da época:

Tem hoje também a torcida que se chama trem fantasma que lembra a rede (RFFSA) ainda. E esse nome surgiu quando em 1961 o Operário foi jogar em Curitiba aquela final que deu a maior confusão que tivemos que ganhar no tapetão, foi ali que começou o trem fantasma. E esse trem foi pra Irati, Castro, Curitiba, etc. Era um trem que a rede cedia apenas para os torcedores do Operário. Sei que saía a locomotiva com uns 18 vagões só com torcedores do Operário, era uma festa. Daí enfeitavam todos os vagões, e iam aterrorizando e tudo mais... (Risos). Acho que para Irati chegou a ir quase 21 vagões! Daí fez lenda para todo o estado e marcou época na imprensa estadual esse trem fantasma que a galera começou a chamar. (Mauro Ferreira, ex-jogador do Operário, entrevista, julho de 2010).

Assim, a lenda desse nome trem fantasma foi incorporada por torcedores, que possuíam chaveiros de trem fantasma e até chegaram a equipar a partir da conquista do paranaense da Zona Sul em 1961 uma caminhonete de “trem fantasma” que apitava, soltava fumaça e desfilava antes dos jogos e após as vitórias e conquistas do Operário Ferroviário, que tornou-se folclórica na cidade (FIGURAS 33 e 34). Finalmente, Trem Fantasma é o nome de uma das torcidas organizadas atuais da equipe, e este nome foi dado em homenagem a uma torcida organizada do clube que existiu durante a década de 1980 que também tinha o mesmo nome. Diomar explica a escolha deste nome para a torcida:

Meu avô, quando eu era pequeno, contava de uma história de quando a torcida do Operário foi até Irati de trem ver um jogo lá, lotaram não sei quantos vagões e por isso a torcida do Operário ficou conhecida como “trem fantasma”, devido a esta viagem aonde eles chegaram todos de trem lá. (...) Já o nome Trem Fantasma dado a torcida organizada foi escolhido porque meu avô sugeriu. E ele tinha um chaveiro da época, o qual tinha um vagão de trem desenhado e um fantasma com a bandeira do Operário na janela (...). Então, a partir destas histórias desse trem fantasma é que a gente decidiu nomear a torcida de Trem Fantasma, devido à viagem de trem para Irati e ao chaveirinho que meu avô possuía. (Diomar Guimarães, fundador da primeira torcida organizada operariana, entrevista, junho de 2010).



FOTOGRAFIA 33: Carro alegórico “trem fantasma”. Pertencente a um torcedor do Operário Ferroviário da década de 1960, representa uma Maria Fumaça. Esta foto destaca como o Operário pode ser uma das heranças mais representativa da ferrovia nos dias atuais em Ponta Grossa. Fonte: Ribeiro Junior. (2002).



FOTOGRAFIA 34: O Folclórico trem fantasma por outro ângulo. Nesta imagem o vemos simular uma Maria Fumaça ao apitar e soltar fumaça. O trem fantasma acostumava desfilar antes das partidas afim de chamar e motivar os torcedores a ir ao estádio. Fonte: Ribeiro Junior (2004).

Já a torcida atual que se chama Torcida Trem Fantasma (TTF) (FIGURAS 35 e 36), de acordo com o questionário aplicado junto aos torcedores é um dos traços que mais lembra a ferrovia. Já no seu brasão (FIGURA 37) pode-se reparar o destaque que é dado ao trem, que figura central carregando um fantasma. Ao entrar no *website* da torcida²⁵, imediatamente se depara com uma montagem que apresenta um trem fantasma (FIGURA 38), despertando a memória e atenção para essas máquinas que desfilavam pelas paralelas de aço. Nota-se assim, que esta torcida não lembra os trens apenas no nome, mas procura através de símbolos, representações e montagens ou desenhos em geral valorizar a cultura e a raiz que o clube possui. (FIGURAS 39 e 40).

Por fim, o Operário Ferroviário Esporte Clube se apresenta como um Patrimônio Cultural Ferroviário por ter associado junto a ele inúmeras narrativas, lendas, superstições e folclores que envolvem o clube e os trens. Se em alguns clubes existe a velha lenda da maldição do sapo enterrado, no Operário a história é um pouquinho diferente...

Você sabe da história que tem um vagão embaixo do campo do Germano Krüger enterrado lá? Falam que enquanto estavam construindo o campo lá rolou um vagão de trem lá de cima e daí como era muito difícil tirar de lá, resolveram construir o campo em cima do vagão enterrado lá mesmo... Daí o pessoal fala que às vezes quando o Operário perde muitos jogos e tudo mais e da errado as coisas é por causa da maldição do trem enterrado lá. Todos os outros times falam que tem a maldição do sapo enterrado no campo né, e já no caso do Operário é porque tem um vagão de trem enterrado lá (Risos). (Márcia Saab, entrevista junho de 2010).

Nas entrevistas e nos questionários observou-se diversas outras histórias, narrativas e lendas que remetem à ferrovia:

E uma coisa interessante falando em ferrovia que me lembrei agora, é que alí tinha até uma superstição... Por exemplo, você ia lá pra ver o jogo do Operário e quando o trem passava alí no sentido que vinha alí do centro pra ir pra frente de Oficinas, daí às vezes o trem parava e de lá do alto via o campo do Operário, e quando o trem apitava era quando o Operário ganharia e quando não apitava o Operário jogaria mal. (Jorge Carneiro, entrevista junho de 2010).

Mas além do Operário Ferroviário ser um patrimônio por sua história e representatividade mnemônica, estando carregado simbolicamente de traços que remetem a ferrovia, este ainda possui inúmeras manifestações culturais peculiares, que são os patrimônios culturais do clube em tela.

²⁵ www.operario.com



FIGURA 35: Torcida organizada Trem Fantasma (TTF) (2010). Oriunda da fusão em 2009 de várias torcidas organizadas (Torcida Revolução Operariana; Garra Operariana, Jovem independente, Cornetas da Vila e mais torcedores independentes em geral) escolheu o nome Trem Fantasma por este ser consagrado e tradicional durante as décadas de 70 e 80. Nesta fotografia vemos ainda, uma montagem feita pelos torcedores (acima), tentando destacar que a TTF assombra e aterroriza o Estádio Germano Krüger. Fonte: operário.com (2010).



FIGURA 36: Torcidas organizadas fazem a festa durante entrada em campo do OFEC. A torcida Trem Fatasma tem por territorialidade a curva do diabo (parte superior direita da imagem). Já ao centro, observa-se a festa da outra torcida organizada do Operário, a Fúria Jovem Operariana. Ambas torcidas fazem da materialidade do Germano Krüger um lugar especial, de muita festa e alegria. Fonte: Arquivo do autor (2010).



FIGURA 37: Brasão da Torcida Trem Fantasma. Seu símbolo comporta uma **locomotiva** que carrega um fantasma com característica ameaçadora e aterrorizante, ao lado do escudo do Operário Ferroviário. Seus lemas são “Unidos por uma paixão” e “Uma torcida que não para de cantar”. Fonte: operário.com (2010).

OPERÁRIO FERROVIÁRIO TREMFANTASMA CLASSIFICAÇÃO COLINAS FOTOS NOTÍCIAS VÍDEOS QUEM SOMOS ANUNCIE LOJA CONTATO

OPERARIO.COM
A TORCIDA DO FANTASMA NA NET
PONTA GROSSA • PARANÁ • BRASIL

BLOG RSS e

EE VOZOU

Anuncie AQUI 125 X 125

SALVARE
Cidade Rádio Variação

R & R
Informática
Fone : 92-3224-8921

BNC
BANCO DE NEGÓCIOS CURITIBA
IMÓVEIS COMERCIAIS

Anuncie AQUI 125 X 125

Anuncie AQUI 125 X 125

ENQUETE
Qual a sua perspectiva em relação à participação do OFEC na série D?
 eliminação na 13 fase
 eliminação nas fases seguintes
 acesso à série C

CLASSIFICAÇÃO

C	Clube	J	P
1	Coritiba	07	23
2	Atlético-PR	07	17
3	Iraty	07	12
4	Paraná	07	11

PRÓXIMO JOGO

ÚLTIMO JOGO

FIGURA 38: *Print Screen* da página inicial do website da torcida organizada Trem Fantasma (2010). Nele, observa-se o destaque central da locomotiva, que remete a memória ferroviária. O Operário é uma herança da ferrovia, e o site faz questão de lembrar isso. Fonte: operário.com (2010).



FIGURA 39: Um típico “trem fantasma”. Montagem da TTF que valoriza e cultiva, a raiz e a ligação que o Operário Ferroviário possui com os trens. Observa-se a representação de uma locomotiva preparada para a guerra e com o lema “Expresso do interior”, em alusão ao fato que a torcida operariana se auto declara como “a maior do interior”. Fonte: Roberto Loreno (2010).



FIGURA 40: O Paraná vai tremer com o trem fantasma. Outra montagem de torcedores do Operário que fazem alusão ao simbolismo dos trens. Nesta imagem observa-se uma típica Maria Fumaça representando a força do Operário Ferroviário. Autor: Desconhecido. Divulgado por “loko” na comunidade do Operário no orkut (2010).

2.3 Os Patrimônios Culturais do Operário Ferroviário

O estádio Germano Krüger em dias de jogos do Operário se configura como um espaço de representação. Dele emergem diversas manifestações culturais peculiares, misturando uma diversidade social e cultural entre as pessoas que o freqüentam, libertando estas da cotidianidade e as transformando em pessoas totais (SHIELDS, 1999 citado por CAMPOS, 2008). Deste modo, os torcedores não vão ao estádio apenas para ver o espetáculo esportivo. A própria platéia torna-se o espetáculo, e o estádio torna-se um caldeirão de riqueza cultural, sendo apenas lá que insurgem certas manifestações e performances culturais ou folclóricas características. (FIGURAS 41 e 42)

Considero o Germano Krüger um teatro, que além do espetáculo no palco existe o espetáculo da platéia, onde sentam-se todos juntos indiferente as classes sociais, intelectuais... O Operário está acima de tudo isso. (Carlos Coradassi, em resposta ao questionário, maio de 2010).

Ao ir ao estádio o torcedor sofre uma verdadeira metamorfose. Ao sair de casa, cada um carrega seus próprios problemas, sua própria vida. Alguns saem sozinhos e vão para o ponto do ônibus, onde encontram mais um ou dois torcedores, e o assunto já passa a ser o clube de futebol amado por ambos. Nos arredores do estádio já são centenas. E ao entrar neste, se tornam só uma voz: os problemas pessoais de cada um são deixados para trás e o estádio Germano Krüger funciona como um coração, fazendo todos pulsarem no mesmo ritmo ditado pela partida de futebol e pela festa da torcida. E só assim, é que podem surgir inúmeras e curiosas performances culturais.

Entre estas performances cita-se: Ofender os árbitros, provocar os jogadores adversários, cutucar o próprio time do Operário quando este está jogando mal, contar piadas, criar paródias ou músicas criativas, cantar e gritar coisas engraçadas, produzir desenhos ou montagens personalizadas sobre o clube (FIGURA 43), fazer rir, etc.

Enfim, o torcedor faz da estadia no Germano Krüger um momento único na semana, que marca a memória e vira assunto para as outras espacialidades (representação do espaço e prática espacial). Se patrimônio cultural é tudo aquilo que envolve um grande número de pessoas diversas sobre uma mesma base cultural (CLAVAL, 2002), o Operário atende essa expectativa, pois nele ricos e pobres, proletários e trabalhadores, pais, filhos e avôs conseguem ter algo em comum e rir junto no estádio e das coisas que lá acontecem:



FIGURA 41: Bexigas, fumaça, sinalizadores e muito barulho no Germano Krüger. A platéia do espetáculo esportivo acaba por se tornar ela mesmo palco das atenções. Fotografia tirada no meio das arquibancadas da geral do Germano Krüger no jogo Operário e Coritiba (04/02/2010) pelo campeonato paranaense de 2010. Fonte: Arquivo do autor (2010).



FIGURA 42: Montagem produzida por torcedores do Operário sobre a festa da torcida no estádio Germano Krüger. Na imagem, vemos um fantasma emergir da poeira dos extintores, disparados quando a equipe do Operário entra em campo. Fonte: Ricardo Loreno (2009).



FIGURA 43: Ganhar do Atlético-PR não tem preço. Montagem feita por torcedores após a vitória histórica do Operário Ferroviário contra o Atlético Paranaense na Arena da Baixada em Curitiba por 2 a 1 em 20/01/2010. Na imagem, vê-se referência a propaganda do Cartão de crédito MasterCard, e a torcida operariiana se baseou nisso para mostrar “que não tem preço vencer os clubes da capital”. Assim, o Operário fez jus a seu mito de fantasma da capital. Fonte: Comunidade do Operário no Orkut (2010).

Algumas coisas curiosas que eu nunca vou esquecer dessa torcida. (...). E daí a bola saiu pro lateral e veio um jogador do Guarapuava (...) e tinha aquele bigodinho fino e (...) fez aquele sinal pra torcida. Ah rapaz! Mas daí nós xingamos esse cara até não dar mais (...). Daí teve um que falou que eu nunca vou esquecer: “Vê se joga bola seu bigode de gradear bosta!” Putz! Nunca vou me esquecer dessa! (Gargalhadas) (...) Mas era uma brincadeira, meia maldosa, meio sadia. Aí palavrão sempre teve, de xingar juiz, xingar bandeirinha sempre teve. Eu gostava de ir ao estádio só pra desestressar xingando o juiz e os adversários e voltar mais calmo pra casa, porque era engraçado xingar lá. (Jorge Carneiro, Entrevista, maio de 2010).

Eu gosto do Germano Krüger e lá vou para ver todo lado folclórico de estar na arquibancada e ouvir a torcida, seja apoiando, xingando ou fazendo piadas. (Antonio Jim, questionário, junho de 2010).

Gosto de ir ao estádio pra ir no meio da torcida organizada e sentir a emoção de fazer parte de uma família. (Guilherme Inglez, questionário, abril de 2010).

E com isso, compreende-se porque a torcida foi a mais citada na pergunta do questionário que perguntou o que mais atraía os torcedores a ir ao estádio fora o jogo em si (Anexo II). O torcedor operariano além de ser orgulhoso por ser um clube tradicional e com identidade, tem um enorme brio de sua torcida, classificando esta de apaixonada e fanática. É comum ouvir-se após uma desclassificação ou derrota do Operário Ferroviário que os torcedores vão ficar um bom tempo sem voltar ao estádio. Mas é uma promessa falsa, passa-se uma semana e a paixão pelo fantasma fala mais alto e o sofrimento multiplica a identidade pelo time.

Estava fora do Brasil e sempre via os vídeos da torcida, do jogo, da comemoração, e sempre me emocionava. (Guilherme Pedrollo, questionário, abril de 2010).

A nossa torcida é especial, (...) Nossa festa em 2005 foi fantástica, maravilhosa, como nenhum outro clube foi capaz de fazer, por isso não podem querer nos igualar a qualquer torcida. É muito mais do que isso. (Marcos Borkowski, questionário, abril de 2010).

O Operário é diferente dos outros times (...) Pois é um time tradicional, pois veja, só perdeu para Atlético e para o Curitiba em público e renda nesse campeonato paranaense de 2010. (...) vê que se renovou bastante à torcida. E não adianta, quando tentaram fazer aquele time do Ponta Grossa, (...) não deu certo, não adianta, fazer Ponta Grossa, Pontagrossense, seja lê que outro time, não adianta! O pontagrossense é operariano! Não adianta, eu comparo quem torce pelo Operário como o Corinthians doente... que sofre, sofre, mas vai. Não adianta! E eu me lembro do ano passado teve um jogo do Operário e Foz do Iguaçu pela segunda divisão e tava lá cheio, mas cheio mesmo de gente! É sempre assim, eles montam um time de bom pra razoável e pronto... não adianta, lota o estádio! O pessoal vai, lota! Mesmo quando perde o campeonato num ano o pessoal fala, nunca mais veio aqui... mas não adianta, vem o outro ano e já tá lotado de novo o Germano Krüger.(...) A torcida é o ponto diferencial! Porque é torcida fanática, torcida doente! E ela foi uma das maiores sensações pra mim! Eu mesmo já fiz várias loucuras pelo Operário. Como aquele dia da chuva no jogo final do ano passado que peguei a capa da chuva e fiquei lá vendo, debaixo daquela chuva, ou quando era jovem que fui pra cascavel de fusquinha ou de ônibus até Curitiba, foram várias loucuras que fiz pelo Operário e hoje da uma sensação lembrar... (Jorge Carneiro, entrevista, junho de 2010).

Mas cabe lembrar que o comportamento da torcida no estádio sofreu inúmeras transformações com o passar do tempo. Nas décadas de 1950 e 1960 os torcedores tinham um jeito inusitado de apoiar a equipe: Batendo os pés nas tábuas de madeira da arquibancada (Jorge Carneiro, em entrevista). Já durante as décadas de 1970 e 1980 a torcida costumava cantar gritos de guerra curtos e simples, recheados de rimas e palavrões em certos momentos da partida como forma de apoiar o Operário ou irritar os adversários. Realizavam ainda antes das partidas o desfile das bandeiras nas principais ruas da cidade motivando todos a ir ao jogo a tarde (Diomar Guimarães, em entrevista).

Já hoje, o ser torcedor é mais sofisticado: Engloba baterias, bandeiras, músicas de apoio complexas e criativas, sinalizadores, papéis picados, fumaças, foguetes, faixas, etc. Mas uma das maiores mudanças no estádio e que exigem investigações pela ciência, é sobre as relações de gênero. Antes a presença da mulher era quase nula no palco do futebol, mas hoje isso se inverteu, tendo inclusive torcidas organizadas femininas que apóiam o Operário. A territorialidade do Germano Krüger que antes era estranha à mulher, hoje esta tendo que se adaptar a isso deixando de ser uma territorialidade machista.

Na época (...) nós tínhamos bandeiras, que coloria o estádio (...). Mas não era uma torcida assim que gritava o jogo inteiro, a torcida de maneira geral sempre ia ao estádio e tal, mas limitava a assistir o jogo e cobrar muito, mas e como cobravam! E se o time tava bem, tudo bem, mas se o time tava ruim, aí o torcedor começava a xingar e falar palavrão que não parava mais. Já hoje existe uma paixão muito maior. Hoje o torcedor ele é mais apaixonado em geral. Nós também éramos apaixonados, mas éramos em menor número. O público feminino, por exemplo, simplesmente não existia na época! Mulher não existia no estádio, mulher não ia ao campo. E hoje a gente vê várias já, tem até uma torcida organizada feminina. (Diomar Guimarães, falando sobre as diferenças da torcida na década de 1970 e 1980 com atualmente, entrevista junho de 2010).

Uma das tradições que começou na década de 1970 com a primeira torcida organizada do clube (Torcida União Fantasma - TUF) e continua até hoje é o “ritual” do extintor. Sempre quando o fantasma vai entrar em campo, o responsável pelo extintor dispara a fumaça para a torcida, simulando uma fumaça branca que representa um fantasma. Visualmente o efeito é lindo, com a torcida mergulhando e se confundido com a fumaça (FIGURA 44). Porém, o extintor, que é enchido com talco, acaba por deixar todo mundo branco, como fantasma. Alguns torcedores tentam fugir e se proteger como podem da fumaça. Após esse, observa-se o deleite geral dos torcedores.

Nós que começamos com o extintor sim. A fumaça era preta e branca (...). A gente usava as fumaças do extintor para simbolizar as cores do Operário, já que tinha a fumaça preta e a fumaça branca. E era muito interessante porque o povo queria ficar afastado por causa da fumaça e do poeirão que se fazia né, e daí a pessoa fugia e se afastava mais longe, mas não adiantava nada porque o vento vinha e levava toda a fumaça... (Risos) Era engraçado... Mas era tudo festa, tudo alegria! Virava em situações de muita alegria. Era tudo na brincadeira! (Diomar Guimarães, entrevista julho de 2010).

Outra coisa a se destacar é a sonoplastia aliada à criatividade que acontecem no estádio. Há músicas certas quando o operário faz o gol, quando derrota algum adversário, quando o time esta jogando mal, etc. Também se observa diversas músicas compostas e ensaiadas pelos torcedores. Como no caso da morte do astro Michael Jackson em 2009, que virou manchete em todos os jornais e era o assunto mais comentado do momento. Então o

torcedor operariano resolver fazer uma brincadeira criando uma música relacionando a vida do rei do pop com a história e identidade do Operário Ferroviário. Alguns torcedores da Torcida organizada Fúria Jovem (a outra torcida organizada do clube de vila Oficinas) (FIGURA 45) inclusive iam fantasiados ao estádio de “Michael Jackson Operariano” (FIGURA 46 e 47):

Nasceu preto!
Morreu branco!
Agora é Fantasma
Michael Jackson Operariano!

(Música “Michael Jackson Operariano” da torcida organizada do Operário “Fúria Jovem”, cantada nos estádios durante 2009. Nos versos, o preto e o branco fazem alusão às cirurgias plásticas que o cantor passou relacionando com as cores do Operário Ferroviário. Já o fantasma, relaciona a morte de Michael Jackson com o mascote da equipe.)

Citam-se abaixo mais algumas músicas e gritos de apoio ao time que demonstram as relações de poder e territorialidade da torcida do Operário. Algumas são paródias de músicas conhecidas ou gritos de guerra de outras torcidas organizadas do Brasil afora, já outras são originais e compostas pelos próprios torcedores. Determinadas canções possuem mensagens de violência (que não cabe aqui analisar, mas a discussão sobre este assunto pode ser encontrada em PIMENTA, 2000 ou GOMES, 2002), já outras passam mensagens de amor e paixão ao clube:



FIGURA 44: Extintor de pó de talco sendo disparado durante entrada do time de Vila Oficinas. A fumaça simboliza o efeito de um fantasma. Visualmente o efeito é lindo, porém vê-se na imagem um garoto (abaixo e a esquerda de camisa amarela) tentando se proteger da “fumaça fantasma”. Fonte: Thiago Moro (2010).



FIGURA 45: A torcida Fúria Jovem Operariana. A torcida ocupa a territorialidade central da Geral no Germano Krüger. Formado em sua maioria por moradores da “cidade de Olarias” (como se autodenominam) tem como lema a frase “É a fúria Mané!”. Nessas fotos vêem-se os integrantes da Fúria mergulhados de baixo do enorme bandeirão da torcida. 27/07/2009. Fonte: Comunidade do Orkut da torcida Fúria Jovem Operariana (2010).



FIGURA 46: O Michael Jackson Operariano. Membro da torcida Fúria Jovem Operariana se fantasia e diverte a todos nas gerais do Germano Krüger. Fonte: Arquivo do autor (2009).



FIGURA 47: Nasceu preto, morreu branco, virou fantasma, Michael Jackson Operariano. A música fez sucesso, e motivou vários torcedores a fazer desenhos ou montagens e postar em suas páginas de relacionamento social. Fonte: Rafa Guima (2009).

Acabou a paz! / Isso aqui vai virar o inferno! / Seja no campo, ou no terminal! /O Operário vai descer o pau!

Operário, eu sou / Vou dar porrada, eu vou / E ninguém vai me segurar / Nem a PM, nem a Civil e a Federal que vá pra puta que pariu! (As duas músicas acima são cantadas pela torcida “Fúria Jovem Operariana” e por alguns torcedores independentes como forma de intimidar os adversários ou o árbitro da partida).

Pluft plaft zum/ O Operário fodeu mais um!/ Boa viagem!
(Música cantada pelos torcedores em geral, nos últimos minutos da partida quando o Operário esta vencendo a equipe adversária).

Eu Sou Fantasma
Eu Sou da Vila
O Operário és minha vida
Um Sentimento
Que Levo no peito
OPERÁRIO , OPERARIÔ, OPERARIÔÔ

Operário,
Estaremos contigo
Tu és minha paixão
Não importam o que digam
Sempre levarei comigo
Minha camisa alvinegra
E a cachaça na mão
O Germano me espera
Para começar a festa
Xalaialaiaaaaaaaaa
Xalaialaiaaaaaaaaa
Xalaialaiaaaaaaaaa
Você me deixa doidão!
Xalaialaiaaaaaaaaa
Xalaialaiaaaaaaaaa
Xalaialaiaaaaaaaaa

Unidos por uma paixão
(Música composta e cantada pela torcida “Trem fantasma”, parodiada com base na música “Brasília Amarela” dos Mamonas Assassinas).

Em outro trabalho (SANTOS e CASTRO, 2010) analisou-se a disputa territorial entre as torcidas do Operário e do Foz do Iguaçu que se expressavam através da composição de diversas músicas cantadas nos estádios. A torcida operariana compôs uma provocando a torcida do time da fronteira, que respondeu com outra composição, que acabou culminando com mais uma da torcida fantasma.

E não é apenas no estádio que emergem produções culturais sobre o fantasma da vila. São várias as produções culturais sobre o Operário Ferroviário: Livros, documentários (Ope-Guá: Um estado de Espírito, 2005), crônicas diversas (GIEBILUKA, 2010), poemas e até músicas. A banda pontagrossense de Rock in Roll “Streides” gravou uma canção em homenagem ao fantasma da vila. A música chamada “Fantasma da Curva” retrata sobre alguns torcedores folclóricos atuais, como o Paulão (FIGURA 48), sobre um bar freqüentado pelos torcedores que fica nos arredores do Germano Krüger (Nokaute’Bar), além de fazer uma homenagem aos jogadores que ergueram a taça da divisão de acesso de 1969. Esta canção virou hit de sucesso em uma das rádios locais de Ponta Grossa.

Fantasma da Curva

Domingo o Paulão, Paulão estava lá, tomando uma cana um Nocaute no Bar
Cortei o cabelo lá no Abrão, para ir ao Germano ver a seleção
Trem fantasma!
Fantasma da curva, fantasma da curva do Diabo!
Padreco, Sabino, Jamil e Mourão, Peres Ferrinho, Roberto e Nilsão
Seleção 69 que com muita raça, bateu um bolão, ergueram a taça.
Trem fantasma!
Fantasma da curva, fantasma da curva do Diabo!
É gol, mas que felicidade!
É gol, da minha cidade!

Os torcedores folclóricos são outra atração à parte no estádio. Alguns são conhecidos também como “moiados” (bêbados), e são a diversão e motivo de risos de muitos torcedores. Outros ficam gritando e contando piadas no meio da torcida. Outros vão fantasiados ao Germano Krüger e se passam por personagens e verdadeiros atores (FIGURAS 49 e 50). As figuras folclóricas marcam presença e viram referência quando o assunto é Operário, como no caso do já citado Paulão, o “Padre Roque operariano”, o Stallone Operariano (FIGURA 51) e inúmeros outros. Estas “atrações culturais” são valiosas e merecem o reconhecimento como patrimônios culturais do Operário:



FIGURA 48: Domingo Paulão, Paulão estava lá! Paulão é um dos atuais torcedores folclóricos. Reside nas redondezas do estádio Germano Krüger e não perde um jogo do fantasma. Chega sempre “trincando” no estádio, como dizem os torcedores do Operário e acumula histórias e fatos pitorescos. Fonte: Ricardo Loreno (2010).



FIGURA 49: Torcedor Folclórico da Fúria Jovem vai fantasiado ao estádio. Este deixa os torcedores curiosos, (abaixo e esquerda). Inclusive, estes torcedores folclóricos fazem por vezes a partida de futebol ficar em segundo plano para virarem os atores do “palco” Germano Krüger. Fonte: Rafael Guima (2010).



FIGURA 50: Torcedor fantasiado de fantasma com características medonhas e aterrorizantes. Os torcedores não vão ao estádio apenas para ver uma partida de futebol, e sim vivenciar as diversas situações que se encontram apenas neste lugar. Fonte: Thiago Moro (2009).



FIGURA 51: O “Stallone operariano”. Stallone é outro torcedor folclórico e o seu apelido deriva do fato que os torcedores vêm semelhança entre o torcedor operariano e o ator Sylvester Stallone. Fonte: Thiago Moro (2010).

O Pacheco! (Risos) era uma figura muito folclórica. Ele já chegava tomado no estádio, trincando já de bêbado. E daí todo jogo ele fazia o “ritual” dele: Ele passava dando a volta inteira no estádio e parava na frente da torcida e dali de baixo gritava “Viva o Operário! Vivaaaa!” (Não era Operário, era Operário que ele falava mesmo) (Risos) e todo mundo respondia dando risada: “Viva!” E ele dava mais cinco passos e já gritava de novo: “Viva o Operário!! Viva!” (...)! E o Pacheco ficou marcado na história, já faleceu né, mas o povo em geral que frequentava o estádio na época sempre lembra dele ainda. (...). Inclusive deixavam ele entrar de graça no estádio só por causa da festa que ele fazia lá e acabava por divertir a todo mundo... (Risos) Entre outras figuras folclóricas tinha também o Jairo e o Manoel que eram dois irmãos fanáticos pelo Operário. São doentes até hoje pelo fantasma! (Risos) (...). E essas duas figuras foram muito folclóricas também. (Diomar Guimarães, entrevista julho de 2010).

Então, ao ir ao estádio, o torcedor sempre retorna com histórias e narrativas peculiares, que também compõem o patrimônio cultural do Operário. São histórias engraçadas, confusões, lendas e folclore que são passadas para as novas gerações e preenche o Operário Ferroviário de mitificações. Algumas já foram citadas nesta pesquisa, como no caso da surra de sobrinhada de uma torcedora, as narrativas sobre as viagens de trem, a mitificação do Operário de fantasma, etc. A lista de situações assim é quase infinita, mas cita-se algumas abaixo:

Nós lotamos 2 ônibus para ir ver o Operário jogar lá contra o União Bandeirante. (...). Na volta daí os torcedores do União Bandeirantes quebraram nosso ônibus, jogaram um de nossos torcedores no banhado, queimaram bandeira nossa, sabe nossa foi uma experiência única, aquela loucura toda! Já que foi a primeira experiência que saímos de Ponta Grossa para torcer e já voltamos cheios de histórias para contar. Foi inesquecível isso tudo (Risos). Nossa senhora... (Risos). (Diomar Guimarães, entrevista julho de 2010).

Já em outra vez tinha um cara (...) e daí tava calor, e ele foi com um boné daqueles que vira um guarda chuva e ele foi com esse treco e era tudo preto e branco. Mas rapaz! Mas começaram a xingar o cara, mas ele tomou tanto banho de cerveja, deu até pena do cara (Gargalhadas). Mas era uma brincadeira, meio maldosa, meio sadia. (Jorge Carneiro, entrevista junho de 2010).

Todas estas características, ações e performances citadas acima demonstram toda a riqueza cultural que se esconde por trás de uma partida de futebol, mostrando como esse é um elemento central da cultura brasileira. Porém, o Operário não tem apenas importância cultural histórica, sendo o Germano Krüger um equipamento urbano indispensável nos dias atuais.

2.4 Importância Atual do Operário Para Ponta Grossa

Após 10 anos sem atividades no futebol profissional, o Operário retornou a cena no campeonato estadual da divisão de acesso de 2004. E algo surpreendente aconteceu. Muitos pensavam que todo o tempo parado havia diminuído a paixão e o número de torcedores do fantasma da vila. Mas o contrário aconteceu: O Operário Ferroviário registrava uma das maiores médias de público do estado (mesmo estando na segunda divisão o clube só perdia em público para o trio da capital), notavam-se grandes festas no Germano Krüger, eram dados grande parte da programação do jornal da TV de rede aberta de Ponta Grossa em homenagem ao Operário e uma nova geração de torcedores emergiu e aos poucos foi conhecendo a história do clube em tela.

Mas a saga da volta à elite do futebol do estado foi muito sofrida. Ano após ano (2004, 2005, 2006, 2007 e 2008) se sucediam fracassos, derrotas, dificuldades e a o sentimento de todo ano ficar “no quase” e de “morrer na praia”²⁶ (FIGURAS 52 e 53) . E esse sofrimento em vez de diminuir a paixão pela equipe, multiplicava-o:

Mas a divisão de acesso que fez com que a torcida crescesse cada vez mais. Na volta em 2004 a torcida lotava o estádio e o time acabou não classificando. (...). Aí depois veio time do Ricardo Pinto em 2005, (...) que levou o torcedor a uma paixão muito grande! Aquela derrota em Maringá ficou marcada para sempre na semifinal da divisão de acesso. E é aquele negócio, de começar a perder na hora decisiva e não subia nesse ano e o sofrimento ia aumentando, e em vez de a tristeza alimentar um ódio, o que aconteceu foi que foi aumentando o nível de paixão do torcedor. Inclusive o público feminino!(Diomar Guimarães, entrevista jul. de 2010).

Alguns episódios desse sofrimento foram marcantes: Como em 2005, onde apesar de ter uma equipe forte e unida, às dificuldades financeiras rondavam o fantasma. Também é desse ano o caso Bruxo da federação²⁷ (que foi um esquema de compra de árbitros na Série Prata do Campeonato Paranaense) que alguns diretores do Operário se envolveram e denunciaram. Alguns torcedores argumentam que após esse episódio, o clube de Vila Oficinas recebeu represálias dos árbitros e da federação, que foram tendenciosas em outras partidas, como na decisão da vaga para Série Ouro contra o Galo Maringá, quando o Operário após boa campanha sucumbiu no último jogo em Maringá por 3 a 0. Foi uma verdadeira apunhalada no coração do torcedor. (AUGUSTO e FERREIRA, 2009).

²⁶ “Morrer na praia” é uma expressão usada no futebol para designar uma equipe que chega perto de seu objetivo final em dada competição, mas fracassa no momento decisivo.

²⁷ Disponível em: <<http://operario.com/curiosidades/parana-clube-relembra-caso-bruxo/>>



FIGURA 52: A saga do fantasma de 2004 a 2005. O Blog do fantasma (2010) fez uma montagem onde mostra toda a “saga” à volta a elite do campeonato paranaense. Foram 6 anos de sofrimento, e o torcedor todo ano repetia: “Esse ano sobe!”. A redenção veio apenas em 2009. Fonte: Blog do Fantasma (2010).



FIGURA 53: Torcedora do Operário Ferroviário vai à lágrimas após 4º derrota consecutiva do fantasma. Durante transmissão da partida entre Operário e Coritiba, que acabou com a vitória do time da capital por 1 a 0. Apesar disso, o sofrimento por vezes faz multiplicar a paixão pelo Operário Ferroviário. Fonte: RPC (2010). Disponível em: <<http://videos.rpc.com.br/vds/videos/74000/74634.flv>>.

Em 2006 o Operário sofreu ainda mais com as crises financeiras. Foram realizadas várias campanhas (como a “campanha do 1 real”²⁸, “S.O.S. Operário”, etc.) para pagar os salários e as despesas do clube. Inclusive, em uma época do campeonato o time teve dificuldades até para comprar mantimentos básicos, como alimentação, e quase abandonou a divisão de acesso. Em 2007 após uma parceria com o Instituto Garagem da Esperança o Operário montou uma equipe base com jogadores da cidade, mas também desapontou e não passou da primeira fase.

Em 2008, após contratar jogadores internacionais (como o atacante uruguaio González e o meia japonês Yohei Iwasak) o time empolgou novamente e levou o torcedor ao estádio Germano Krüger, quebrando vários recordes de público²⁹. No último jogo da competição, em Foz do Iguaçu, o Operário ia vencendo o jogo por 1 a 0 e se classificando para a série ouro. Mas faltando apenas 5 minutos para acabar o jogo, o árbitro marcou pênalti para a equipe da fronteira. Indignados e como forma de protesto, os jogadores do Operário abandonaram o campo e se iniciou uma confusão judicial sobre quem deveria ter o direito de ser promovido a série ouro do campeonato paranaense, já que as duas equipes reivindicaram e comemoraram a promoção. Após várias audiências judiciais, o time de Vila Oficinas foi duramente punido pela federação paranaense de futebol, sendo suspenso e ainda tendo que pagar uma multa. Novamente outra apunhalada no coração do operariano, que foi apelidado pelos outros torcedores do estado de “fantasmilha fujão”.

Mas a redenção veio em 2009, que de acordo com os torcedores da novíssima geração, foi o ano mais marcante da história recente do Operário (Anexo II). O sofrimento engasgado por décadas foi esmagado e enfim o torcedor operariano pode sorrir, comemorar o acesso e ver o fantasma assombrar novamente o estado do Paraná.

Essa conquista veio graças a melhor infra-estrutura e ausência de tantos problemas financeiros como nos anos anteriores. Assim, a diretoria em parceria com o grupo gestor montou uma equipe competitiva e conseguiu o acesso num domingo chuvoso (26 de julho de 2010) contra a Portuguesa Londrinense. O Operário jogava pelo empate, e debaixo de chuva, segurou o zero a zero até o apito final do árbitro (FIGURA 54). Quando se escutou o silvo do apito, ninguém pode segurar o torcedor operariano, que invadiu o campo, mergulhou na lama e invadiu as principais Avenidas da cidade (FIGURAS 55, 56, 57, 58 e 59). Abraços se

²⁸ Campanha realiza pela rádio CBN, que pretendia vender blocos de 1 real a cada torcedor operariano para este ajudar nas dívidas da equipe. Disponível em: <<http://operario.com/noticias/comecou-a-campanha-do-1-real/>>

²⁹ Para se ter uma ideia, em um jogo o Operário levou mais público que o restante dos times da Divisão de Acesso em todo o torneio. Disponível em: <http://operario.com/noticias/operario-domina-publico-na-segundona/>



FIGURA 54: O Jogo decisivo entre Operário e Portuguesa Londrinense em 2009. Esta partida, jogada debaixo de muita chuva foi bastante truncada e aguerrida. Um jogo típico de segunda divisão paranaense. O Resultado de zero a zero garantiu o Operário na primeira divisão paranaense, para deleite dos torcedores fantasmas. Foto: Henry Milleo. Fonte: Gazeta do Povo (2009).



FIGURA 55: Torcedor invade o campo na comemoração do acesso. Após o apito final do juiz e a garantia do OFEC na primeira divisão, o torcedor não se conteve e invadiu o campo cheio de lama em massa para comemorar junto aos jogadores operarianos. Inclusive, para alguns torcedores, este foi o dia mais feliz de suas vidas. Foto: Lucas Moro (26/07/2009).



FIGURA 56: Torcedor atravessa o campo de joelhos. Durante a comemoração do acesso a elite paranaense de futebol em 26 de julho de 2010, alguns torcedores inclusive atravessaram o campo enlameado de joelhos e debaixo de muita chuva como forma de pagar suas promessas de 6 anos de sofrimento na obscura divisão de acesso. Fonte: Thiago Moro (2009).



FIGURA 57: Comemoração do acesso na Avenida Vicente Machado. A comemoração do acesso rumou noite adentro, tomando as principais avenidas da cidade de Ponta Grossa. Por horas, o torcedor debaixo da chuva, pulou, gritou e festejou o tão sonhado acesso a divisão principal paranaense. Ponta Grossa se unia para festejar pelo fantasma. Avenida Vicente Machado, 26 de julho de 2009. Fonte: Thiago Moro (2009).



FIGURA 58: “Heróis do acesso” desfilam no carro do Corpo de bombeiros. Fonte: Gazeta do Povo (2009).



FIGURA 59: Torcedor faz montagem das várias fotos que marcaram o dia 27 de julho de 2009. Ao centro, destaque para um “caixão” produzido por torcedores simbolizando a morte da segunda divisão. Fonte: Blog Fantasma (2010).

se confundiam com lágrimas, e o trânsito só pode voltar ao normal na cidade após a Polícia Militar e a Guarda Municipal intervirem e proibirem os torcedores de exaltar sua identidade e felicidade pela conquista do acesso do time de sua cidade a elite do futebol paranaense. Ponta Grossa se uniu em torno de uma mesma base cultural: o Operário Ferroviário.

Mas isso que aconteceu agora, ano passado no dia que o Operário voltou a Série A do paranaense, foi marcante! Isso nunca tinha acontecido na história de Ponta Grossa, foi marcante.... Debaixo de Chuva e o pessoal pulando e gritando, Ponta Grossa unida ali na rua por uma causa, foi emocionante aquilo... E hoje criou-se esse estigma em torno do Operário. Essa paixão aflorou de um modo mais forte e as comemorações são maiores, como a do ano passado que chovendo (...) coisa de louco aquilo, jamais vista... (Risos). (Diomar Guimarães, entrevista julho de 2010).

Cruzei o campo de joelhos, precisa dizer mais alguma coisa? (Jean Carlo, questionário, julho de 2010).

Estive lá, invadi o gramado, peguei gripe, chorei, gritei na avenida, mas só em casa depois de tudo, é que consegui mensurar a importância do feito para a cidade. (Francisco Wellington, questionário, julho de 2010).

Toda emoção possível.... Cheguei até a chorar....até hoje a calça que usava no dia do jogo esta manchada de lama.... não há sabão que limpe..ficou como lembrança....está eternizado. (Robson Leni, questionário, agosto de 2010).

Foi o dia mais feliz da minha vida, um monte de sentimentos juntos, alegria, desabafo, alívio, vingança. (Thomaz, questionário, abril de 2010).

A união que o Operário causou a toda cidade de Ponta Grossa foi algo incomparável nesta volta à elite do futebol estadual. O Operário esteve na moda. Ou como diz a reportagem do jornal Portal cidade: “Torcer pelo Operário voltou a estar na moda” (Anexo VII). Manchetes de jornais, reportagens na TV, pessoas vestindo a camisa do alvinegro pelas ruas da cidade, recordes de público e assunto em centenas de rodas de conversas. O Operário virava uma das principais marcas da identidade do ser pontagrossense.

Essa identidade é aproveitada ainda por empresas locais como uma forma de Marketing. Assim é comum associar a empresa mostrando que ela é operariana para atrair mais clientes, mostrando a força da marca Operário Ferroviário Esporte Clube. Estas situações são esparsas, mas exemplificamos através das FIGURAS 60 e 61 dois casos de empresas que se utilizam de maneira indireta e subliminar da paixão gerada pelo Operário Ferroviário para atrair clientes. Será que o clube recebe os devidos *Royalty*?



FIGURA 60: Print Screen do web site da Churrascaria Lugano de Ponta Grossa-PR. É nítida na imagem como a empresa tenta de maneira indireta ligar sua imagem a paixão maior do cidadão pontagrossense: O Operário. Nesta imagem, observa-se um touro vestido de alvinegro e um fantasma estampado em seu peito. Mas será que o OFEC recebe os Royaltys? Fonte: Churrascaria Lugano (2010). Disponível em: <www.churrascarialugano.com.br>.



FIGURA 61: Fachada do bar “Botequim Original” em Ponta Grossa-PR. Na fotografia, observa-se que o brasão do bar (ao centro) é uma referência ao escudo do Operário Ferroviário. Fonte: Arquivo do autor (2010).

Para os torcedores e críticos em geral, os principais jogadores desta volta à elite são: Lisa (lateral direito que cresceu em Ponta Grossa e é tratado como um dos principais ídolos da nova geração de torcedores) (FIGURA 62), Osmar (goleiro do time em 2004 e 2010), Baiano e Clênio (atacantes do time de 2010) e alguns jogadores do time do técnico Ricardo Pinto em 2005: De Lazzari, Carlos Alberto Dias, Leomar, Marcos Gaúcho, etc. (FIGURA 63).

Toda essa paixão pelo Fantasma da Vila reflete a relação centro-periferia do sistema mundo atual. O cidadão pontagrossense ao acompanhar pela TV ou pela internet as grandes movimentações que o futebol provoca no mundo, sente a carência de fazer igual em sua cidade. Então, ele também quer ir ao estádio, gritar, pular, fazer parte de torcidas organizadas, criar canções para apoiar o time e dizer para o mundo que ali, em Ponta Grossa, também possui um clube de futebol que faz parte e participa deste espaço de representação do futebol.

Essa carência se deve também ao fato que, se anteriormente (começo do século XX) o fato determinante na hierarquia de importância das cidades era estar conectada a malha ferroviária, do final do século XX ao início do século XXI, impulsionadas pela magnitude que o futebol atingiu na sociedade global, passa-se ser de fundamental importância para as cidades possuir um clube de futebol que a represente nos campeonatos profissionais estaduais e nacionais, divulgando assim o nome da cidade e influenciando para diversas dinâmicas, como propaganda para fomentar o turismo, investidores e empresas.

Assim o torcedor não se conforma de ver sua cidade perder para cidades menores que possuem um clube profissional em divisões mais elevadas, e sonha em um dia o Operário chegue longe para melhor representar Ponta Grossa no cenário esportivo nacional e a eleve na hierarquia das cidades:

É uma vergonha Irati, que é uma cidade muito menor, ter um time na primeira divisão e Ponta Grossa com o tamanho que tem não estar lá também. (Marcos Souza, comentário no orkut feito em 2009 quando o Operário ainda estava na divisão de acesso).

Uma cidade de quase 400 mil habitantes não pode ficar sem um time de futebol profissional! (...) Operário tem que ser um time forte e que realmente imponha respeito pelo Brasil afora. (...). Assim ele seria importante, pois divulgaria a cidade Brasil afora, a nível nacional (...), basta que se insista nas idéias renovadoras e que trabalhe para isso. (...), inclusive chegar à série A do brasileiro! É só um sonho? Acho que não. Se até o Ipatinga, o Juventude já disputaram e que são de cidades iguais a nossa já disputaram, porque nós não? Já que Ponta Grossa tem uma torcida muito maior que a deles e apaixonada pelo clube. Um clube com carisma, um clube centenário. Uma região riquíssima, uma cidade universitária e com muito potencial para o crescimento... basta apenas que se acredite e que se trabalhe para isso... (Diomar Guimarães, entrevista, julho de 2010).



FIGURA 62: O lateral direito Lisa comemora junto a torcida. Esta comemoração foi devida a vitória contra o Serrano de Prudentópolis por 2 a 1 no último minuto no dia 13 de março de 2010. Lisa cresceu na cidade de Ponta Grossa e é considerado um dos maiores ídolos do clube nos últimos 10 anos. Fotografia: Thiago Moro (2010).



FIGURA 63: Equipe operariana de 2005, comandada pelo técnico Ricardo Pinto. Considerado por alguns torcedores como uma das melhores formações do Operário nos últimos anos. Inclusive, contava com dois jogadores que tiveram passagem pela seleção brasileira de futebol: O volante Leomar e o camisa 10 Carlos Alberto Dias. Fonte: Futebolpr (2008).

É uma vergonha uma cidade do tamanho de Ponta Grossa não ter um time de futebol na primeira divisão do Campeonato Paranaense. O Operário é uma das poucas coisas que dá uma identidade interessante pro povo da cidade. É nossa cultura, deve ser valorizado. (Renan Krzesinski, questionário, abril de 2010).

Mas além de suprir a carência do torcedor pontagrossense de ter um time profissional em sua cidade, o Operário ajuda ainda, como já foi salientado anteriormente, na divulgação do nome da cidade para o Brasil. E o torcedor não quer só fazer a festa em sua cidade como ele vê nos grande centros urbanos, ele sonha e quer que os outros também vejam a festa que ele faz, sintam inveja e assim Ponta Grossa e o Operário ganhei status nas relações de poder nos espaços de representação criados pelo futebol.

É importante o Operário estar na primeira divisão para dar visibilidade para a cidade e também para termos respeito das outras cidades, não só no Paraná mais no Brasil inteiro. (Jean Saulo Ditzel, questionário, maio de 2010).

No questionário perguntou-se aos torcedores qual era a importância de Ponta Grossa possuir um time na primeira divisão, e as respostas podem ser divididas em 4 categorias: a) Importante ter um time na primeira divisão para o lazer na cidade; b) Importante ter um time por que a torcida do Operário é fanática e uma das maiores do interior; c) Importante ter um time na primeira divisão para representar e divulgar Ponta Grossa nacionalmente; d) Importante ter um time na primeira divisão pois Ponta Grossa é uma cidade com condições de poder sustentar um time em vãos mais altos.

É importante o Operário estar na 1º divisão Pra mostrar a cidade de Ponta Grossa para o mundo! Pois estou cansado de comentarem e falarem sobre os times da capital (Coritiba, Atlético e Paraná), o estado do PR, não são apenas os times da capital! (Adriano Charles Ferreira, questionário, julho de 2010).

O povo Princesino é fã do futebol. Somos uma das maiores cidades do interior, o fato de existir um time nos representando na elite do estado é um motivo de orgulho, mas, ao mesmo tempo, pelo tamanho de nossa cidade, é uma obrigação. Esperamos alçar vãos mais altos. (Felipe Ramthun, questionário, abril de 2010).

O pontagrossense merece ter um time competitivo, (...) para dar visibilidade que a cidade tem quando o time está bem e na moda. É sempre bom ver o nome de Ponta Grossa sendo falado nos principais meios de comunicação. E o que da mais destaque para uma cidade é o esporte, principalmente um time de futebol. (Marciel Rodrigues, questionário, julho de 2010).

Não deixa de ser um patrimônio histórico e cultural de nossa cidade, já vi vocalista de banda de Rock internacional, "Nazareth" colocando a camisa do Operário (o vídeo pode ser visto no link: <http://www.youtube.com/watch?v=DEpaJnxDA5o>), isso foi um marco na história de ponta Grossa, (...). Também penso que pode levar o nome de Ponta Grossa pra outros estados do País <http://www.youtube.com/watch?v=v_EvaRO1O5Y> como podemos ver nesse vídeo da ESPN Brasil. (Antônio Rafael Ávila, questionário, maio de 2010).

Esse orgulho foi comprovado pelas respostas dos torcedores a pergunta do questionário que indagava o que estes sentiam quando viam o Operário na mídia nacional. Quase 100% das respostas focaram o orgulho como principal reação. (Anexo II)

Sinto muito orgulho! Pelo fato de jogar com os times da capital e aparecer em programas nacionais já me basta. (Adriano Charles Ferreira, questionário, julho de 2010).

Paro tudo que estou fazendo pra ver, mesmo que já tenho visto outras dezenas de vezes a mesma reportagem. (Tiago, questionário, maio de 2010).

Este orgulho de divulgar o Operário pelo mundo pode ser vista numa campanha realizada pelo *website* operário.com: Divulgue o Operário pelo mundo. Nesta campanha, o site incentiva os torcedores a desfilar com a camisa do alvinegro de Vila Oficinas pelo Brasil e pelo mundo e tirar fotos, para depois publicar no site. Isto orgulha o torcedor operariano, que vê o fantasma chegar aos locais mais longínquos do planeta (FIGURA 64).

Portanto, é através do Operário Ferroviário Esporte Clube que muitos cidadãos pontagrossense se sentem realizados. O Operário representa o cidadão e o cidadão se sente representado por ele e todo o simbolismo que cerca a agremiação fantasma. Sendo assim, o Operário é um patrimônio cultural em vários sentidos, tendo tanto valor cultural histórico e mnemônico, como sendo de fundamental importância atualmente para a identidade pontagrossense. (FIGURA 65).

Santana (2000) declara que os cidadãos só lutam por sua cidade quando se sentem unidos por ela, e essa união o Operário Ferroviário ajuda a ocasionar. Sendo assim, o estádio Germano Krüger é um equipamento urbano indispensável no espaço urbano da cidade de Ponta Grossa.

Eis o Operário Ferroviário Esporte Clube, um time que nasceu das humildes ferroviários e que aos poucos ganhou o coração de toda uma cidade. Clube recheado de histórias, mitificação, representações e riqueza cultural, é patrimônio cultural intangível da cidade de Ponta Grossa, no passado, presente e futuro.



FIGURA 64: Cristo Redentor Operariano. O *website* operario.com tem uma seção “Operarianos pelo mundo”, onde incentiva que os torcedores divulguem o OFEC pelo mundo. Assim como quando se viaja para fora do Brasil veste-se algo para ser identificado como brasileiro (camisa da seleção Brasileira, por exemplo), quando um operariano viaja para fora de sua cidade ele leva consigo a camisa do Operário Ferroviário. Nesta foto observamos o “Cristo Redentor operariano”. Foto: João Paulo Rodrigues. Fonte: operario.com (2010).



FIGURA 65: Torcedores operarianos vão ao delírio após gol da vitória do Operário Ferroviário contra o Atlético Paranaense na Arena da Baixada por 2 a 1 em 20/01/2010. Após este jogo, a cidade vivia uma euforia intensa e em todas as rodas de conversa se observava o orgulho de ser pontagrossense e de ter vencido um clube da capital, mostrando que o Operário é um patrimônio cultural em vários sentidos. Fonte: Futebolparanaense.net (2010).

2.5 O que se fazer com a herança cultural do Operário Ferroviário?

Apesar de toda a importância da representatividade cultural argumentada nas seções anteriores, na prática o Operário não recebe o devido reconhecimento. Muitos torcedores da nova geração desconhecem, por exemplo, as lendárias histórias do clássico Ope-Guá e sua importância para a cidade (70% das pessoas que responderam ao questionário salientaram não se lembrar da história do mesmo), ou ainda, que o Operário é centenário e que aqui em Ponta Grossa foi realizada a primeira partida de futebol do Paraná em 1909. Márcia Saab em entrevista expressou que passou grande parte de sua vida sem conhecer detalhes da história do Operário, e argumenta a importância de se resgatar e melhor divulgar a biografia do clube:

Eu por exemplo faz pouco tempo que soube que o Operário era tão antigo. Essas e outras histórias bonitas e interessantes sobre o time, como a que diz que foi aqui em Ponta Grossa que foi disputada a primeira partida de futebol do estado. É bonito você resgatar isso, saber que é um time de 1912, você valoriza o time! (...) Esse tipo de coisa faz parte da história de Ponta Grossa e é bom valorizar e mostrar para toda população. (...) E é por isso que eu acho que o futebol não é só um esporte, ele é história, é cultura (Márcia Lopes Saab, entrevista. Junho de 2010).

Essas coisas tinham que ser vistas por um público maior... Ponta Grossa precisa conhecer melhor a história do Fantasma. (Clíceu, em comentário no Orkut após ser postado algumas façanhas do Operário no passado, julho de 2010).

Esses fatos demonstram a necessidade da divulgação e promoção da história cultural do Fantasma da Vila a um público amplo. Foi insistente em todas as falas dos entrevistados a necessidade do Operário construir um museu ou memorial para sistematizar e divulgar sua história para estudantes, cidadãos em geral e até turistas, cuidando da riqueza cultural do clube em tela para não se perder essa “herança cultural”:

A idéia do museu é fundamental. Isso já devia ter sido feito. (Jorge Carneiro, entrevista, maio de 2010).

Fazer o museu! Deve-se fazer o museu! Que inclusive já deveria ter! Acho que o Operário tem uma memória única e tem que valorizar isso. E deve-se também homenagear os grandes operários do passado e do futebol que deram parte de suas vidas pelo clube (...) e que nunca foram homenageadas nem lembradas pelo clube (...). E deve-se também inaugurar uma galeria de ex-presidentes no clube, fazer homenagens a essas pessoas, aos herdeiros dessas famílias e fazer cumprir essas promessas. Fazer um museu e expor troféus, fotos, histórias, vídeos, livros, recortes de jornais que realmente consiga imortalizar o Operário! Porque o Operário é imortal! (Diomar Guimarães, após ser perguntado sobre o que deveria ser feito para preservar a história do Operário Ferroviário, entrevista, julho de 2010).

Tem que preservar... Tem que fazer um museu... Porque com o tempo muitas conquistas do Operário se perderam porque não tinha um lugar para guardar... Tinha que correr atrás de um patrocínio com empresários e montar um museu pra guardar essa história do Operário, desde o começo com os ferroviários, passando pela lenda do Trem Fantasma e destacando a paixão da torcida. Fazer tipo de um memorial. (Mauro Ferreira, após ser perguntado o que deveria ser feito com a história do Operário, entrevista julho de 2010).

Acho que um museu sobre o Operário daria mais certo do que um sobre a ferrovia, pois o apelo do clube é maior. Podem-se associar as duas ideias fazendo um museu com ênfase no time, mas contando também a história da ferrovia. (Renan Krzesinski, em resposta ao questionário, junho de 2010).

O conteúdo de tal museu poderia ser farto e interativo, se os torcedores operarianos comprassem a idéia e colaborassem na compilação de material. Algumas falas evidenciam alguns potenciais para compor a coleção:

Ah... Se eu tivesse dinheiro à primeira coisa que iria fazer era um museu de futebol com as fotografias... Eu tenho mais de 6000 mil fotografias do futebol aqui da cidade... Tudo com nome dos jogadores atrás. É só vendo pra você entender mesmo...(...) Imaginou essas fotografias numa sala, já calculou? Essas fotografias desse tamanho numa sala de museu... Vou te contar! (José Cação Ribeiro Júnior, entrevista, junho de 2010).

Esses gols o meu amigo tem todos eles! Um arquivo sensacional de vários anos com gols do Operário, jornais e outros materiais diversos que conservam parte dessa história bonita do clube. (Diomar Guimarães, citando que seu amigo possui um farto material sobre o Operário, entrevista, julho de 2010)

A idéia do museu é compartilhada pela ampla maioria de torcedores e simpatizantes do Operário Ferroviário, como evidência os dados coletados no questionário (Anexo II). Perguntado sobre a importância de o clube possuir um local reservado para guardar suas memórias, foi quase unânime a importância de o clube possuir um museu, ou ao menos, um memorial de fácil acesso na entrada do estádio que conte as peculiaridades do clube de Vila Oficinas. Alguns torcedores salientaram ainda que seriam “frequentadores assíduos” deste:

Acho interessantíssimo. O time poderia fazer um acervo com tudo o que eles têm, desde sua fundação aos dias de hoje. Eu seria um frequentador assíduo. (William Uczak, em resposta ao questionário, maio de 2010).

Com certeza. Já faz tempo que o clube merece criar um espaço como este. É uma forma de manter sua história exposta e principalmente viva. Com o tempo, lembranças, documentos, e o acervo material do clube perdem-se com o tempo, ou encontram-se nas mãos de diversas pessoas. É de grande importância à centralização destes objetos, até como forma de segurança e conservação dos mesmos para futuras gerações. (Marcus Vinicius, em resposta ao questionário, maio de 2010).

E já que o Operário Ferroviário é um PC ferroviário, pois foi o clube representante da classe ferroviário e teve sua origem desta, tornar-se-ia também necessário um espaço num possível museu ferroviário a ser construído em Ponta Grossa. Mauro Ferreira, ex-maquinista

ferroviário e ex-jogador do Operário, compartilha desta opinião e mostra os potenciais deste empreendimento:

Operário é um dos últimos resquícios da ferrovia, fora estação. Ponta Grossa perdeu de ser uma sub-sede da copa justamente porque não tem nada de turismo. O trem turístico belga internacional não pode passar aqui, porque não tinha mais estação em Ponta Grossa, uma vergonha... Por isso que investir em memoriais e museus do Operário já se teria pelo menos alguma coisa de turismo aqui na cidade... (Mauro Ferreira, ex-maquinista e ex-jogador do Operário, entrevista, julho de 2010).

É muito importante ter um museu que englobe a ferrovia e o Operário. Em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais, muito se fala em tropeiros. É tropeirismo pra cá, tropeirismo pra lá, e com relação aos ferroviários, não há quase nada. Considero os ferroviários tão importantes no desenvolvimento da cidade, quanto aos tropeiros... (Robson Ieni, em resposta ao questionário, maio de 2010).

Portanto, o investimento cultural na construção de um museu ou memorial sobre o Operário ou a ferrovia, teria inúmeros benefícios. Ele poderia reunir além de um longo acervo de coisas relacionadas ao futebol em nossa cidade, fotografias gerais do clube, fotografias ou caricaturas de ex-presidentes e de torcedores folclóricos, vídeos, trechos e depoimentos de pessoas que vivenciaram ou escreveram a história do Operário, etc. Este museu valorizaria a memória, podendo ainda ser educacional e servir de elo entre as diversas gerações. Seria ainda um grande trunfo para o turismo na região, na medida em que cederia a cidade mais um equipamento turístico, potencializando as visitas de turistas e o aumento das estadias dos mesmos em Ponta Grossa.

É importante lembrar, que quando se trata de patrimônios culturais imateriais, é mais importante subsidiar ações que visem sua continuidade do que a ações que visem tornar o objeto estático (SANT'ANA, 2000). Assim, para possibilitar a continuidade do patrimônio em tela, devem ser buscadas parcerias entre o poder público, empresários, diretoria do clube e os próprios torcedores, para tornar o OFEC mais competitivo a nível estadual e nacional.

O Operário Ferroviário ainda pode ser trabalhado educacionalmente como tema integrador e transdisciplinar nas escolas. Através dele pode-se compreender melhor a história de Ponta Grossa, das ferrovias e do esporte na cidade. Mais detalhes podem ser conferidos em Foer (2005) e Santos e Castro (2010)³⁰.

O radialista e comentarista esportivo Diomar Guimarães refletiu sobre as possibilidades de parcerias e gestão que poderiam ser tratadas entre o clube e o poder público que levariam o

³⁰ Neste artigo publicado na apostila educacional “Periferia de Ponta a Ponta”, analisou-se através das torcidas organizadas do Operário Ferroviário questões relativas à territorialidade e a importância do respeito à diversidade. O público alvo deste foram jovens da periferia.

Operário a outro patamar, garantindo sua continuidade. Para ele, assim como para Mauro Ferreira, o segredo está em investir nas categorias de base:

Deve-se investir nas Categorias de base e se criar uma estrutura para esse trabalho de base, desde o infantil até o Júnior e possuir centro de treinamento, vários campos, olheiros pela cidade, etc. (...) Eu acho que a grande jogada do Operário hoje seria fazer uma negociação com a prefeitura. Ceder o estádio Germano Krüger para a prefeitura, municipalizando-o, já que só da despesas para o clube, como vimos nesse ano (...), não cederia a parte social, só o estádio. E em troca a prefeitura cederia um centro de treinamento para o clube. Assim o Operário jogaria no estádio municipal e teria estrutura para as categorias de base e jogaria normalmente no Germano Krüger. (Diomar Guimarães, entrevista, julho de 2010).

O Operário deveria ter uma base, investir nas camadas jovens. Ter um centro de treinamento. Tipo uma escolinha. Aberto para as crianças de bairro, não de pagar a mensalidade. Mas criança que joga aqui na vila, no campinho de areia. Ele teria acesso lá, e daí sairia jogador que pensa com a cabeça, que tem talento, não aquela coisa programada, robótica, feita, que vem das escolinhas. (Mauro Ferreira, entrevista, julho de 2010).

Outro acontecimento que o torcedor operariano aguarda ansiosamente é a chegada do centenário do clube, em 2012. Motivo de orgulho e distinção perante as outras equipes, o torcedor espera que o ano de seu centenário seja especial e que a diretoria e/ou outras instituições reservem uma surpresa neste ano. Alguns esperam, de acordo com o questionário e as entrevistas (Anexos I e II), que o Operário de o presente perfeito ao seu torcedor ao conquistar o tão sonhado campeonato paranaense de 2012.

E mais, acho que o Operário tem que desenvolver um projeto ambicioso para seu centenário no ano de 2012. Por exemplo, focar e chegar à série B do brasileiro e se trabalhar para isso. (...) E um projeto para ser campeão paranaense em 2012, e acho que esse seria um presente ideal para o torcedor apaixonado que é o operariano. (...). Deve-se mudar um pouco a filosofia das gestões atuais e lutar para isso, para tornar o Operário grande no cenário esportivo nacional. (Diomar Guimarães, entrevista, julho de 2012).

Acho que no ano do centenário deveria ter esse memorial pra lembrar de toda a história, montar um filme, ou documentário, ou ainda slides shows, com fotos antigas, gols, histórias e momentos marcantes... O Caçõ Junior tem muitas fotos do operário, antigas e tudo mais. Fazer uma festa e mostrar o que for possível da história do Operário. Fazer um jogo de festividade, fazer um telão em um dos lados do campo e ir passando flashes e slides num telão, como fizeram pro Operário quando ele voltou para a primeira divisão no Esporte Emoção. Vai passando a música e vai passando os flashes emocionantes da história do Operário. (Mauro Ferreira, entrevista, julho de 2010).

Investindo nas camadas jovens, gerindo profissionalmente o futebol e valorizando a herança cultural do fantasma de vila Oficinas, este pode realizar o sonho de seus torcedores e simpatizantes: Chegar a disputar o campeonato brasileiro da primeira divisão e jogar lado a

lado dos maiores clubes nacionais. Alguns ainda sonham, de acordo com o questionário aplicado, que o Operário dispute uma Libertadores, ou até mesmo uma final de campeonato mundial de clubes. É o sonho destes. Mas para que serve sonhar, se não para caminhar?

Então o Operário tem tudo para ser um grande clube em um curto espaço de tempo, basta que se insista nas idéias renovadoras e que trabalhe para isso. O Operário tem tudo para ser um grande clube, inclusive na série A do brasileiro! É só um sonho? Acho que não. Se até o Ipatinga, o Juventude já disputaram e que são de cidades iguais a nossa já disputaram, porque nós não? Já que Ponta Grossa tem uma torcida muito maior que a deles e apaixonada pelo clube. Um clube com carisma, um clube centenário. Uma região riquíssima, uma cidade universitária e com muito potencial para o crescimento. Basta apenas que se acredite e que se trabalhe para isso... (Diomar Guimarães, entrevista, julho de 2010).

CONCLUSÃO

Os resultados de pesquisa evidenciam toda a força e representatividade cultural que o Operário Ferroviário possui a sociedade de Ponta Grossa. O fantasma da vila se configura como um lugar de memória especial para inúmeras pessoas que cresceram e viveram na cidade, confundindo sua própria história com a do clube de vila Oficinas. As datas de conquistas e de vitórias do Operário são lembradas com nostalgia por quem viveu naquele tempo, configurando a importância de serem valorizadas e preservadas, proporcionando uma maior qualidade de vida e auto-estima a quem possui estas lembranças.

Em especial, vale lembrar a emoção sentida pelas pessoas que cederam entrevista para este trabalho. Era nítido que o Operário faz evocar nestas um tempo que a muito estava esquecido na memória. Faz lembrar, de acordo com a fala dos entrevistados (Anexo I), a época do futebol leve e romântico, a lembrança de uma cidade em efervescência cultural, mais alegre e coletiva que a atual, na qual os jogos do Operário aglutinavam a cidade em torno de um ideal comum, em torno de uma festa coletiva, contrastando com o atual tempo individualista da sociedade capitalista contemporânea.

E de certa maneira, confirmou-se a hipótese que o Operário ao longo de quase um século acumulou diversos simbolismos e traços culturais peculiares. Foram diversas as modificações sociais, espaciais e culturais que o Operário gerou no cotidiano de Ponta Grossa durante todo este tempo. Assim, pensa-se não haver controvérsias quanto à afirmação que o Operário Ferroviário gera uma espacialidade (espaço de representação do futebol) própria que podemos denominar de espaço de representação do Operário. Espacialidade na qual as pessoas buscam se transformar em pessoas totais.

O Operário ainda, ao discorrer de sua história, foi representante de diversos segmentos sociais. Fundado por ferroviários, passou posteriormente a representar o bairro de Oficinas nos campeonatos pontagrossenses, depois a todos os operários em geral, para finalmente, após a década de 1970, representar toda a cidade. Esta trajetória é outra peculiaridade do Operário Ferroviário que o fez acumular simbolismos perante distintos grupos sociais e o ratifica como patrimônio cultural. Outro ponto a se destacar, é a enorme representatividade do clássico Ope-Guá, que fazia parar a cidade e permitia emergir uma simulação da luta de classes em Ponta Grossa. Este clássico é lembrado de maneira nostálgica e saudosa pelos torcedores.

Sendo assim, o OFEC virou uma bandeira e um dos principais símbolos de Ponta Grossa. É impossível, se quisermos compreender a história e organização socioespacial da

cidade, excluir o Operário desta análise. Necessita-se assim levar em consideração o espaço de representação do Operário e suas influências para uma melhor compreensão da complexa realidade de Ponta Grossa.

Finalmente, a história do clube é um misto de alegria e sofrimento, de glória e fracasso. Porém, as fases difíceis, ao invés de diminuir a paixão e a representatividade do clube, muitas vezes acabaram tendo um efeito reverso, ampliando a paixão do torcedor. Isso foi comprovado pelas tentativas de substituição do Operário por outros clubes, como a Pontagrossense e o Ponta Grossa Esporte Clube, que não vingaram e não caíram no gosto do torcedor pontagrossense, que sentiu falta e implorou pela volta do fantasma. Isto evidencia mais uma característica: O torcedor pontagrossense não quer apenas um clube esportivo que o represente em eventos esportivos, mas quer uma instituição de tradição, com valor simbólico e histórico. O Operário é mais que um clube esportivo, é um símbolo cultural.

A pesquisa também discutiu a representatividade do patrimônio cultural ferroviário e mostrou que ainda nos dias de hoje, o Operário Ferroviário possui inúmeros traços e lembranças que remetem a ferrovia, que seus torcedores reconhecem e valorizam. Portanto, preservar e incentivar a continuidade dos traços ferroviários identificados no Operário é preservar a memória das ferrovias. Consequentemente, o Operário se configura como um legítimo Patrimônio ferroviário. Assim, caso seja construído o museu ferroviário na cidade de Ponta Grossa, haver uma sala em homenagem ao Operário é quase uma obrigação.

Aliado a todo este quadro pintado acima, o Operário Ferroviário Esporte Clube se promove como patrimônio cultural por possuir intrínseco a ele, inúmeras manifestações culturais peculiares, que se pode denominar de patrimônios culturais do Operário: A inventividade de seus torcedores; a composição de músicas e cânticos nos estádios; o jeito único do como “ser torcedor”; o clima engraçado e gostoso do estádio Germano Krüger em dias de jogos e os rituais executados durante estes; torcedores folclóricos; lendas; narrativas peculiares (como as do inesquecível clássico Ope-Guá); produções culturais como documentários e até músicas de Rock in Roll.

Mas a força cultural do Fantasma da Vila não fica restrita apenas ao passado, sendo de fundamental importância atualmente. A dolorida e demorada volta à primeira divisão do campeonato paranaense (de 2004 a 2009) evidencia isto, pois conquistou inúmeros torcedores das novas gerações e contou com excelentes médias de público no Germano Krüger. Assim, salienta-se que o Operário representa o cidadão pontagrossense para o mundo (através da mídia) e o cidadão se sente representado pelas cores do alvinegro de Vila Oficinas (no “duelo” contra outras cidades). Portanto, o Operário também é um patrimônio cultural atual.

Com base em todos estes argumentos é possível reconhecer o Operário Ferroviário como Patrimônio Cultural em vários sentidos. Ele acaba por unir os cidadãos pontagrossense em torno de uma base cultural comum, fazendo com que as pessoas se identifiquem com a cultura pontagrossense e passem a lutar por sua cidade. O Fantasma da Vila ainda serve como ponte de ligação cultural entre diversas gerações (avôs e netos; pais e filhos).

Apesar de toda essa importância argumentada, na prática o Operário não recebe o devido reconhecimento e valorização cultural. É urgente assim que se trabalhe em projetos que divulguem e promovam a história do futebol em geral na cidade e do Operário em especial a um público amplo. Este poderia vir através da construção de um museu ou memorial para o clube e outras ações discutidas na seção 2.5 (O que se fazer com a herança cultural do Operário Ferroviário?).

Por fim, destacam-se as possíveis contribuições desta pesquisa a nível micro ou macro, relativo às escalas de análise. A nível local observa-se as peculiaridades que diferenciam o Operário de outros clubes de futebol mundo afora. A cultura e o jeito de ser pontagrossense se enraizaram no Fantasma da Vila, transformando este num objeto característico e que representa o cidadão de Ponta Grossa.

Desta maneira, espera-se que esta pesquisa possa ajudar na promoção e valorização do Operário como um patrimônio cultural da cidade de Ponta Grossa, contribuindo para efetivar a identidade cultural dos cidadãos pontagrossenses e melhorando sua qualidade de vida. Esforçou-se ainda em destacar a importância do esporte e da cultura para a cidade, sendo necessárias políticas públicas que incentivem estas dimensões essenciais da existência humana. Concorde-se com a música “Comida” dos Titãs quando salienta o que o povo quer e precisa: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte!”.

Já a nível global, salienta-se que a partir deste estudo de caso local, supere-se a visão arcaica que o futebol é o ópio de povo. Pretendeu-se mostrar que o futebol é mais que um esporte, é cultura. Confirmou-se também que o futebol é um elemento estruturante da identidade brasileira, sendo um patrimônio cultural nacional. Espera-se ainda mostrar a partir das análises propostas formas alternativas de se realizar investigações sobre a hierarquia urbana, não usando apenas elementos econômicos para explicar a questão urbana. Ela é muito mais complexa que apenas isso.

Isso permite argumentar e lançar a hipótese de que se antes o que definia a hierarquia das cidades era ter ou não estações ferroviárias, hoje um dos indícios mais fortes dessa hierarquização é se uma cidade possui ou não uma equipe na primeira divisão. Logo mostra

que o espaço de representação emergido do futebol ainda reserva vários segredos a se desvendar sobre as influências deste na realidade.

Tem-se ainda a consciência de não se fazer bairrismo exagerado e salientar que o Operário é o único clube do futebol a ter simbolismos culturais. O Operário Ferroviário é apenas mais um entre tantos clubes de futebol que representam determinada sociedade. Em nível global, podem-se salientar casos como o do Barcelona e do Athletic de Bilbao, ambos da Espanha, que representam respectivamente os povos da Catalunha e do País Basco.

Por fim, argumenta-se que esta pesquisa não pretendeu esgotar a discussão sobre o Operário Ferroviário e dos demais temas discutidos neste trabalho. Pretendeu-se apenas abrir a discussão e preencher algumas lacunas na história e herança cultural do Operário Ferroviário. As produções anteriores sobre o clube em tela, enfocavam apenas dados quantitativos sobre resultados futebolísticos, sendo geralmente a cultura e demais elementos simbólicos deixados de lado. Assim, incentiva-se para que em outras oportunidades se realizem investigações a fim de desvendar este objeto de estudo peculiar da cidade de Ponta Grossa, o Operário. Desta maneira, esta pesquisa apresenta apenas a ponta visível do iceberg. Ainda há muito a ser desvendado sobre esse fantasma...

REFERÊNCIAS

AGUINAGA, Karyn Ferreira Souza. A proteção do patrimônio cultural imaterial e os conhecimentos tradicionais. *In: XV CONGRESSO NACIONAL DO COMPEDI - DIREITO, BIODIVERSIDADE E SOBERANIA NA AMAZÔNIA*, 2006, Manaus. **Anais...** Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. Disponível em < http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/anais/manaus/estado_dir_povos_karyn_s_aguinaga.pdf >. Acesso em 11 out. 2009.

ANJOS, José Luiz dos. Futebol no sul: história da organização e resistência étnica. **Pensar a Prática**, Goiânia, 10/1: 33-50, jan./jun. 2007.

AUGUSTO, Jéferson; FERREIRA, Bruno Henrique. **Operários da bola**. Ponta Grossa: UEPG, 2007.

BACH, Arnaldo Monteiro. **Trens**. Palmeira-PR, 2008.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2000.

BELLOS, Alex. **Futebol: O Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. *In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. (Orgs.). Geografia cultural: Um século*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p.83-131.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. **A construção do espaço de representação do futebol, em Curitiba-PR**. 2006, 239 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: < <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/4120> >. Acesso em 08 de nov. 2009.

_____. Geografia e futebol? Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 249-265, jul./dez., 2008. Disponível em: < <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/1178/890> >. Acesso em 27 out. 2009.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. 256 p.

CASSAB, Latif A. História Oral: miúdas considerações para a pesquisa em Serviço Social. **Serviço Social em Revista**, Londrina-PR, v. 5, p. 5/2, jan./jun., 2005. Disponível em < http://www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm >. Acesso em 10 jan. 2010.

CARDOSO, Francisco Genaro. **História do futebol paranaense**. Curitiba: Grafipar, 1978.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2006. 424 p.

CHAVES, Niltonci Batista (Org.). **Visões de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: UEPG, 2001.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: O estado da arte. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: UFSC, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: Um conceito chave na Geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995a. 353 p.

_____. A dimensão cultural do espaço: Alguns temas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, UERJ, ano 1, out. 1995b. Disponível em <<http://www.nepec.com.br/2lobato.pdf>>. Acesso em 08 out. 2009.

_____; ROSENDAHL Zeny. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. Formas simbólicas e espaço: Algumas considerações. **Aurora Geography Journal**, v.1, p.11-19, 2007. Disponível em: <www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/212/204>. Acesso em 10 de abril de 2010.

DUNCAN, James. **The City as Text: The Politics of Landscape Interpretations in the Kandyan Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109 p.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FONSECA, Maria Cecília. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de Patrimônio Cultural. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio: Ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, Porto, 41, ½, 2001, 23-32. Disponível em <<http://www.ufjf.br/maea/files/2009/10/texto1.pdf>>. Acesso em 04 jan. 2010.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Maria do Carmo Brito e Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM Editores, 2004.

GIEBILUKA, Robinson Geraldo. **A Gigante dos campos e dos gramados gerais**. Crônicas_giebiluka@yahoo.com.br, 2010. Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/39930012>>. Acesso em 10 de out. de 2010.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião: O sagrado como representação. **Terra Livre**, Goiânia, v. 24, 119-133, jan./jul., 2005. Disponível em <http://www.agb.org.br/files/TL_N24.pdf>. Acesso em 25 dez. 2009.

_____. **Espaço sagrado**: estudos em Geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GHIRARDELLO, Nilson. **À beira da linha**: Formações urbanas da Noroeste Paulista. São Paulo: UNESP, 2002.

GOMES, Paulo César da Costa. O futebol e sua dimensão estética: Entre a geopolítica da bola e a geopolítica dos torcedores. *In*: **A condição urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HABITZREUTER, Rubens R. **A conquista da Serra do Mar**. Curitiba: Pinha, 2000.

HOBSBAWM, Eric J. O apogeu do nacionalismo: 1918-1950. *In*: **Nações e nacionalismo desde 1780**: Programas, mito e realidade. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 159-194.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. Dissertação (Mestrado em geografia). Departamento de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos, vol.4, 1996.

ISNARD, Hildebert. **O espaço geográfico**. Coimbra: Almedina.1982.

LACERDA, Antonio Corrêa de; BOCCHI, João Ildebrando; REGO, José Márcio. (Orgs.). **Economia brasileira**. São Paulo: Saraiva, 2002.

LEFÉBVRE, Henry. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

MARQUES, Fabíola. **Patrimônio Cultural - mecanismos legais de defesa e preservação**: a realidade sul-mato-grossense. 2004, 75 p. Monografia (Bacharel em Direito). Universidade

para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal. Campo Grande-MS, 2004. Disponível em: <
http://www.overmundo.com.br/_banco/produtos/1163080320_patrimonio_cultural_monografia.rtf>. Acesso em 04 out. 2009.

MASCARENHAS, Gilmar de Jesus. À Geografia dos esportes. Uma introdução. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, Barcelona, nº 35, mar. 1999. Disponível em: <
<http://www.ub.es/geocrit/sn-35.htm>>. Acesso em 10 jan. 2010.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. **Ferrovias: Patrimônio Cultural** – Estudo sobre a ferrovia brasileira a partir da região dos Campos Gerais (PR). 2006, 190 p. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <
<http://tede.ufsc.br/teses/PGCN0292.pdf>>. Acesso em 15 de set. 2009.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2002.

MUSEU DOS ESPORTES. **História do futebol**. Disponível em: <
<http://www.museudosesportes.com.br/noticia.php?id=26616>>. Acesso em 20 ago. de 2010.

NEOTTI, Clarêncio (Org.). **Comunicação e Ideologia**. São Paulo: Loyola, 1980.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez., 1993.

OLIVEIRA, Luiz Antônio Chaves de. **O patrimônio para além da Pedra e Cal: um estudo sobre usos e apropriações na cidade**. 2007, 187 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em <
<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=34292103>>. Acesso em 22 out. 2009.

OPE-GUÁ: Um estado de espírito. Direção de Niltonci Batista Chaves. Produção da Universidade Livre dos Campos Gerais e do Departamento de História da UEPG. Ponta Grossa-PR, 2004. 1 DVD (30 min.). Disponível em: <
<http://www.youtube.com/watch?v=FSn3CvOL5sc>>. Acesso em 25 de jul. de 2010.

PARACETTA FILHO, Emilson; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Uma análise crítica da produção geográfica em torno da compreensão de monumentos como Patrimônio Cultural. *In*: III SEMINÁRIO DE PESQUISA DO MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO, 2008, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: UEPG, 2008.

PAULA, Dilma Andrade de. O futuro traído pelo passado: a produção do esquecimento sobre as ferrovias brasileiras. *In*: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

PAZ, Sérgio Miranda. **O Futebol como patrimônio cultural do Brasil**: estudo exploratório sobre possibilidades de incentivo ao Turismo e ao Lazer. 2006, 245 p. Tese (Doutorado em Turismo). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <http://poseca.incubadora.fapesp.br/porta/bdtd/2006/2006-do-paz_sergio.pdf>. Acesso em 22 ago. 2009.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre Torcidas Organizadas de Futebol. **São Paulo em Perspectiva**, 14 (2), p.122-128, 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9795.pdf>>. Acesso em 08 de agosto de 2010.

REIS, Fabio José Garcia dos. **Patrimônio Cultural**: Revitalização e utilização. São Paulo: UNISAL, 2009. Disponível em <<http://www.lo.unisal.br/nova/publicacoes/patrimoniocultural.doc>>. Acesso em 10 out. 2009.

RIBAS, Lycio Velloso. **O Mundo das Copas**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

RIBEIRO JÚNIOR, José Cação. **Operário o fantasma da vila**. Ponta Grossa: UEPG, 2002.

_____. **Futebol ponta-grossense**: Recortes da História. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

SANT'ANA, Marco Aurélio. Memória, cidade e cidadania. *In*: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô (Orgs.). **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

SANTOS, Edvanderson Ramalho dos; CASTRO, Willian Ricardo de. Torcidas organizadas: Uma voz independente da juventude. *In*: JOVINO, Ione da Silva; COUTO, Ligia Paulo (Orgs.). **Periferia de Ponta a Ponta**: Juventude, cidadania e práticas culturais. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2010. Volume II.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Lawrence; COOK, Stuart. **Método de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Pedagógica, 1987.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002

ANEXO I - Roteiro da entrevista semi-estruturada

Entrevistas

Número de pessoas entrevistadas: 06

Equipamento: caderno de campo com o tópico guia e anotações complementares, Câmera Digital Brica – DV 110 S com gravador de áudio.

Locais: Residências ou escritórios dos entrevistados.

Tópico Guia – Roteiro semi-estruturado base para as entrevistas

Identificações gerais sobre o entrevistando (Nome, Idade, Profissão, Porque da escolha para a entrevista, tipo de relação com o Operário Ferroviário, Local e data da entrevista)

- 1- Qual a primeira coisa que lembra quando se fala no Operário...
- 2- O que o Operário representa para você?
- 3- Quais são as principais diferenças entre o futebol praticado antigamente e o atual na cidade de Ponta Grossa e no mundo em geral?
- 4- Conte-nos algumas lendas, histórias interessantes ou folclores relativos à sua época que aconteciam no ambiente do estádio ou quando se falava no Operário.
- 5- Sobre as ferrovias... Qual a ligação que você vê do Operário com os trens e com a extinta Rede Ferroviária?
- 6- Quais são as lembranças mais significativas da época? Jogadores inesquecíveis, clássicos que entraram para história, conquistas ou até mesmo derrotas que não saem da cabeça?
- 7- Sobre o clássico Operário e Guarani (OPE-GUÁ), nos fale como era, qual a representatividade, histórias interessantes e como era em dia de jogo entre essas duas equipes na cidade de Ponta Grossa.
- 8- O que acontecia na cidade em dias de jogos ou conquistas importantes do Operário? O domingo que tinha jogo do Operário era diferente dos outros dias? Porque?
- 9- Você conheceu ou fortaleceu amizades importantes de sua vida no ambiente do Estádio ou conversando sobre o Operário? Como eram as amizades e ir com os amigos ver o jogo do Operário?
- 10- Qual é a importância que você acha que o Operário Ferroviário possuiu e possui para a cidade de Ponta Grossa?

- 11- O que é ser torcedor do Operário?
- 12- O que o Operário Ferroviário tem que o diferencia de outras equipes de futebol?
- 13- Você acha que Ponta Grossa adotaria outra equipe de Futebol profissional? Porque a Pontagrossense e o Ponta Grossa Esporte Clube não vingaram? Porque o povo pontagrossense prefere o Operário?
- 14- Como eram as festas coletivas em torno do Operário?
- 15- Como era o comportamento dos torcedores antigamente no estádio? Lembra dos cânticos, manias, costumes ou tradições exercidas nas arquibancadas do Germano Krüger?
- 16- Lembra de algum torcedor folclórico que ia ao estádio antigamente?
- 17- Cite alguns mitos/lendas/história engraçadas/interessantes que ocorram no estádio ou na cidade em torno do fantasma.
- 18- Quais as principais loucuras que você já fez pelo Operário
- 19- O que você faria ou achou de quando a diretoria do Operário em 1978 queria mudar e alterar o nome do Operário Ferroviário Esporte Clube, retirando o Ferroviário do nome e deixando apenas “Operário Esporte Clube”?
- 20- Qual você acha o maior orgulho da história do Operário?
- 21- O que fazer com a história e o patrimônio cultural do Operário?
- 22- Qual sua opinião sobre o futuro do Operário? O que se fazer, onde investir? Porque investir? Qual a importância do time para o futuro da cidade?

ANEXO II - Modelo questionário

Questionário TCC de Edvander Santos - Geografia UEPG

Nome: _____ Ocupação: _____ Idade: _____

1- Qual a primeira coisa que você pensa quando falam no Operário Ferroviário?

2- Qual seu gosto pelo futebol em geral?

- Fanático
 Acima da média
 Razoável
 Baixa
 Odeio

3- Qual a importância de Ponta Grossa ter um time de futebol profissional?

- Muito Importante
 Importante
 Razoável
 Baixa

4- Porque acha importante Ponta Grossa ter um time na 1° divisão (o Operário)?

5- Para quais times você torce? Coloque em ordem os 3 primeiros:

1°: _____ 2° _____ 3° _____

6- E pelo Operário, qual seu grau de paixão?

- Fanático; Acima da média; Razoável; Gosto um pouco;
 Desgosto e não acompanho.

7- E se jogasse o Operário versus a equipe que você respondeu que também torce, para quem torceria? _____

8- O que você acha que o Operário significa para Ponta Grossa?

9- Como costuma acompanhar o Operário?

- Vai ao estádio
- Pelo rádio
- Pelas notícias da TV
- Em conversas informais
- Outra... _____

10- Com que frequência vai ao Germano Krüger?

- Quase todo jogo
- De vez em quando
- Só jogos importantes
- Nunca vai

11- Conhece bastante gente que vai ao estádio?

- Bastante
- Pouca

12- Além de ver o Operário jogar, o que mais te atrai a ir ao estádio Germano Krüger?

13- Onde você espera que o Operário chegue? _____

14- Se fundassem outro clube em Ponta Grossa, deixaria de torcer pelo Operário? Por quê?

15- O que você sentiu ou achou quando o Operário voltou para a primeira divisão?

16- Conhece alguém que foi jogador pelo Operário? Qual o status que você considera que o mesmo têm?

17- Clássico Operário x Guarani. Você lembra-se dele? Tem alguma consideração a falar? *Fale alguma história deste clássico ou sobre o que representava este clássico, ou ainda algo que seja relevante sobre o mesmo.*

18- Qual foi à época mais marcante da história do Operário para você? Por quê?

20- O que acha que o Operário tem de diferente dos outros times?

21- Por que você gosta do Operário?

22- Quem você acha que o Operário representa?

23 - O que você sente quando falam do Operário em rede estadual? E se o operário um dia conquistasse algo importante no cenário nacional? O que sentiria?

25- Você sabe o porquê do nome OPERÁRIO FERROVIÁRIO?

26- Você sabe o porquê que chamam o time de Fantasma de Vila Oficinas?

27- Porque você acha que o nome de uma das torcidas organizadas do Operário é Trem Fantasma? Acha que combina com a equipe? Por quê?

28- O Operário lembra a ferrovia? De que maneira?

29- O que você acha haver de um museu ferroviário? Ou até mesmo de um museu sobre o Operário?

30- Fale alguma consideração sobre a importância de se preservar a história e a tradição do clube e como podemos valorizar isso.

Tem alguma consideração sobre esta entrevista?

ANEXO III – Links dos websites

Lista dos web sites:

Abaixo listamos os websites de relacionamento social, jornais e outras páginas da web visitadas da onde se retirou Frases de torcedores do Operário:

Comunidade do Operário Ferroviário no Orkut: Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=172368>>.

Comunidade da Torcida Trem Fantasma no Orkut. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=795381>>.

Comunidade da torcida Fúria Jovem Operariana. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=57183096>>.

Jornal da Manhã. Disponível em: < www.jmnews.com.br>.

Diário dos Campos. Disponível em: < www.diariodoscamos.com.br>.

Operário.com (Site não oficial do Operário Ferroviário. Disponível em: <www.operario.com>.

NetEsporteClube. Disponível em: < www.netesportecolube.com.br>.

ANEXO IV - Conquistas do Operário Ferroviário

As conquistas do Operário Ferroviário

Transcrevemos aqui as principais conquistas do Operário Ferroviário Esporte Clube. Agradecemos ao torcedor Robinson Giebiluka pela paciência na compilação e organização da tabela abaixo apresentada. Esta tabela, faz parte de uma crônica escrita pelo autor acima citado e esta disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/39930012>>.

Época do Amadorismo [entre 1914 e 1955]

1914	Campeão Pontagrossense, mudança de nome para Operário Sport Club
1915	3º Colocado na série “B” da Liga Sportiva Paranaense (L.S.P.)
1916	Campeão pela 2ª divisão da A.P.S.A (Associação Sportiva Paranaense de Esportes Atléticos)
1917	“Campeão da Simpatia” (maior nº de vitórias) pela L.R.P.G. (Liga Regional de Ponta Grossa)
1918	Campeão da “Taça Abraham Glasser” pela L.E.P. (Liga Esportiva Pontagrossense)
1919	Bi-Campeão da “Taça Abraham Glasser” (Invicto)
1922	Torneio “Centenário” Operário E.C. Campeão do Interior e vice-Campeão Estadual pela A.S.P.
1923	Vice Campeão Estadual, pela Liga Paranaense de Desportos.
1924	Disputou o título Estadual com Palestra Itália, sendo mais uma vez o Campeão do Interior.
1925	Campeão Pontagrossense e Campeão do Interior.
1926	Bi-Campeão Princesino e Campeão do Interior.
1927	Campeão do Torneio Início em Curitiba (no dia 1º de Maio).
1928	Campeão do Torneio Início em 20 de maio daquele ano.
1929	Campeão do Torneio Início ; Campeão Pontagrossense ; Campeão do Interior
1930	Vice Campeão Estadual (C. Atlético Paranaense ficou com o título); Tri-Campeão Pontagrossense
1932	Vice-Campeão Paranaense
1933	Passa a se chamar OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE em 15 de maio de 1933.
1934	Campeão do Interior (C. Atlético P. Campeão Estadual)
1936	Campeão do Interior (C. Atlético P. Campeão Estadual)

1937	Campeão do Interior (C. A. Ferroviário Campeão Estadual)
1938	Vice-Campeão Estadual (C. A. Ferroviário Campeão Estadual).
1940	Campeão Pontagrossense e Vice-Campeão Estadual (C. Atlético P, foi o Campeão)
1941	Oficializado o Estádio “Germano Krüger” no dia 12 de Outubro do mesmo ano.
1942	Campeão do Torneio Início em 12-04-1942
1943	Campeão do Torneio “Relâmpago” em 12 de Abril de 1943.
1945	Campeão Pontagrossense
1946	Bi-Campeão Pontagrossense e Campeão da “Taça Cidade de Ponta Grossa”
1947	Tri-Campeão Pontagrossense
1948	Mais uma vez conseguiu o Vice-Campeonato Paranaense.
1949 e 1952	Campeão Pontagrossense Invicto nos dois certames.
1953	Campeão do Torneio Início Profissional Princesino e “Campeoníssimo do Centenário” (Campeonato de Profissionais Pontagrossense)
1955	1955- Campeão Pontagrossense.
	Era do Profissionalismo [dados entre 1956 e 2009]
1956	Campeão do Quadrangular do Interior ; Campeão Absoluto do Torneio Início Profissional (Interior e Capital).
1958	Vice-Campeão Estadual Profissional
1961	1961- Campeão da Zona Sul, impedindo o Coritiba de obter o inédito tri-campeonato, sendo este o principal título do OFEC da história.
1962	Zona Sul, obteve o 3º. lugar
1964	Campeão do Torneio Quadrangular “Barros Júnior”; Vice-Campeão da Zona Sul-Central
1966	Campeão da divisão de acesso Zona Sul, e Vice-Campeão Estadual.
1967	Campeão do Torneio Quadrangular “Barros Júnior” em Ponta Grossa.
1969	Campeão Paranaense da Divisão de Acesso. (Chamada de 1º Divisão, pois a divisão Principal, levava o nome de Especial).
1971	Licenciado do Campeonato Paranaense.
1975	Campeão da “Taça Sul”
1979	1979- Participação inédita no Campeonato Brasileiro, ocupando a sexta vaga do

	Paraná, nesta que foi chamada de “Copa Brasil”, onde no jogo contra o Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas, ficou gravado o recorde de público no Germano Krüger oficialmente até esta data, num total de 11.800 pagantes, para o empate em 1 a 1. (*Obs: Com arquibancadas moduladas, extras, chegou-se a cogitar que havia presente, entre 14 e 15 mil pessoas. Outros, até hoje falam que mais de 20 mil operários estavam no estádio, naquela memorável partida.)
1980	Vice-Campeão do Torneio da Morte. ; Campeão do “Torneio da Amizade”; Participação do Campeonato Brasileiro da Série Prata.
1984	Vice-Campeão da Divisão de Acesso
1985	Vice-Campeão da Divisão de Acesso
1989	13° Colocado na Divisão Principal daquele ano. Volta a disputar o Campeonato Brasileiro, até 1992. Termina sua reestréia num Campeonato Brasileiro, no dia 19/11/1989, eliminado nas oitavas de final contra o Juventude-RS, por saldo de gols. O fantasma fez uma baita campanha em 14 jogos: 11 vitórias, 2 empates e somente 1 derrota. Colocação Final: 11° (Num total de 96 participantes).
1990	3° Colocado no Campeonato Paranaense, Campeão do Interior. E 3° Colocado no Campeonato Brasileiro da série “B” (Sport Recife – Campeão e CAP, Vice. Naquele tempo subiam apenas 2, o Operário não subiu por apenas 1 ponto a elite nacional.).
1991	3° Colocado no Campeonato Paranaense, Campeão do Interior.
1992	4° . Colocado no Campeonato Paranaense. Londrina Campeão.
1994	Licenciado do campeonato Paranaense, voltaria somente em 1999, numa fusão com o Ponta Grossa, ficando em 6° lugar na competição do estado.
2008	Aspira uma vaga à divisão de Ouro em 2009. Considerado pela revista Placar a maior Torcida da Divisão de acesso do Brasil e a maior torcida do Interior do Paraná, marcando novo recorde de público este ano na partida contra o Foz do Iguaçu, onde estiveram presentes 9.000 torcedores, fora centenas que não conseguiram ingresso, no dia em que o OFEC completou 96 anos!
2009	Vice-campeão da Divisão de Acesso, garantido depois de 16 anos e 6 temporadas na segunda divisão o almejado trunfo, jogando em casa a partida decisiva para classificação, contra a Portuguesa de Londrina, em dia chuvoso, um empate em 0 a 0, garantiu o acesso, destaque mais uma vez para o público registrado em 9.018 torcedores, sendo 8.500 pagantes.

ANEXO V – Amistoso das origens

Operário prepara time para 'Amistoso das Origens'

Thiago Moro 17 de novembro de 2009 10:02hrs



Vitor Hugo Gonçalves – Net Esporte Clube

Jogo contra o Coritiba será nesse sábado; elenco alvinegro terá vários jogadores conhecidos da torcida

O Operário Ferroviário promete encarar de frente o Coritiba no próximo sábado, 21, durante a realização do 'Amistoso das Origens', que é um dos principais eventos da programação alusiva a comemoração do centenário do Coritiba.

No evento, a delegação do Coritiba, envolvendo torcedores, ex-atletas e dirigentes, viaja de trem de Curitiba para Ponta Grossa, relembrando a viagem de 100 anos atrás, que resultou na fundação do clube coxa-branca.

Já no período da tarde, acontece a partida entre os veteranos de Operário e Coritiba. O time ponta-grossense está sendo montado pelo presidente Carlos Roberto Iurk e terá vários atletas com passagens de destaque pelo Fantasma. O goleiro será Osmar, um dos maiores ídolos recentes do clube. Ele terá a companhia de Gracindo, Dutra, Zé Branco, Nilson, Adilson, Serginho, Véio, entre outros jogadores que se destacaram nas décadas de 70 e 80 em Vila Oficinas.

Por conta da reforma no Germano Kruger, o jogo acontece no estádio Paula Xavier, do Guarani e terá entrada franca aos torcedores ponta-grossenses.

Fonte: Operário.com. Disponível em: < <http://operario.com/noticias/operario-prepara-time-para-amistoso-das-origens/>>.

ANEXO VI – Lista de clubes ferroviários

LISTA DE CLUBES FERROVIÁRIOS

O escritor Arnaldo Bach pesquisou e encontrou 80 clubes de origem ferroviária que se profissionalizaram. Alguns, inclusive conquistaram importantes títulos profissionais. Mais informações podem ser pesquisadas em BACH (BACH, Arnaldo Monteiro. Trens. Palmeira-PR, 2008).

EQUIPE	LOCAL	Fundação
Sport Clube São Paulo	Rio Grande (RS)	04/10/1908
Clube Sportivo Ferroviário de Bagé	Bagé (RS)	N/identificado
Esporte Clube Ferro Carril	Uruguaiana (RS)	01/03/1916
Ferroviário Elite Futebol Clube	Santiago (RS)	13/03/1946
Rio-Grandense Futebol Clube	Santa Maria (RS)	07/05/1912
Grêmio Rio Grandense Futebol Clube	Cruz Alta (RS)	30/07/1929
Rio-Grandense Foot - Bali Club	Passo Fundo (RS)	08/08/1925
Ferroviário Esporte Clube	União da Vitória (PR)	01/05/1944
Ferroviário Esporte Clube	Videira (SC)	1953
Ferroviário Esporte Clube	Corupá (SC)	1957
Tubarão Futebol Clube	Tubarão (SC)	20/01/1944
Ferroviário Atlético Clube	Morrétes (PR)	1954
Clube Atlético Ferroviário	Curitiba (PR)	12/01/1930
Associação Recreativa Ferroviária	Curitiba (PR)	1961
Operário Ferroviário Esporte Clube	Ponta Grossa (PR)	15/05/1933
Esporte Clube Recreativo Ferroviário	Jaguariaíva (PR)	01/03/1939
Ferroviário Esporte Clube	Wenceslau Braz (PR)	15/07/1934
Rede Futebol Clube	Itararé (SP)	16/01/1947
São Paulo Railway Atlético Clube	São Paulo (SP)	16/02/1919
Clube Atlético Sorocabana de Mairinque	Mairinque (SP)	12/03/1940
Sorocaba Atlético Clube	Sorocaba (SP)	1913
Estrada de Ferro Sorocabana Futebol C	Sorocaba (SP)	11/11/1930
Esporte Clube Ferroviário	Bernardino dos Campos	16/07/1947
União Atlético Ferroviária Cândido mo	Cândido Mota (SP)	15/11/1949
Associação Ferroviária de Assis	Assis (SP)	01/06/1927

Associação Ferroviária Anastaciana	Santo Anastácio (SP)	04/02/1952
Associação Atlético Ferroviária	Botucatu (SP)	03/05/1939
Ferroviários Atlético Clube	Bragança Paulista (SP)	1948
Paulista Foot Bali Club	Jundiaí (SP)	17/05/1909
Esporte Clube Paulista	Piracicaba (SP)	01/01/1929
Ferroviário Futebol Clube	Marília (SP)	01/05/1953
Paulista Futebol Clube	Rincão (SP)	15/05/1939
Esporte Clube Noroeste	Bauru (SP)	01/09/1910
Esporte Clube Ferroviário	Lins (SP)	1951
Associação Atlético Ferroviária	Araraquara (SP)	1943
Associação Ferroviária de Esportes	Araraquara (SP)	12/04/1950
América Futebol Clube	São José do Rio Preto	28/01/1946
Esporte Clube Mogiana	Campinas (SP)	07/06/1933
Botafogo Futebol Clube	Ribeirão Preto (SP)	1918
Clube Atlético Ferroviário	Goiânia (GO)	1959
Associação Atlético Ferroviária	Pindamonhangaba (SP)	12/04/1930
Clube Social Olímpico Ferroviário	Santos Dumont (RJ)	19/07/1925
Social Olímpico Ferroviário	Conselheiro Lafaiete(MG)	21/05/1963
Ferroviário Futebol Clube Jtabirito	Itabirito (MG)	1958
Ferroviário Esporte Clube	Sabará (MG)	17/08/1969
Ferroviário Esporte Clube	Santa Bárbara (MG)	06/08/1950
Social Olímpico Ferroviário de Belo Horizonte	Belo Horizonte (MG)	02/05/1928
Associação Ferroviária Esportiva	Belo Horizonte (MG)	10/01/1964
Ferroviário Esporte Clube	Mateus Leme (MG)	01/11/1970
Ferroviário Atlético Clube	Divinópolis (MG)	06/05/1934
Ferroviário Esporte Clube	Montes Claros (MG)	1951
Associação Atlético Ferroviária Itabireense	Itabira(MG)	19/04/1958
Valeriodoce Esporte Clube	Itabira(MG)	22/11/1942
Ferroviário Futebol Clube de Ubá	Ubá (MG)	01/05/1961
Leopoldina Futebol Clube	Cachoeiro de Itapemirim (MG)	1940

Associação Desportiva Ferroviária	Vitória (ES)	17/06/1963
Ferroviário Atlético Clube	Ilhéus (BA)	05/02/1955
Associação Ferroviária Esporte Clube	Nazaré das Farinhas (BA)	14/05/1944
Associação Ferroviária de Alagoinhas	Alagoinhas (BA)	27/07/1953
Esporte Clube Ferroviário	Santo Amaro da Purificação (BA)	08/07/1967
Ferroviário Atlético Clube	São Félix(BA)	08/12/1946
Ferroviário Atlético Clube	Maceió (AL)	01/05/1937
Associação Sportiva Arapiraquense	Arapiraca (AL)	02/OS/1937
Associação Atlética dos Ferroviários de Palmares	Palmares (AL)	15/11/1941
Ferroviário Esporte Clube do Cabo	Cabo de Santo Agostinho (PE)	18/12/1961
Ferroviário Futebol Clube	São Caetano (PE)	14/07/1965
Ferroviário Esporte Clube	Sertânia(PE)	15/11/1964
Associação Atlética Ferroviária	Sertânia(PE)	13/03/1972
Ferroviário Esporte Clube	Serra Talhada (PE)	15/09/1979
Associação Atlética Great Western	Recife (PEJ)	17/03/1928
Ferroviário Esporte Clube	João Pessoa (PA)	14/04/1953
Ferroviário Esporte Clube	Natal (RN)	06/11/1952
Ferroviário Esporte Clube	Mossoró (RN)	28/11 /1947
Ferroviário Football Clube	Fortaleza (CE)	09/05/1933
Ferroviário Esporte Clube	Floriano (PI)	1948
Ferroviário Esporte Clube	São Luiz (MA)	10/09/1941
Ferroviário Esporte Clube	Castanhal (MA)	01/09/1970
Trem Desportivo Clube	Macapá (AP)	01/01/1947
Ferroviário Atlético Clube	Manaus (AM)	30/08/1962
Ferroviário Atlético Clube	Porto Velho (RO)	12/07/1943

ANEXO VII – Operário desde criança

Cidade

AGORA TODO MUNDO É OPERÁRIO

Foto de David D'Almeida

OPERÁRIO DESDE CRIANCINHA

O AMOR PELO FANTASMA, QUE VOLTOU A ARDER NO CORAÇÃO DOS TORCEDORES, É MAIOR QUE O PRÓPRIO TIME, QUE DESDE 2004 VEM LUTANDO POR UMA VAGA NA PRIMEIRA DIVISÃO DO PARANAENSE

NAHA DO TEMPO

que no próximo jogo sabendo o social do seu novo time da criação

12 Fundação do clube Foz de Iguaçu Futebol Clube

51 Associação Operária Futebol Clube

75 Associação Operária

79 Clube Atlético Operário de Foz de Iguaçu

89 Associação Operária Futebol Clube

90 Associação Operária Futebol Clube

91 Associação Operária Futebol Clube

92 Associação Operária Futebol Clube

93 Associação Operária Futebol Clube

94 Associação Operária Futebol Clube

95 Associação Operária Futebol Clube

96 Associação Operária Futebol Clube

04-2007 Associação Operária Futebol Clube

09 Associação Operária Futebol Clube

10 Associação Operária Futebol Clube



O Operário está na moda. Melhor dizer: o amor pelo Operário voltou a estar na moda. Nas últimas semanas, um simples amplificador noticiado os apaixonados torcedores de público registrados no Colmeirão Krüger. O mais emblemático deles foi dia 17 de maio passado, o dia do Jantar de Boas-vindas, com ensaio e garra pagantes. Só que a mais surpreendente das notícias é que apenas uma parcela ínfima de membros das duas correntes organizadas da cidade - a Trem Fantasma e a Fúria Jovem - se manifestou. O resto é formado por torcedores independentes, os chamados "torcedores solitários do Operário de Foz de Iguaçu".

Nos últimos tempos, o amor pelo Operário voltou a infundir o coração dos torcedores "massivos", conhecida coleção fantasma, já um dos mais tradicionais de Foz de Iguaçu, considerada a maior torcida do interior do Paraná, com 100 membros. "Entendo que é uma situação favorável que está proporcionando isso, como a compatibilidade do novo grupo gestor, a constatação da qualidade de nível, a exatidão das informações técnicas e, claro, o amor da torcida, que, quando acontece, é como o pai que regressando o filho por amor".

A situação de torcer não está das melhores, mas a paixão do torcedor com o clube está baseada no respeito da linha dos seus tempos de amor. Eles têm paciência porque têm esperança. Se o time desaparecer, não, como ocorreu nos últimos dois jogos que antecederam a segunda fase da Divisão de Acesso (na qual o Operário disputará por uma vaga na Terceira Divisão do Paranaense), o torcedor continua que o time que não merece existir a torcida do Operário. "Mas, então, você não vive pelo Operário", era um dos pedidos que a torcida dirigiu aos jogadores.

O torcedor operário espera que o time, qualquer que seja ele, esteja à altura do resto do fantasma, uma entidade sobrenatural que já aconteceu de grandes torças da capital (veja foto). Apesar disso (ou por causa disso), o clube se encontra a segunda fase da Divisão de Acesso, na luta de junho, enchendo o coração do torcedor de expectativa. "Agora é a hora, o Operário tem uma boa equipe e uma torcida fiel. É obrigação do time mandar bem e fazer justiça ao seu nome", conclui o engenheiro Luciano Braga, 31, torcedor desde criança. ■